



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

GERMANO GABRIEL LIMA ESTEVES

**COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL: UMA AVALIAÇÃO A PARTIR DA  
AGRESSIVIDADE, PERSONALIDADE E PSICOPATIA**

Maceió

2014

GERMANO GABRIEL LIMA ESTEVES

**COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL: UMA AVALIAÇÃO A PARTIR DA  
AGRESSIVIDADE, PERSONALIDADE E PSICOPATIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, por Germano Gabriel Lima Esteves, sob a orientação, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho

Maceió

2014

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Maria Helena Mendes Lessa**

E79c Esteves, Germano Gabriel Lima.

Comportamento antissocial: uma avaliação a partir da agressividade, personalidade e psicopatia / germano Gabriel Lima Esteves. – Maceió, 2014.  
153 f. : il.

Orientador: Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2014.

Bibliografia: f. 113-144.

Anexos: f. 145-153.

1. Comportamento antissocial. 2. Agressividade (Psicologia). 3. Psicopatia.  
4. Personalidade (Psicologia). 5. Avaliação psicológica. I. Título.

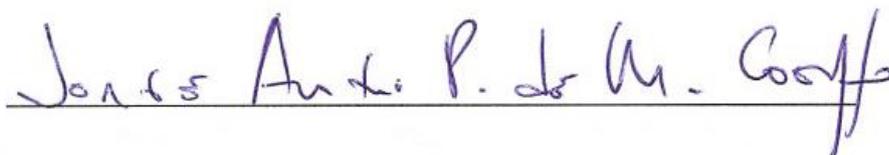
CDU: 159.97

## Folha de Aprovação

GERMANO GABRIEL LIMA ESTEVES

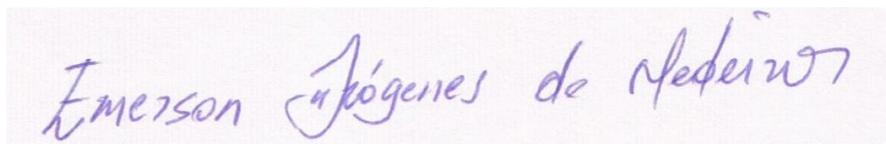
COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL: UMA AVALIAÇÃO A PARTIR DA  
AGRESSIVIDADE, PERSONALIDADE E PSICOPATIA

Dissertação submetida ao corpo docente do  
Programa de Mestrado em Psicologia da  
Universidade Federal de Alagoas e aprovada  
em /12/2014.

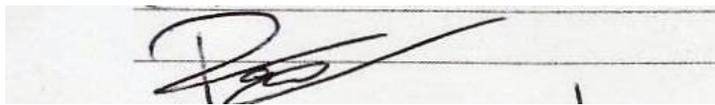


Prof. Dr. Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho (UFAL) (Orientador)

### Banca Examinadora:



Prof. Dr. Emerson Diógenes de Medeiros (UFPI) (Avaliador Externo)



Prof. Dr. Raner Miguel Ferreira Póvoa (UFAL) (Avaliador Interno)

Para todos aqueles aos quais sou grato.

## AGRADECIMENTOS

Minha imensa gratidão ao Professor, Doutor, Orientador e Amigo, Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho, no âmbito acadêmico, devido às lições, o suporte, a confiança e orientação profissional, e no âmbito pessoal, devido aos conselhos, orientações, descontração e amizade, que me proporcionaram amadurecimento profissional e pessoal para todo o sempre.

Aos meus pais José Germano Lopes Esteves (*in memoriam*) e Rosilda de Lima Esteves, aos meus irmãos Mayara Raysa Lima Esteves e Antônio Germineo Lima Esteves, a minha tia Gerleni Lopes Esteves e a toda minha família por todo o apoio e por proporcionarem a educação e respeito fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos Professores (as) Sheyla C. Santos Fernandes e Vagner Herculano de Souza, pelos conselhos acadêmicos, pessoais, apoio e oportunidades concedidas.

Aos professores que contribuíram para minha formação acadêmica: Henrique Jorge Simões Bezerra (Universidade Federal de Alagoas) e Francis Ricardo dos Reis Justi (Universidade Federal de Alagoas).

Aos Professores (as) Raner Miguel Ferreira Póvoa e Emerson Diógenes de Medeiros, por suas contribuições para a presente dissertação e pela disponibilidade em prontamente aceitar o convite para participar da banca de defesa, compartilhando suas ideias, sugestões e pontos de vista.

Aos meus amigos (as), eternos integrantes do Laboratório de Avaliação e Medida Cognitivo-Emocional (LAMCE) e do grupo de pesquisas Bases Cognitivo-Emocional do Comportamento (BCEC), Bruna Nogueira Romariz Barros, Maria Luisa Maia Nobre de Paiva, Kathiane Pereira de Jesus, Elka Karollyne Alves Santos, Andressa Carolina de Oliveira Mundim, Carolina Lopes César de Cerqueira, Verônica Santos da Silva e Gustavo Henrique Silva de Souza.

Aos integrantes, orientados pela prof<sup>a</sup>. Sheyla Fernandes, Emanuel Duarte de Almeida Cordeiro, Suzana Cavalcanti, Amanda Vrijdags, Jéssica Ballesteros e Lawerton Braga.

De modo especial, aos amigos (as), Emanuel Duarte de Almeida Cordeiro, Maria Luisa Maia Nobre de Paiva, Pollyana de Albuquerque Silva, Márcio Braga de Melo e Nayara Paes Cavalcante.

Ao Exmo. Sr. Dr. Juíz da vara de execuções penais José Braga Neto e as psicólogas Márcia e Leila, pela autorização para coleta de dados e pela gentileza e suporte oferecidos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por conceder os recursos que possibilitaram meus estudos.

A todos os leitores.

## RESUMO

Objetivou-se avaliar o comportamento antissocial com base na agressividade, personalidade e psicopatia. Também, buscou-se verificar a relação entre a psicopatia e agressividade e verificar a relação entre psicopatia e personalidade. Contou-se com a participação de 48 detentos, inseridos em atividades de ressocialização, do sexo masculino, em regime fechado na unidade prisional Baldomero Cavalcanti de Oliveira, localizado na cidade de Maceió (AL), com idade média de 34,6 anos (DP = 8,68). Os participantes responderam aos seguintes instrumentos de medida: (1) *Questionário de Agressão de Buss-Perry*; (3) *Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – IGFP - 5*; (4) *Levenson Self-Report Psychopathy Scale*; (5) *Questionário Demográfico*. Para além dos instrumentos utilizados, também obteve-se informações sobre o comportamento do detento e a tipificação criminal por meio de relatos dos entrevistados, bem como por relatos dos funcionários (agentes penitenciários e integrantes dos setores de saúde) da unidade prisional, que foram agrupadas em um diário de campo ao final de cada entrevista. A aplicação dos instrumentos foi realizada por um entrevistador previamente treinado por meio de entrevista cara-a-cara em sala com condições ótimas e seguindo o *modus operandi* do sistema prisional. Os participantes foram esclarecidos sobre o anonimato e sigilo de suas respostas e obteve-se o consentimento livre e esclarecido de todos os participantes. As respostas foram submetidas a análises descritivas por meio do software IBM SPSS (versão 22). Os resultados revelaram uma baixa agressividade física (M= 1,75; DP= 0,74), escores medianos em agressividade verbal (M= 2,64; DP= 1,16), raiva (M= 2,47; DP= 0,91), hostilidade (M= 2,92; DP= 0,73); escores medianos para psicopatia primária (M= 2,02; DP= 0,57) e psicopatia secundária (M= 1,90; DP= 0,45), bem como um padrão de personalidade composto por uma elevada amabilidade (M= 4,63; DP= 0,65), abertura a mudança (M= 4,16; DP= 0,60), conscienciosidade (M= 4,07; DP= 0,63) e extroversão (M= 3,37; DP= 0,55) e um baixo neuroticismo (M= 2,40; DP= 0,87). Procederam-se ainda análises de correlação e regressão linear múltipla, que explicitaram a agressividade física ( $\beta = 0,55, p = 0,001$ ) e a hostilidade ( $\beta = 0,33, p = 0,029$ ) como preditoras da psicopatia primária e secundária, respectivamente. No tocante a personalidade as dimensões de abertura à mudança ( $\beta = 0,37, p = 0,032$ ) e conscienciosidade ( $\beta = -0,41, p = 0,024$ ) apresentaram-se preditoras da psicopatia secundária. Confia-se que os resultados alcançados permitiram avaliar o comportamento antissocial, apresentando as relações entre os construtos elencados. Argumenta-se que a avaliação de detentos por meio de medidas de autorrelato produzem padrões de respostas e relacionamentos que não coadunam com o comportamento do detento no sistema prisional e características da tipificação criminal. Também propõe-se uma agenda de estudos futuros que visem novas formas de avaliação do comportamento antissocial por meio de medidas de reações fisiológicas.

**Palavras-chave:** Comportamento Antissocial. Agressividade. Psicopatia. Personalidade. Avaliação Psicológica

## ABSTRACT

This study aimed to assess the antisocial behavior based on aggression, personality and psychopathy. Also, we sought to investigate the relationship between psychopathy and aggression and the relation between psychopathy and personality. Counted with the participation of 48 inmates, inserted in rehabilitation activities, male, in closed regime in the prison unit Baldomero Cavalcanti de Oliveira, located in the city of Maceió (AL), with a mean age of 34.6 years (SD = 8.68). Participants responded to the following measuring instruments: (1) *Aggression Questionnaire Buss-Perry*; (3) *Inventory of the Big Five Personality - IGFP - 5*; (4) *Levenson Self-Report Psychopathy Levenson Scale*; (5) *Demographic Questionnaire*. In addition to the instruments used, also obtained information about the inmates behavior and the criminal classification by the interviewees' reports, as well as reports of the staff (prison officers and members of the health sectors) of the prison unit, which were grouped into a diary at the end of each interview. The implementation of the instruments was performed by a previously trained interviewer through face-to-face interview room with optimal conditions and following the modus operandi of the prison system. Participants were informed about the anonymity and confidentiality of their answers and the free consent was obtained and informed of all participants. The answers were submitted to descriptive analysis using the IBM SPSS software (version 22). The results revealed a low physical aggression (M = 1.75, SD = 0.74), median scores in verbal aggression (M = 2.64, SD = 1.16), anger (M = 2.47, SD = 0.91), hostility (M = 2.92, SD = 0.73); Median scores for primary psychopathy (M = 2.02, SD = 0.57) and secondary psychopathy (M = 1.90, SD = 0.45) and a character pattern consisting of a high agreeableness (M = 4.63, SD = 0.65), openness to experience (M = 4.16, SD = 0.60), conscientiousness (M = 4.07, SD = 0.63) and extraversion (M = 3.37, SD = 0.55) and low neuroticism (M = 2.40, SD = 0.87). Was proceeded even correlation analysis and *multiple linear regression* which explained the physical aggression ( $\beta = 0.55$ ,  $p = 0.001$ ) and hostility ( $\beta = 0.33$ ,  $p = 0.029$ ) as predictors of psychopathy and secondary, respectively. In terms of personality the dimensions of openness to experience ( $\beta = 0.37$ ,  $p = 0.032$ ) and conscientiousness ( $\beta = -0.41$ ,  $p = 0.024$ ) presented predictors of secondary psychopathy. Reliance is placed that the results obtained allow us to assess the antisocial behavior, showing the relationships between the listed constructs. It is argued that the assessment of inmates through self-report measures produce response patterns and relationships that not consistent with the inmate's behavior in the prison system and characteristics of criminal classification. Future studies are also proposed that assessment of antisocial behavior through physiological reactions measures

**Keywords:** Antisocial Behavior. Aggression. Psychopathy. Personality. Psychological Assessment

## RESUMEN

Esta tesis tuvo como objetivo evaluar el comportamiento antisocial en base a la agresión, la personalidad y la psicopatía. Además, hemos tratado de investigar la relación entre la psicopatía y la agresión y la relación entre la psicopatía y la personalidad. Contó con la participación de 48 reclusos, inserta en las actividades de rehabilitación, varón, en régimen cerrado en la unidad penitenciaria Baldomero Cavalcanti de Oliveira, que se encuentra en la ciudad de Maceió (AL), con una edad media de 34,6 años ( $SD = 8,68$ ). Los participantes respondieron a los siguientes instrumentos de medida: (1) *Cuestionario de Agresión de Buss-Perry*; (3) *Inventario de la Personalidad Cinco Grandes - IGFP - 5*; (4) *la Escala de Autoinforme de la Psicopatía Levenson*; (5) *Cuestionario Demográfico*. Además de los instrumentos utilizados, también obtuvo información sobre la conducta del detenido y el tipo penal por los informes de los entrevistados, así como los informes del personal (funcionarios de prisiones y miembros de los sectores de salud) de la unidad de la prisión, los cuales fueron agrupados en un diario en el extremo de cada entrevista. La aplicación de los instrumentos fue realizada por un entrevistador entrenado previamente por la oficina cara a cara entrevista con condiciones óptimas y siguiendo el modus operandi del sistema penitenciario. Los participantes fueron informados sobre el anonimato y la confidencialidad de sus respuestas y se obtuvo el consentimiento libre e informado de todos los participantes. Las respuestas fueron sometidos al análisis descriptivo utilizando el software IBM SPSS (versión 22). Los resultados revelaron una agresión física baja ( $M = 1,75$ ,  $SD = 0,74$ ), mediana de las puntuaciones en agresión verbal ( $M = 2,64$ ,  $SD = 1,16$ ), la ira ( $M = 2,47$ ,  $SD = 0,91$ ), la hostilidad ( $M = 2,92$ ,  $SD = 0,73$ ); mediana de las puntuaciones de psicopatía primaria ( $M = 2,02$ ,  $SD = 0,57$ ) y la psicopatía secundaria ( $M = 1,90$ ,  $SD = 0,45$ ) y un patrón de caracteres que consta de un gran amabilidad ( $M = 4,63$ ,  $SD = 0,65$ ), apertura a nuevas experiencias ( $M = 4,16$ ,  $SD = 0,60$ ), responsabilidad ( $M = 4,07$ ,  $SD = 0,63$ ) y la extroversión ( $M = 3,37$ ;  $SD = 0,55$ ) y baja inestabilidad emocional ( $M = 2,40$ ,  $SD = 0,87$ ). Se procedió incluso análisis de correlación y *regresión lineal múltiple*, que explicó la agresión física ( $\beta = 0,55$ ,  $p = 0,001$ ) y hostilidad ( $\beta = 0,33$ ,  $p = 0,029$ ) como predictores de la psicopatía y sobresalir secundaria, respectivamente. En términos de personalidad dimensiones de apertura a nuevas experiencias ( $\beta = 0,37$ ,  $p = 0,032$ ) y responsabilidad ( $\beta = -0,41$ ,  $p = 0,024$ ) presentó predictores de la psicopatía secundaria. Se confía en que los resultados obtenidos nos permiten evaluar el comportamiento antisocial, que muestra las relaciones entre los constructos mencionados. Se argumenta que la evaluación de los internos a través de medidas de auto-informe producir patrones de respuesta y relaciones que no son consistentes con el comportamiento del recluso en el sistema penitenciario y las características de tipo penal. Estudios futuros han sido también propuestos, procurando com a evaluación de la conducta antisocial a través de medidas de reacciones fisiológicas.

**Palabras clave:** Comportamiento Antisocial. Agresión, psicopatía. Personalidad. Evaluación Psicológica

## LISTA DE FIGURAS

---

FIGURA 1. MODELO GERAL DA AGRESSÃO (ADAPTADO DE ANDERSON E BUSHMAN (2002A))..41

## LISTA DE QUADROS

---

---

QUADRO 1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS TEORIAS E PERSPECTIVAS DA PERSONALIDADE .....	50
QUADRO 2. DESCRIÇÃO RESUMIDA DOS CGF.....	55

## LISTA DE TABELAS

---

TABELA 1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS .....	59
TABELA 2. MÉDIA, DESVIO PADRÃO, MÍNIMO E MÁXIMO, ERRO PADRÃO E INTERVALO DE CONFIANÇA DE 95% PARA OS FATORES DO QUESTIONÁRIO DE AGRESSÃO DE BUSS-PERRY (N= 48).....	63
TABELA 3. MÉDIA, DESVIO PADRÃO, MÍNIMO E MÁXIMO, ERRO PADRÃO E INTERVALO DE CONFIANÇA DE 95% PARA AS DIMENSÕES DO INVENTÁRIO DOS CINCO GRANDES FATORES DA PERSONALIDADE – IGFP-5 (N= 48). ....	64
TABELA 4. MÉDIA, DESVIO PADRÃO, MÍNIMO E MÁXIMO, ERRO PADRÃO E INTERVALO DE CONFIANÇA DE 95% PARA OS FATORES DA SELF-REPORT PSYCHOPATHY SCALE (N= 48)..	64
TABELA 5. MÉDIA E DESVIO DA AGRESSIVIDADE PADRÃO FRENTE A TIPIFICAÇÃO CRIMINAL. ...	65
TABELA 6. MÉDIA E DESVIO PARA AS DIMENSÕES DO INVENTÁRIO DOS CINCO GRANDES FATORES DA PERSONALIDADE – IGFP-5 .....	66
TABELA 7. MÉDIA E DESVIO PARA OS FATORES DA <i>SELF-REPORT PSYCHOPATHY SCALE</i> . ....	66
TABELA 8. MODELO DE REGRESSÃO PREDIZENDO A PSICOPATIA PRIMÁRIA A PARTIR DA AGRESSIVIDADE .....	69
<b>TABELA 9.</b> MODELO DE REGRESSÃO PREDIZENDO A PSICOPATIA SECUNDÁRIA A PARTIR DA AGRESSIVIDADE .....	70
TABELA 10. MODELO DE REGRESSÃO PREDIZENDO A PSICOPATIA PRIMÁRIA A PARTIR DAS CINCO GRANDES DIMENSÕES DA PERSONALIDADE .....	72
TABELA 11. MODELO DE REGRESSÃO PREDIZENDO A PSICOPATIA SECUNDÁRIA A PARTIR DAS CINCO GRANDES DIMENSÕES DA PERSONALIDADE .....	72

## SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>PARTE I: MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>20</b>
<b>1 COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL.....</b>	<b>20</b>
1.1. DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DO COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL .....	20
1.2. FATORES DE RISCO E FATORES DE PROTEÇÃO .....	20
1.3. TEORIAS EXPLICATIVAS DO COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL.....	21
1.3.1. TEORIAS CLÁSSICAS DOS COMPORTAMENTOS ANTISSOCIAIS .....	22
1.3.1.1 TEORIA DA ANOMIA SOCIAL .....	22
1.3.1.2 TEORIA DA ASSOCIAÇÃO DIFERENCIAL .....	23
1.3.1.3 TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL COGNITIVA .....	24
1.3.1.4 TEORIA DO CONTROLE E DO VÍNCULO SOCIAL .....	25
1.3.2. TEORIAS DESENVOLVIMENTISTAS DO COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL.....	26
1.3.2.1. MODELO INTEGRADOR DE ELLIOTT .....	26
1.3.2.2. MODELO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL .....	27
1.3.2.3. MODELO DA COERÇÃO DE PATTERSON.....	27
1.3.2.4. TEORIA DA AUTORREJEIÇÃO.....	28
1.3.2.5. TAXONOMIA DE MOFFITT .....	29
1.3.2.6. TEORIA DA CONDUTA-PROBLEMA .....	30
1.3.2.7. TEORIA INTERACIONAL.....	31
<b>2 COMPORTAMENTO AGRESSIVO.....</b>	<b>33</b>
2.1. DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO .....	33
2.2. TEÓRICAS EXPLICATIVAS DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO.....	34
2.2.1. TEORIAS CLÁSSICAS DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO .....	34
2.2.1.1. ETIOLOGIA DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO .....	34
2.2.1.2. TEORIA DA AGRESSÃO-FRUSTRAÇÃO .....	35
2.2.1.3. TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL.....	36
2.2.2. MODELOS INTEGRATIVOS RECENTE .....	36
2.2.2.1. TEORIA NEO-ASSOCIACIONISTA.....	36
2.2.2.2. TEORIA DO PROCESSAMENTO DE INFORMAÇÃO.....	38

2.2.2.3. MODELO GERAL DA AGRESSÃO.....	39
2.2.3. COMPORTAMENTO AGRESSIVO E COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL.....	41
<b>3 PSICOPATIA .....</b>	<b>43</b>
3.1. DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DE PSICOPATIA.....	43
3.2. PRINCIPAIS PESQUISADORES DA PSICOPATIA .....	44
3.2.1 A MANIA SEM DELÍRIO .....	44
3.2.2. A LOUCURA MORAL .....	44
3.2.3. A PERSONALIDADE PSICOPÁTICA .....	45
3.2.4. A MÁSCARA DA SANIDADE .....	45
3.2.5. ROBERT HARE E A PSYCHOPATHY CHECKLIST (PCL).....	46
3.2.5. LEVENSON’S E A SELF-REPORT PSYCHOPATHY SCALE.....	48
<b>4 PERSONALIDADE .....</b>	<b>49</b>
4.1. DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DE PERSONALIDADE.....	49
4.2. TEORIAS EXPLICATIVAS DA PERSONALIDADE.....	50
4.2.1. TEORIAS DO TRAÇO .....	51
4.2.1.1. GORDON ALLPORT E OS TRAÇOS DE PERSONALIDADE.....	51
4.2.1.2. RAYMOND CATTEL E OS 16 TRAÇOS BÁSICOS DE PERSONALIDADE .....	52
4.2.1.3. HANS EYSENCK E AS TRÊS DIMENSÕES DA PERSONALIDADE .....	53
4.2.1.4. TEORIA DOS CINCO GRANDES FATORES (CGF).....	54
4.2.1.5. TRAÇOS DE PERSONALIDADE E O COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL .....	57
<b>PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO.....</b>	<b>58</b>
<b>5 MÉTODO .....</b>	<b>58</b>
5.1. DELINEAMENTO E HIPÓTESES .....	58
5.2. PARTICIPANTES.....	59
5.3. INSTRUMENTOS.....	60
5.4. PROCEDIMENTO .....	61
5.5. ANÁLISE DE DADOS.....	61
<b>6 RESULTADOS .....</b>	<b>63</b>
6.1. ÍNDICES DE AGRESSIVIDADE, PSICOPATIA E PERSONALIDADE FRENTE A TIPIFICAÇÃO CRIMINAL.....	63
6.1.1. DISCUSSÃO .....	66

6.2. RELAÇÕES ENTRE PSICOPATIA E AGRESSIVIDADE .....	69
6.2.1. DISCUSSÃO .....	70
6.2. RELAÇÃO ENTRE PSICOPATIA E PERSONALIDADE .....	71
6.3.1. DISCUSSÃO .....	73
<b>7 DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES.....</b>	<b>75</b>
7.1. RESULTADOS PRINCIPAIS.....	75
7.2. LIMITAÇÕES DA PESQUISA .....	75
7.3. CONCLUSÕES E DIREÇÕES FUTURAS.....	76
<b>REFERÊNCIAS <sup>1</sup> .....</b>	<b><u>81</u></b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO D.....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO E.....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

O relatório publicado pelo *International Center for Prison Studies* (ICPS) reporta que, até outubro de 2013, a população carcerária mundial contava com mais de 10,2 milhões de detentos mantidos em instituições penais, prisão preventiva, aguardando julgamento ou sentenciados, produzindo uma taxa de 144 detentos por 100.000 habitantes (cf. *World Prison Population List, do International Center for Prison Studies*). Entre os países ranqueados com maior parcela da população carcerária mundial, os Estados Unidos desponta em primeiro lugar, com cerca de 2,2 milhões de detentos (taxa de 716 detentos por 100.000 de habitantes), seguido pela China com 1,64 milhões, Rússia com 682 mil e, em quarto lugar, o Brasil com 548 mil detentos. Este último aparece ainda como o primeiro em população carcerária dentre os países da América do Sul, seguido pela Colômbia com 118.201 detentos (WALNSLEY, 2013). Ademais, a população carcerária brasileira apresentou um significativo crescimento ao longo dos últimos treze anos, passando de 232.755 em 2000 para 548.000 em 2013, atingindo uma taxa de 274 detentos a cada 100.000 habitantes, um crescimento de aproximadamente 135% (DEPEN, 2000; WALNSLEY, 2013). Quando considerados os estados com maior população carcerária, São Paulo desponta em primeiro com 195.695 detentos, seguido por Minas Gerais, com 51.598, e Rio de Janeiro, com 33.826 (DEPEN, 2012). Levando-se em conta que a capacidade do sistema prisional brasileiro é de cerca de 300 mil detentos, o déficit de vagas no sistema prisional passa de 200 mil vagas (KAWAGUTI, 2012). Destaca-se ainda a situação de Alagoas, que apesar de ser o vigésimo primeiro no *ranking* de maior população carcerária brasileira (4.614 detentos), apresenta a maior taxa detentos por vagas (taxa de 2,9 detentos por vagas) fato que produz um déficit de 1.247 vagas (DEPEN, 2012; VASCONCELLOS, 2013).

Segundo o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (InfoPen) do Ministério da Justiça, os atrasos no sistema de justiça é um dos grandes responsáveis para a superlotação, em 2002, a população carcerária brasileira 66% eram detentos condenados e 34% aguardavam julgamento, no ano de 2012 o percentual de detentos condenados caiu para 58% enquanto que o número de detentos que aguardavam julgamento aumentou para 42%. Atualmente o número de detentos que aguardam julgamento aproxima-se de 175.000 (DEPEN, 2009; ONU, 2013). Para além do atraso no sistema judiciário, uma das possíveis causas do elevado índice de encarceramento é a epidemia de crimes existentes no Brasil. Foram registradas 51.434 mil

homicídios no ano de 2009 (taxa de 27,0 mortes a cada 100.000 habitantes) e 11,9 milhões de pessoas, com 10 anos ou mais, que foram vítimas de furto ou roubo, sendo que 441,4 mil sofreram ambos os crimes; e, 2,5 milhões de pessoas vítimas de agressão física (WALNSLEY, 2012; IBGE – PNAD/2009). Tais índices de violência acabam por produzir na população sentimentos de medo e insegurança, relatados em uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), sobre os indicadores de percepção social, em que constatou-se que aproximadamente 85% da população convive com o medo de ser assassinada ou ser vítima de assalto a mão armada. Esse sentimento de medo é refletido na cobrança da sociedade por meios e medidas mais punitivas como alternativas dos problemas de insegurança vivenciados pela sociedade. No entanto, a adoção de penas mais severas não se apresenta como a melhor solução para redução da criminalidade, nos Estados Unidos, por exemplo, apesar dos altos índices de encarceramento e da política de combate a criminalidade ser a mais dura entre os países desenvolvidos, chegando a adotar penas como prisão perpétua e a pena de morte, em alguns Estados, o país continua com altas taxas de criminalidade. Segundo o Global Peace Index – GPI de 2013 (índice da paz global), elaborado pelo *Institute for Economics and Peace* para ranquear países baseado em 22 indicadores de conflito, dentre eles conflitos internos e externos, segurança social, número de homicídios e índice de encarceramento, os Estados Unidos ocupam a 99ª posição, colocação inferior a do Brasil que aparece no 81º do ranking (GPI, 2013). Tal fato aponta que a criação de políticas mais duras mostra-se ineficiente na redução dos índices de criminalidade, promovendo um nível de encarceramento elevado. Diante desse quadro, o sistema judiciário brasileiro têm adotado a progressão de regime penal como solução para a superlotação, concedendo a detentos a progressão do regime fechado para regimes como o semiaberto ou liberdade condicional, fazendo-se necessária avaliação destes quanto à possibilidade de reincidência criminal. Nesses termos, a psicologia apresenta-se como principal detentora do papel de conhecer os antecedentes e consequentes do comportamento antissocial e, por meio da avaliação psicológica, ajuizar a necessidade de cárcere, a avaliação de reinserção social, imputabilidade, semi-imputabilidade, inimputabilidade (HARE, 2013; HOGAN, 2006; HUSS, 2011)

Para a psicologia forense, que corresponde à aplicação de princípios e técnicas psicológicas a situações que envolvem a lei ou sistema legais, abordando avaliação, diagnóstico e tratamento de infratores (GOLDSTEIN, 2003; VANDENBOS, 2010), a avaliação de infratores está associada a dois termos legais tradicionais que requerer a utilização de testes, são estes: insanidade, que diz respeito a um transtorno mental ou a uma

incapacidade mental existente quando um crime foi cometido, e, competências para ir a julgamento, que refere-se à capacidade mental do indivíduo no momento em que será julgado por um crime. No entanto, a utilização da avaliação psicológica no campo da psicologia forense não se restringe a avaliação da sanidade, existindo variadas situações em que se faz necessária a aplicação de métodos de avaliação psicológica, por exemplo, a avaliação de risco para determinação de potencial para violência futura (HUSS, 2011), ou seja avaliar a possibilidade do indivíduo vir a desenvolver comportamentos antissociais novamente.

O estudo do comportamento antissocial tem sido objeto de avaliação de diversos estudos, que tem construído um vasto e consistente corpo de conhecimentos identificando fatores de risco, como a afiliação com companheiros delinquentes (BOWMAN; PRELOW; WEAVER; PRELOW, 2007), o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (JOHNSON; KERCHER, 2007), a agressividade (TÓTH; HALÁZ; MIKICS; BARSY; HALLE, 2008; BING; STEWART; DAVISON; GREEN; MCINTYRE; JAMES, 2007; HERSHCOVIS; TURNER; BARLING; ARNOLD; DUPRÉ; INNESS; LEBLANC; SIVANATHAN, 2007), a psicopatia (PENNEY; MORETTI, 2007) e os traços de personalidade desviantes: impulsividade, neuroticismo e busca de sensações (MILLER; LYNAM; LEUKEFELD, 2003; SOBRAL; ROMERO; LUENGO; MARZOA, 2000). Entretanto, Huss (2011) ressalta a carência de estudos para identificação e incorporação desses fatores em modelos teóricos. Com isso, justifica-se a realização do presente estudo, cujo objetivo principal é investigar o comportamento antissocial com base na agressividade, personalidade e a psicopatia. Pretende-se ainda verificar a relação entre psicopatia e agressividade e descrever a relação entre personalidade e psicopatia.

Nesse sentido, no intuito de atender os objetivos propostos e conhecer mais acerca dos construtos, a presente dissertação foi desenvolvida em duas partes principais. *Marco Teórico* (Parte I) compreende quatro capítulos: (1) *Comportamento antissocial*, cujo o propósito é apresentar as principais perspectivas teóricas; (2) *Comportamento Agressivo* que apresenta as perspectivas teóricas explicativas de maior expressão deste comportamento; (3) *Psicopatia*, no qual apresenta-se os principais teóricos, a evolução e definição atual do construto; (4) *Personalidade* que aborda a evolução do conceito, dando ênfase a Teoria dos Cinco Grandes Fatores (CGF). Os três capítulos seguintes compõem o *Estudo Empírico* (Parte II): (5) *Metodologia* que descreve os aspectos metodológicos do estudo, como, hipóteses, amostra, instrumentos, procedimentos e análise dos dados; (2) *Resultados*, em que se explicita os resultados das análises estatísticas buscando-se contemplar as hipóteses elencadas e; (3)

*Discussão Geral e Conclusões*, que consiste em algumas considerações finais sobre os principais resultados encontrados, as possíveis limitações dos estudos e aponta-se para direções futuras no âmbito da avaliação dos comportamentos antissociais.

## **PARTE I: MARCO TEÓRICO**

### **1 COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL**

Com o propósito de compreender, prevenir, avaliar e tratar o comportamento antissocial, pesquisadores de diferentes áreas buscam definir e desenvolver teorias explicativas (SORIA, 2005). Entretanto, apesar dos diversos níveis de explicação terem se mostrado de grande importância, a presente dissertação propõe avaliar o comportamento antissocial a partir de uma perspectiva comportamental. Para tanto, se faz necessário: (1) definir o comportamento antissocial; (2) explicitar a perspectiva das ciências do comportamento com relação ao comportamento antissocial e; (3) discorrer sobre as principais teorias acerca do comportamento antissocial.

#### **1.1. Definição Constitutiva do Comportamento Antissocial**

A utilização de termos como violência juvenil (HAWKINS; HERRENKOHL; FARRINGTON; BREWER; CATALANO; HARACHI, 1998; HERRENKOHL; MAQUIN; HILL; HAWINS; ABBOTTA; CATALANO, 2000), delinquência (MORRIS; JHONSON, 2010; FAGAN; LINDSEY, 2014) e comportamento antissocial (THAU; CROSSLEY; BENNETT; SCZESNY, 2007; DER VELDER; BURGMAN; BOOM; KOOPS, 2010) tem sido empregada para compreender diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, os comportamentos antissociais. Como anteriormente referido o comportamento antissocial tem sido estudado por diversas áreas de estudo, existindo definições jurídicas, sociológicas e psiquiátricas. Entretanto, não menosprezando as definições anteriores, utilizar-se-á nesta dissertação a definição proposta pela American Psychological Association – APA, que define o comportamento antissocial como ações agressivas, impulsivas e às vezes violentas que violam as regras, convenções e códigos estabelecidos de uma sociedade, tais como as leis que apoiam os direitos pessoais e de propriedade (VANDENBOS, 2010).

#### **1.2. Fatores de Risco e Fatores de Proteção**

Na psicologia busca-se explicar o comportamento antissocial, não como um ato de livre arbítrio ou escolha, mas como uma consequência de vários fatores disposicionais (biológicos e psicológicos) e fatores externos (culturais e sociais), classificados em fatores de

risco ou fatores de proteção, que atuam em conjunto e exercendo influência entre si (SOBRAL et al., 2000).

Os fatores de risco podem ser entendidos como características que permitem prever o desenvolvimento de uma conduta problema; uma variável que, em certa medida, coloca a pessoa em posição de vulnerabilidade frente a condutas problema (BURTON; MARSHALL, 2005; DEKOVIC, 1999). Fatores de risco podem apresentar-se como: (1) Estáticos, que compreendem variáveis fixas e imutáveis ao longo da vida, elevando o risco de violência futura, na presente dissertação levar-se-a em conta a psicopatia (PENNEY; MORETTI, 2007) e os traços de personalidade desviantes: neuroticismo e busca de sensações (MILLER et al., 2003; MORIZOT; LE BLANC, 2005; SOBRAL et al., 2000); e (2) Dinâmicos, que abrange variáveis maleáveis e alteráveis pelo tempo ou por forças específicas, apresentando-se responsivos à mudança ou intervenções, como a afiliação com companheiros delinquentes (BOWMAN; PRELOW; WEAVER, 2007; WEAVER; PRELOW, 2005), e o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (JOHNSON; KERCHER, 2007). De modo contrário, fatores de proteção são definidos como variáveis que de fato reduzem a probabilidade do indivíduo desenvolver condutas problema, não sendo a ausência de fatores de risco, tais como adesão a valores sociais e do envolvimento com instituições e atividades convencionais (HUSS, 2011; HIRSCHI, 1969; HUEBNER; BETTS, 2002; NEWCOMB; MCGEE, 1991; ROMERO et al., 2001). Destaca-se ainda que fatores de risco e fatores de proteção devem ser entendidos como probabilísticos e não deterministas, ou seja, um indivíduo exposto a fatores de risco não necessariamente desenvolverá comportamentos antissociais, entretanto, se comparado com outro indivíduo não exposto aos mesmos fatores, terá maior probabilidade de envolver-se em condutas-problema (LOEBER; FARRINGTON, 2000).

Depreende-se aqui que o estudo dos fatores de risco e os fatores de proteção gozam de certa notoriedade no âmbito dos estudos sobre comportamentos antissociais (MORRISON; ROBERTSON; LAURIE; KELLY, 2003), conduzindo à formulação de diversos modelos teóricos, descritos mais adiante, que buscaram compreender e inter-relacionar variáveis distintas, com o intuito de verificar suas influências no comportamento antissocial.

### **1.3. Teorias Explicativas do Comportamento Antissocial**

Como mencionado anteriormente, distintas teorias contribuíram no desenvolvimento do estudo dos comportamentos antissociais, de modo que alguns tem recebido maior atenção e contribuído como base para o desenvolvimento de estratégias de prevenção (CORDELLA; SIEGEL, 1996; LETTIERI; SAYERS; PEARSON, 1980; NAVAS-COLLADO; MUÑOZ-GARCÍA, 2005; PETRAITIS, FLAY; MILLER, 1995; ROMERO, 1998). Nesse contexto, optou-se por explicitar, na presente dissertação, as teorias clássicas desenvolvidas a partir do século XX, a saber: Teorias da Anomia (MERTON, 1938/2002), Teoria da Associação Diferencial (SUTHERLAND, 1939/1947), Teoria da Aprendizagem Social Cognitiva (BANDURA; WALTERS, 1963) e Teoria do Controle e Vínculo Social (HIRSCHI, 1969) e; as teorias de base desenvolvimentista, a saber: o Modelo Integrador de Elliott (ELLIOTT; AGETON; CANTER, 1979), o Modelo do Desenvolvimento social (CATALANO; HAWKINS, 1996), o Modelo da Coerção de Patterson (PATTERSON; DEBARYSHE; RAMSEY, 1989), a Teoria da Autorrejeição (KAPLAN; MARTIN; JOHNSON, 1986), a Taxonomia de Moffitt (MOFFITT, 1993), Teoria da Conduta-Problema (JESSOR; JESSOR, 1980) e a Teoria Interacional (THOMBERRY, 1987).

### **1.3.1. Teorias Clássicas dos Comportamentos Antissociais**

#### **1.3.1.1 Teoria da Anomia Social**

Uma das mais tradicionais proposições teóricas com fundamentos sociológicos acerca da criminalidade, a Teoria da Anomia Social, proposta por Robert King Merton em seu livro *Teoria Social e Estrutura Social* (1938/2002), apresenta-se fortemente influenciada pelo conceito de anomia elaborado e publicado por Emile Durkheim em seus livros *A Divisão do Trabalho Social* (1894/2000) e *Suicídio* (1897/2000) (CERQUEIRA; LOBÃO, 2003; FORMIGA; SOUZA, 2011). Durkheim (1894/2000) refere-se a anomia como uma quebra da capacidade de uma sociedade para regular os impulsos naturais dos indivíduos em face a concepção de objetivos culturalmente mal concebidos nas rápidas mudanças sociais (COTE, 2002; BERMBURG, 2002). Merton (1938/2002), por sua vez, reelaborou o conceito de anomia e aplicou na tentativa de explicar sociedades que têm elevadas taxas de crimes, argumentando que o crime e o delito são naturais em sociedades igualitárias, onde os objetivos são estabelecidos culturalmente para que todos possam alcançar, porém onde os meios legítimos para alcançar esses objetivos, não estão universalmente disponíveis. Desse modo, indivíduos objetivariam alcançar aquilo que é culturalmente valorizado na sua

sociedade, entretanto ao falhar na tentativa de alcançar essas metas, mediante as oportunidades limitadas, desenvolve-se uma tensão (*strain*), uma situação de anomia, possibilitando o indivíduo adotar o ‘comportamento delitivo’ como resposta (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Destaca-se na teoria de Merton cinco componentes comportamentais distintos, que podem apresentar-se como respostas frente a anomia, a saber: (1) *Conformismo*, caracterizado pela busca das metas por meio dos meios institucionalizados; (2) *Ritualismo*, caracterizado pela rejeição das metas sociais frente ao reconhecimento de meios insuficientes, costumando-se as normas sociais; (3) *Afastamento*, onde o indivíduo afasta-se das metas, bem como dos valores sociais, por meio de problemas como o alcoolismo, abuso de drogas etc.; (4) *Inovação*, identificado pela adoção de condutas ilegais e socialmente reprováveis para atingir as metas sociais e; (5) *Rebelião*, designado para descrever indivíduos que subvertem a lógica de obtenção das metas sociais, no intuito de estabelecer novos objetivos e meios (MERTON, 1938, 1968; SHECARIA, 2004; SANTOS, 2008).

Apesar de provavelmente ser uma das teorias que mais influenciou o estudo dos comportamentos antissociais, a busca por evidências empíricas favoráveis apresentou pouco sucesso (CERQUEIRA; LOBÃO, 2003), recebendo críticas principalmente no que concerne a pouca relevância de disposições individuais (personalidade, valores etc.) (MUÑOZ; CONDE; HASSEMER, 2008; CLOWARD, 1959). Posteriormente Agnew (1992) ampliou a teoria da anomia, que passou a ser denominada de Teoria Geral da Anomia, compreendendo não só as frustrações, decorrentes da disparidade entre metas e meios legítimos, como as relações interpessoais, que poderiam converter-se em uma fonte de estresse ou de tensão ao não permitir o alcance das metas, acarretando no comportamento antissocial.

### **1.3.1.2 Teoria da Associação Diferencial**

Na tentativa de identificar mecanismos universais que explicassem a gênese do crime independente das condições estruturais, sociais e individuais, Edwin H. Sutherland (1939/1947), elaborou a Teoria da Associação Diferencial, utilizando a expressão “Associação Diferencial” como o processo pelo qual as pessoas experimentam definições conflitantes sobre o comportamento adequado (MATSUEDA, 1982; MATSUEDA, 1988). Desse modo, baseado na concepção da sociedade moderna como heterogênea e segmentada

em grupos com diferentes definições sobre o comportamento adequado (SUTHERLAND, 1939/1947), a Teoria da Associação Diferencial concebe os desvios das normas sociais como influência de um conjunto de definições contraditórios às normas (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005), em outras palavras, a Teoria da Associação Diferencial compreende que as definições favoráveis e desfavoráveis ao comportamento delinquente ou antissocial são aprendidas por meio da interação e convivência social em grupos, onde o indivíduo assume suas características e sente-se vinculado por meio de uma aproximação voluntária, ocasional ou coercitiva (MATSUEDA, 1982), tornando-se delinquente por causa do excesso de definições favoráveis a violação da lei em detrimento a definições favoráveis ao cumprimento da lei (SUTHERLAND; CRESSEY, 1978).

Destacam-se ainda dois elementos básicos da Teoria da Associação Diferencial: (1) o *conteúdo* aprendido que é de natureza cognitiva, inclui-se técnicas específicas para cometer crimes, os motivos apropriados, objetivos e atitudes e; (2) o *processo* pelo qual a aprendizagem ocorre, que envolve associações com os outros em grupos pessoais íntimos (COTE, 2002). Dentro desses aspectos Sutherland (1940, 1945) buscou avaliar o delitos realizados por “poderosos” e organizações, observando que os delitos realizados nestes casos eram equivalentes aqueles praticados pelos chamados “delinquentes comuns”. Nesse sentido, a proposição do binômio pobreza/criminalidade demonstrou-se questionável, dissociando a pobreza de comportamentos delitivos (SUTHERLAND, 1940).

Por fim, apesar das críticas relacionadas ao reducionismo teórico (BINDER; GEIS; BRUCE, 2001) e a carência de dados que suportem sua adequação empírica (*ver* MATSUEDA; HEIMER, 1987; JENSEN, 1972; MATSUEDA, 1988) ainda apresentarem-se como barreiras, a Teoria da Associação Diferencial representou um salto qualitativo frente aos demais modelos teóricos na época (VIRGOLINI, 2004).

### **1.3.1.3 Teoria da Aprendizagem Social Cognitiva**

A Teoria da Aprendizagem Social (BANDURA; WALTERS, 1963) amplia a visão de aprendizagem da época, à medida que opõe-se ao behaviorismo ao negar a necessidade de respostas ou reforço para que o aprendizado ocorra, concentrando-se no papel crítico que os modelos sociais desempenham no comportamento humano (PAJARES; OLAZ, 2008). Não obstante, Bandura (1986) propõe a Teoria da Aprendizagem Social Cognitiva, que

compreende os processos cognitivos, vicários, auto-reguladores e auto-reflexivos como central para a aprendizagem vicária, que ocorre por meio da observação dos modelos simbólicos proporcionados (ex. meios de comunicação em massa), possibilitando três efeitos no comportamento: (1) *a modelagem*, que consiste na aquisição de novas respostas frente ao repertório de respostas do indivíduo; (2) *o inibidor/desinibidor*, em que o indivíduo apresenta uma maior ou menor frequência ou intensidade de respostas adquiridas previamente e; (3) *a provocação*, quando o modelo observado produz respostas que servem para o indivíduo reproduzir respostas semelhantes que não são completamente novas, nem estão inibidas como resultado de uma aprendizagem prévia (BANDURA; WALTERS, 1963). Nesse contexto, a aprendizagem por observação receberia mediação de quatro processos: os processos de atenção e discriminação do comportamento do modelo, retenção do comportamento observado, motivação e reprodução motora (BANDURA; WALTERS, 1963).

Por fim, compreende-se que as proposições da Teoria da Aprendizagem Social Cognitiva possibilitaram sua aplicação na avaliação da aprendizagem na saúde (ROSENSTOCK, 1988), na educação (VASCONCELOS; PRAIA; ALMEIDA, 2003), em comportamentos agressivos na infância (BANDURA, 1979; BARR; HAYNE, 2003) e, principalmente, no estudo dos comportamentos antissociais, com foco na agressão (ANDERSON; BUSHMAN, 2002; BANDURA, 1973; CATALANO; HAWKINS, 1996; TITTLE, 2004; VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2010).

#### **1.3.1.4 Teoria do Controle e do Vínculo Social**

Proposta por Travis Hirschi (1969) em seu livro *Causes of Delinquency*, a Teoria do Controle e do Vínculo Social pressupõe que o ser humano não é inerentemente conformista, assumindo sua natureza animal e capaz de cometer atos criminosos (HIRSCHI, 1969), de modo que a delinquência é intrínseca à natureza humana, diferentemente da conformidade com as normas sociais. Para tanto, Hirschi (1969) atribui que a socialização ou formação de um vínculo entre o indivíduo e a sociedade gera a conformidade, elencando quatro elementos principais que possibilitariam a formação desse vínculo, a saber: (1) Apego (*attachement*), que corresponde aos laços afetivos com familiares ou instituições relevantes para a comunidade, por serem fontes de ensino do comportamento socialmente aceitável; (2) Compromisso (*commitment*), reportado como a vinculação e investimento em comportamentos convencionais orientados para objetivos futuros, como por exemplo estudar,

ler, pesquisar etc., ponderando os custos e benefícios do comportamento; (3) Envolvimento (*involvement*), referente a participação em atividades convencionais direcionadas ao sucesso social, por exemplo: trabalhar, estudar em casa etc.; (4) Crenças (*belief*), que é a aceitação do sistema de valores sociais pelo indivíduos (HIRSCHI, 1969). Assim, quanto mais forte esses elementos no indivíduo menos provável será sua associação com o comportamento delinvente (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Apesar de ser uma das mais significantes teorias na compreensão do comportamento delinvente e antissocial (KROHN; MASSEY, 1980), a Teoria do Controle e Vínculo Social, deixa a desejar quanto as características internas dos indivíduos (ex. motivação, psicopatologia, personalidade etc.). Entretanto, o modelo teórico proposto vem apresentando-se adequado na explicação de problemas comportamentais (ERICKSON; CROSNOE; DORNBUSCH, 2000; FORD, 2005; HAY, MELDRUM; PIQUERO, 2013; HUEBNER; BETTIS, 2002; KAPLAN; LIN, 2005; MORRIS; GERBER; MENARD, 2011; ÖZBAY; ÖZCAN, 2006).

### **1.3.2. Teorias Desenvolvimentistas do Comportamento Antissocial**

#### **1.3.2.1. Modelo Integrador de Elliott**

ELLIOTT, AGETON e CANTER (1979), buscaram integrar elementos de outras três teorias com o objetivo de explicar os comportamentos antissociais no Modelo Integrador de Elliott, a saber: (1) a tensão (*strain*), proposta na Teoria da Anomia (MERTON, 1938/2002), que possibilita o comportamento antissocial diante das oportunidades limitadas em alcançar os objetivos culturalmente valorizado na sociedade; (2) o surgimento do comportamento antissocial mediante a falta de vínculo na sociedade, anteriormente elencado na Teoria do Controle Social (HIRSCHI, 1969) e; (3) a ênfase no processos de aprendizagem por meio do contato grupal, como encontrado na teoria da aprendizagem social (BANDURA; WALTERS, 1965).

Desse modo, para Elliott et al. (1979) três fatores são apontados como causas para a falta de vínculo do indivíduo na sociedade: (1) a tensão entre as metas e os meios, que pode ser vivida na família e/ou na escola (por exemplo: a falta de oportunidades do indivíduo para alcançar êxito acadêmico); (2) a desorganização social (por exemplo: residir em um bairro violento, com dificuldades socioeconômicas e poucos laços comunitários poderá implicar em

pouco interesse na vinculação com instituições convencionais) e; (3) as falhas ou falta de práticas socializadoras adequadas na família e na escola enfraquecendo o estabelecimento de vínculos. Entretanto, no Modelo Integrador de Elliott, a falta de vínculos convencionais não é suficiente para que apareça a conduta desviante, de modo que o contato com grupos desviantes aparece como reforçador (ELLIOTT et al., 1979; ELLIOTT; HUIZINGA; AAGETON, 1985).

### **1.3.2.2. Modelo do Desenvolvimento Social**

O Modelo do Desenvolvimento social, elaborado por Catalano e Hawkins (1996), busca organizar as evidências em torno dos fatores de risco e proteção, com foco nos processos de socialização, para explicar os comportamentos antissociais (CATALANO; HAWKINS, 1996). O modelo propõe que as condutas pró-sociais e antissociais serão dependentes do tipo de vínculo social, ou seja, condutas pró-sociais advém de vínculos que fomentam condutas pró-sociais, assim como condutas antissociais são originadas por meio de vínculos que fomentam condutas antissociais (CATALANO; HAWKINS, 1996). À exemplo, pode-se dizer que indivíduos com vínculo familiar, escolar ou com instituições sociais, só terão condutas pró-sociais se estes vínculos fomentarem estas condutas. Nesse contexto, Catalano e Hawkins (1996) elencaram algumas condições existentes para o indivíduo desenvolver vínculos psicossociais: (1) a percepção da oportunidade para interagir e participar do meio social; (2) a interação com o entorno, participando de suas atividades e suas dinâmicas; (3) as habilidades e recursos pessoais para desenvolver as interações e; (4) a percepção de que os entornos são recompensadores ou benéficos.

Por fim, cabe ressaltar que alguns estudos sobre o modelo têm dado suporte a proposição de que o engajamento dos indivíduos em instituições sociais, como a família, escola e comunidade, que fomentam condutas pró-sociais, proporcionam oportunidades para desenvolvimento de comportamentos pró-sociais (DUERDEN; WITT, 2010; HAWKINS; WEIS, 1985; HERRENKOHL; LEE; HAWKINS, 2012; MASON; WINDLE, 2001).

### **1.3.2.3. Modelo da Coerção de Patterson**

Proposto por Patterson et al. (1989) o modelo da coerção apresenta uma perspectiva desenvolvimentista, buscando as raízes do comportamento antissocial nas primeiras etapas da vida (REID; EDDY, 1997; SANTOS, 2008). Segundo Patterson et al. (1989) o comportamento antissocial se desenvolve em quatro etapas: (1) *No ambiente familiar*, com o desenvolvimento de práticas parentais inadequadas na infância, como a ausência de normas claras e do reforço de boas condutas, implicando na emissão de comportamentos aversivos pela criança, como a birra e chantagem emocional, para alcançar algum benefício; (2) *No ambiente escolar*, quando a criança não apresenta habilidades socialmente adequadas para interação com outras crianças, devido a etapa anterior, apresenta elevada probabilidade de ser rejeitada pelos companheiros, tendo-se como resultado um baixo desenvolvimento das habilidades acadêmicas e o desajuste escolar; (3) *Na afiliação com pares desviantes*, decorrente do fracasso acadêmico e da rejeição por parte dos colegas convencionais, gerando sentimento de exclusão do ambiente social e fomentando condutas antissociais e; (4) *No início da idade adulta*, com a recorrência de comportamentos antissociais, dificultando o ajuste em um trabalho estável, a adoção de um estilo de vida convencional e elevando a probabilidade de ocorrência de institucionalizações, bem como o envolvimento com álcool e outras drogas (PATTERSON et al., 1989; DISHION; PATTERSON, 1997).

Ainda que as etapas sejam progressivas, a evolução desse comportamento é probabilística e não é inevitável (PATTERSON; SHAW; SNYDER; YOERGER, 2005). Desse modo, o Modelo de Patterson sugere que um treinamento voltado aos pais para o desenvolvimento de habilidades ajustadas na criança, é fundamental para a prevenção ou intervenção nos comportamentos antissociais (PATTERSON; DISHION; BANK, 1984). Entretanto autores como Moffitt (1993; MOFFITT; CASPI, 2001) argumentam que a teoria abrange apenas o indivíduo que apresenta comportamento antissocial muito cedo, deixando a desejar na explicação de indivíduos que apresentam um envolvimento tardio em comportamentos antissociais.

#### **1.3.2.4. Teoria da Autorrejeição**

A Teoria da Autorrejeição (KAPLAN; MARTIN; JOHNSON, 1986) propõe que todos os indivíduos têm uma motivação para manter uma autoestima positiva e comporta-se de modo que a autovalorização seja fortalecida, entretanto, a ocorrência repetitiva de experiências sociais desagradáveis, como, por exemplo, a rejeição ou negligência por parte

dos pais, a incapacidade para conseguir êxito acadêmico, leva o indivíduo a autorrejeição que acaba sentindo-se pouco motivado em respeitar as normas dos grupos, por ser prejudicial a sua autoestima, adotando alternativas que lhe permitam recuperar a autovalorização, ou seja, a adoção de condutas desviantes, por exemplo, consumo de drogas, delinquência e atividade sexual arriscada (KAPLAN, 1975; KAPLAN; JOHNSON; BAILEY, 1988).

Nesse contexto, diante da ocorrência de condutas desviantes, o indivíduo tende a se envolver com grupos desviantes e adotar o comportamento antissocial como meio de evitar as experiências de autodesvalorização (KAPLAN, 1975; KAPLAN; PECK, 1992). Como modo de enfrentamento Kaplan e Lin (2005) sugerem que o abandono das condutas desviantes pode ser alcançado mediante a mudanças que permitam a manutenção da autoestima dentro de grupos convencionais por meio de redes de apoio social que possam fomentar a aquisição de habilidades para o ajustamento adequado ao mundo convencional, bem como a incorporação ao mercado de trabalho e os novos papéis familiares que podem proporcionar novas oportunidades para a autovalorização.

### **1.3.2.5. Taxonomia de Moffitt**

Elaborada para explicar comportamentos desviantes com foco na idade do indivíduo, a Taxonomia de Moffitt (MOFFITT, 1993), classifica duas distintas condutas delitivas: (1) A delinquência “persistente”, caracterizada pelo surgimento de condutas desviantes na infância, com base em características pessoais e/ou psicobiológicas (hiperatividade, impulsividade etc.) e no contexto educacional, que mantêm-se com elevados níveis de delinquência ao longo da vida. Devido a estabilidade do comportamento delinquente, a baixa frequência estatística (somente 5% dos homens são afetados) e a presença de bases biológicas, Moffitt (2002) considera a delinquência persistente como uma “síndrome”, portanto uma patologia (MOFFITT, 2002); (2) A delinquência “restrita” à adolescência, definida como um comportamento normal, não patológico, tipicamente presente em indivíduos sem história anterior de delinquência e que não apresenta relação com as características pessoais do indivíduo, podendo desaparecer progressivamente à medida que o indivíduo torna-se adulto (MOFFITT, 1993; MOFFITT et al, 2002).

De uma maneira geral, a Taxonomia de Moffitt, expõe uma perspectiva evolutiva, compreendendo o processo de história do indivíduo, bem como características estáticas

(SANTOS, 2008). Nesse sentido, muitos dos dados disponíveis corroboram com a taxonomia, examinando a perspectiva evolutiva e desenvolvimentista do comportamento antissocial (MOFFITT et al., 2002; WHITE; BATES; BUYSKE, 2001; LEMOS, 2010; PAREDES; CÓRDOVA, 2012).

### **1.3.2.6. Teoria da Conduta-Problema**

Proposta por Jessor e Jessor (1980), a Teoria da Conduta-Problema organiza 50 fatores diferentes (DONOVAN, 1996) advindos da personalidade, da socialização e do contexto cultural, que buscam explicar o desenvolvimento dos comportamentos problemáticos na adolescência, como a utilização de drogas e a delinquência (JESSOR; JESSOR, 1980). Com base nessa teoria, a conduta problema é caracterizada pelo seu caráter propositivo, instrumental e funcional, no qual o adolescente pretende alcançar metas importantes em seu desenvolvimento, por exemplo, a aprovação ou respeito de um grupo, apresentando-se como característico do desenvolvimento psicossocial (JESSOR; JESSOR, 1980; JESSOR, 1992).

Inicialmente, o modelo apresenta uma série de variáveis antecedentes, como variáveis sociodemográficas e as experiências de socialização (posição política dos pais, estrutura familiar e meios de comunicação) que servem de “pano de fundo” para o surgimento de outras influências mais diretas para a adoção de condutas problema. Nesse contexto, Jessor e Jessor (1978) apresentam dois sistemas de influência psicossocial, que atuam em interação e são caracterizados por apresentar variáveis que aproximam ou afastam o indivíduo da conduta problema, a saber:

(1) *Sistema de personalidade*, que encontra-se dividido em três conjuntos de variáveis: (a) Estrutura Motivacional: abrange a meta que o indivíduo busca e as expectativas de alcance, por exemplo, o rendimento acadêmico ou a independência. Quando se tem pouca valorização ou baixas expectativas frente as metas, aumenta-se a probabilidade da ocorrência de condutas problemas; (b) Estrutura de Crenças Pessoais: caracterizada por integrar crenças sobre o próprio indivíduo, a sociedade e a relação entre os dois. Incluem-se nessas crenças a autoestima, o conformismo, a alienação em relação à sociedade convencional e lócus de controle. Quando o indivíduo apresenta-se crítico para com a sociedade, se distanciando culturalmente ou tem baixa autoestima, aproxima-se da conduta-problema; (c) Estrutura Pessoal de Controle: versa sobre a tolerância do indivíduo frente a desvios, ou seja, quanto

mais tolerante aos desvios, mais próximo o indivíduo está da conduta-problema em relação ao componente socioambiental. A teoria dá especial importância à dimensão subjetiva do ambiente, ou seja, ao ambiente tal como é percebido pelo sujeito.

(2) *Sistema socioambiental*: subdividido em: (a) Estrutura Distal: que compreende a orientação do indivíduo frente a família e amigos, neste caso o indivíduo apresenta-se mais propenso a conduta-problema quando é mais influenciado pelos amigos do que pelos pais (SANTOS, 2008); (b) Estrutura Próxima: onde encontra-se a aceitação da conduta-problema nos contextos psicossociais, levando o indivíduo a filiação com contextos em que os comportamentos desviantes são frequentes.

A interação entre esses sistemas subsidiará um padrão de conduta-problema ou de ajustamento às normas. Desse modo, indivíduos que apresentam comportamentos problemáticos mostrarão diferentes modalidades de comportamentos desviantes, da mesma forma que indivíduos com comportamentos ajustados mostrarão diferentes padrões de condutas convencionais. Por fim, cabe ressaltar que a teoria proposta por Jessor e Jessor (1980) é um dos primeiros modelos multivariados sobre a conduta desviante, influenciando múltiplos programas de prevenção e contribuindo para a explicação de condutas de risco em diferentes estudos (CÂMARA, 2005; PANICHI; WAGNER, 2006; PETRAITIS et al, 1995).

### **1.3.2.7. Teoria Interacional**

Proposta por Thornberry (1987), a Teoria interacional nega a unidirecionalidade e os modelos causais para a explicação do comportamento antissocial por não examinar as progressões de desenvolvimento e não vincular adequadamente conceitos processuais para a posição da pessoa na estrutura social (THORNBERRY, 1987). Para tanto, a teoria aponta a delinquência como resultante de processos bidirecionais complexos que ocorrem ao longo do desenvolvimento, não limitando o indivíduo a “receber” as influências do meio (familiar, escolar, grupal) como propõem as demais teorias. Em outras palavras, a delinquência aparece como resultante da liberdade proporcionada pelo enfraquecimento dos laços da pessoa para com a sociedade convencional (falta de apego a espaços convencionais) e de uma situação interacional em que o comportamento problemático é aprendido, mediante influência de contextos desviantes, e reforçado, pelo próprio comportamento que acaba por influencia os agentes causais (SIMONS, et al., 1988). Assim, o conjunto desses processos não é

unidirecional, pois a aquisição do comportamento problemático é vista como parte de uma rede causal maior, que afeta os vínculos com espaços convencionais e reforça os laços com contextos desviantes, assumindo um caráter contínuo de interação entre o comportamento e o ambiente (THORNBERRY, 1996).

Na prática, quando o indivíduo com laços sociais comprometidos, acaba se envolvendo com contextos desviantes, aumenta a probabilidade de o indivíduo aprender e cometer atos delitivos, bem como o próprio comportamento antissocial irá reforçar os laços com contextos desviantes (THORNBERRY, 1996). A teoria proposta por Thornberry (1987), além de analisar os antecedentes da conduta desviante, admite suas consequências psicossociais, dado que estas desempenham um papel importante no reforçamento dos comportamentos antissociais. Além disso, o modelo tem sido utilizado para explicar os fatores de risco e proteção para afiliação com gangues (HOWELL; EGLEY JR., 2005), utilização de drogas (BROOK; BROOK; GORDON; WHITEMAN; COHEN, 1990), comportamento delinquente (THORNBERRY; LIZOTTE; KROHN; FARNWORTH, 1992) e comportamento sexual de risco (DOLJANAC; ZIMMERMAN, 1998).

Por fim, compreende-se que as teorias anteriormente expostas apresentaram grandes contribuições, reportando um quantitativo significativo de variáveis que contribuem para a explicação dos comportamentos antissociais. Não obstante, o desenvolvimento de estudos que objetivem avaliar variáveis atuantes como fatores de risco frente aos comportamentos antissociais torna-se de fundamental importância, sobretudo, no contexto penitenciário. Assim, a presente dissertação dedica-se a avaliar variáveis que apresentam-se como fatores de risco para o comportamento antissocial, como a personalidade, a psicopatia e a agressividade, descritas no capítulo seguinte.

## **2 COMPORTAMENTO AGRESSIVO**

Tal como o comportamento antissocial, o comportamento agressivo tem sido estudado por distintas áreas como a sociologia, a biologia, a antropologia e a psicologia, que buscam compreender e explicar o mesmo fenômeno de diferentes perspectivas através de diferentes variáveis, por exemplo, demográficas, culturais, mudanças metabólicas ou processos cognitivos (TEDESCHI; FELSON, 1994). Dependendo da perspectiva, pode-se utilizar o comportamento agressivo para descrever, um homicídio, uma guerra, uma característica de um vendedor ou o comportamento de time em campo. E, apesar das diferentes contribuições destas perspectivas, a presente dissertação aborda o comportamento agressivo a partir de uma perspectiva comportamental, sendo necessário: (1) Definir o comportamento agressivo; (2) Apresentar as principais perspectivas teóricas sobre o comportamento agressivo e; (3) Reportar a relação entre o comportamento agressivo e o comportamento antissocial.

### **2.1. Definição Constitutiva do Comportamento Agressivo**

Frequentemente utilizado, em diferentes contextos, como sinônimo de assertividade, entusiasmo, violência etc., o termo agressividade pode indicar desde um comportamento confiante, vigoroso e empreendedor a um que magoa, fere ou destrói (BUSHMAN; ANDERSON, 2001; MYERS, 2014). Entretanto, a definição de comportamento agressivo deve ser multidimensional, de modo a satisfazer: (1) o fator comportamental, ou seja, agir de modo que machuque ou acarrete em ferimentos para alguém; (2) o fator intencional, que compreende a intenção do comportamento agressivo; (3) o fator motivacional, definido como o motivo para cometer o comportamento agressivo e; (4) o fator situacional, que engloba o contexto social do comportamento agressivo (ANDRADE, 2003).

Desse modo, apesar de existirem definições como a de Myers (2014), que compreende agressividade como um comportamento físico ou verbal com a intenção de causar danos, dividindo-se entre agressividade hostil (orientada para a vingança) e agressividade instrumental (utilizada como meio para alcançar um objetivo), adotar-se-á a definição proposta por Bushman e Anderson (2001), por compreender que a presente definição satisfaz a multidimensionalidade necessária ao comportamento agressivo. Segundo Bushman e Anderson (2001), a agressividade apresenta-se como qualquer comportamento dirigido para um outro indivíduo que é realizado com a intenção imediata de causar dano, de modo que o

autor deve acreditar que o comportamento vai prejudicar o alvo e este deve estar motivado para evitar o comportamento. Nesse contexto, Buss e Perry (1992), propuseram uma manifestação multidimensional da agressão, também adotada na presente dissertação, a saber: (1) *Agressão Física* (bater, empurrar, chutar); (2) *Agressão Verbal* (xingar, insultar); (3) *Raiva* (reações de fúria, irritação) e; (4) *Hostilidade* (desconfiança em relação aos outros).

## **2.2. Teóricas Explicativas do Comportamento Agressivo**

Diante da diversidade de teorias propostas para explicar o comportamento agressivo, na presente dissertação optou-se por apresentá-las divididas em dois blocos: (1) Teorias Clássicas do Comportamento Agressivo, que compreende as definições e explicações etiológicas, a teoria da agressão-frustração (DOLLARD; DOOB; MILLER; MOWRER; SEARS, 1939) e a Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1973) e; (2) Modelos Integrativos Recente, que abarca a Teoria Neo-associacionista (BERKOWITZ, 1993), a Teoria do Processamento de Informação (CRICK; DODGE, 1994; 1996) e o Modelo Geral da Agressão (BUSHMAN; ANDERSON, 2001; 2002).

### **2.2.1. Teorias Clássicas do Comportamento Agressivo**

#### **2.2.1.1. Etiologia do Comportamento Agressivo**

Como base na proposição de que o comportamento humano é controlado pelos mesmos mecanismos que governam o comportamento dos demais organismos (DARWIN, 1998), a etologia é definida como sendo o ramo da biologia voltado para o estudo comparado do comportamento humano e animal; fundamenta-se no fato de que existem mecanismos comportamentais que evoluem filogeneticamente exatamente como ocorre com os órgãos (LORENZ, 1995). Tal modelo biológico, baseado nas concepções de Darwin (1998), aponta que os instintos consistem em rotinas e sub-rotinas comportamentais, apresentando um componente genético que podem regular os ritmos da vida, a memória e a identificação de parceiros sexuais.

Para Lorenz (1966) o comportamento agressivo animal é regulado pelo instinto de hierarquia, territorialidade e defesa da prole. Essa expressão comportamental nos seres humanos seria guiada pelo mesmo instinto animal, o “instinto de agressão”, que nos seres

humanos modificou-se por não existir mais espaço na sociedade atual. Em resumo, a etiologia defende que a agressividade humana é semelhante à de vários animais por entrar em conflito com a sua própria espécie, por outro lado, dentre as diversas espécies que se entregam à luta, o ser humano é a única que assassina em massa, podendo assim ser visto como o único elemento desajustado no seio da sua própria sociedade (HALFPAP, 1999). A proposição etiológica tem recebido várias críticas principalmente no que tange a conceituação da agressividade como uma característica unicamente biológica e a aplicação teórica e prática no contexto científico (KRISTENSEN; LIMA; FERLIN; FLORES; HACKMANN, 2003). Alguns teóricos buscaram formular modelos que compreendessem outros aspectos.

#### **2.2.1.2. Teoria da Agressão-Frustração**

Proposta inicialmente por Dollard, Doob, Miller, Mowerr e Sears (1939), a hipótese da frustração-agressão, compreende a agressão como uma resposta que teria por objetivo o dano a um organismo vivo, postulando que a frustração sempre leva a algum tipo de agressão (DOLLARD et al., 1939). O sentimento de frustração é definido como qualquer coisa que impeça o alcance de um objetivo, intensificando-se em três situações: (1) quando a motivação para alcançar um objetivo é muito forte; (2) quando se espera receber gratificações; e, (3) quando o bloqueio ocorre por completo (MYERS, 2014). No entanto, a proposição de que, sempre quando ocorre frustração, o resultado é um comportamento agressivo, foi criticada por autores tais como Berkowitz (1989; 1998) e Geen (1998). Para eles nem sempre a frustração levaria a agressão, podendo causar depressão e isolamento, da mesma forma que a agressão nem sempre é precedida por um sentimento de frustração. Diante dessas críticas, Miller (1941) reformulou alguns postulados da teoria, reportando que a frustração poderia ter outros efeitos além da agressão, da mesma forma que a agressão também poderia ser causada por outros fatores. Assim, apesar de ser utilizada na tentativa de explicar fenômenos atuais como o *bullying*, comportamento de condutores e violência relacionada ao desemprego (GALOWSKY; MALTA; BLANCHARD, 2006; TAM; TAKI, 2007; CATALANO; NOVACO; MC CONNELL, 2002; FISHER; GREITMEYER; FREI, 2008) a teoria da agressão-frustração deixa de explicar o porque de a frustração, ou outra qualquer condição aversiva, leva ao comportamento agressivo. Desse forma, pesquisadores como Albert Bandura (1973) buscaram compreender as causas do comportamento agressivo com base em fatores sociais.

### **2.2.1.3. Teoria da Aprendizagem Social**

Baseada nos trabalhos de Bandura (1973), a teoria da aprendizagem social admite a existência de impulsos inatos mediante os estímulos agressivos (TEDESCHI; FELSON, 1994), porém atos extremos de agressividade precisariam ser aprendidos e treinados para serem executados. A aquisição do comportamento agressivo seria possível por meio da observação de modelos (família, sociedade ou ídolos), selecionados a partir de critérios como inteligência e status, sendo aprendidos lentamente por observação constante (KRISTENSEN, et. al, 2003) e mediante a avaliação do indivíduo, no que se refere aos benefícios e custos da expressão do comportamento agressivo. Caso os benefícios sejam maiores que os custos, maior a probabilidade de que o comportamento agressivo ocorra. A agressividade é concebida como um padrão de resposta que é aprendido por meio de reforço e modelagem e, que ocorre através de quatro processos: (a) o indivíduo deve estar atento às pistas disponíveis; (b) as observações devem ser codificadas de alguma forma, a fim de serem representadas na memória; (c) estas representações são transformadas em padrões de imitação de comportamento e (d) são necessários incentivos adequados à implementação do que foi aprendido (BANDURA, 1977, 1983).

Apesar da probabilidade de repetição do comportamento em função da aprendizagem depender da presença de incentivos adequados, a punição mediante os comportamentos agressivos não inibe tal comportamento. Em um experimento realizado por Bandura e Walters (1959) a punição física de crianças revelou que, ao contrário do que se pensava, a punição age como reforçador para esse comportamento.

## **2.2.2. Modelos Integrativos Recente**

### **2.2.2.1. Teoria Neo-associacionista**

Proposta por Leonard Berkowitz (1993), a teoria neo-associacionista modificou a relação de causalidade na teoria da frustração-agressão, introduzindo um componente afetivo para explicação do comportamento. Para Berkowitz (1993) nem toda frustração levaria necessariamente a um comportamento agressivo, pois a frustração nem sempre apresenta-se como aversiva, entretanto, a frustração, quando percebida de forma aversiva, acarretaria um afeto negativo de preparação para a agressão, no qual a frustração apresenta-se apenas como uma das variadas condições aversivas, que provocam um estado afetivo negativo, estabelecendo uma relação de causalidade entre o afeto negativo e o comportamento

agressivo. Os afetos negativos seriam desencadeados por experiências desagradáveis, que por sua vez poderia desencadear dois tipos de comportamento agressivo: (1) a agressão reativa (também chamada de hostil ou afetiva); e, (2) a agressão instrumental (BUSHMAN; ANDERSON, 2001; TEDESCHI; FELSON, 1994). Para Dollard, et. al. (1939), a agressão hostil ocorre quando o perpetrador se encontra em um acentuado estado emocional negativo, em decorrência de uma provocação ou estado de frustração é caracterizada por ser impulsiva, raivosa e com a intenção de ferir, atingir o outro (MYERS, 2000; BARON; RICHARDSON, 1994; BERKOWITZ, 1993; CRICK; DODGE, 1996; GEEN, 2001). Já a agressão instrumental, ocorre quando se tem em vista uma recompensa que a motiva, não necessitando de um estímulo emocional forte e caracterizada por ser premeditada (BUSS, 1961; DOLLARD et al., 1939; FELSON, 2002; GEEN, 2001; CRICK; DODGE, 1996).

Berkowitz (1993) observa ainda que, às vezes, o comportamento agressivo pode representar uma resposta condicionada a estímulos situacionais, combinados com estados de excitação interna. Em um dos seus estudos Berkowitz e LePage (1967) realizaram um experimento onde os participantes eram instruídos a desempenhar o papel de um experimentador como função de ensinar uma tarefa a um aprendiz (cúmplice do pesquisador). Quando o aprendiz cometia algum erro, o participante aplicava choques elétricos como punição. A única diferença entre o grupo experimental e o grupo controle, consistia na presença de um revólver colocado próximo aos participantes do grupo experimental. Verificou-se que este puniam de modo mais severo os aprendizes em comparação com aqueles. Berkowitz e LePage (1967) concluíram que a presença de um estímulo situacional (no caso o revólver) facilitou o surgimento do comportamento agressivo, resultado que corrobora com a aprendizagem do comportamento agressivo. No entanto, Berkowitz e Geen (1966), não entendiam essa aprendizagem como algo lento, tal como na teoria da aprendizagem social e sim como associações que podem ser adquiridas rapidamente. Essa constatação ocorreu mediante outro experimento realizado por Berkowitz e Geen (1966), o qual foi dividido em duas etapas. Na primeira etapa, os participantes eram solicitados a assumir o papel de um experimentador e administrar choques em um aprendiz (cúmplice do experimentador) mediante os erros. Na segunda etapa, os participantes assistiram a dois filmes, separados em grupos: (a) o grupo experimental que assistiu ao filme de conteúdo violento, no qual um boxeador de nome “Kirk” é derrotado; e, (b) o grupo controle, que assistiu a um filme sem conteúdo violento. Após assistirem aos filmes os participantes foram instruídos novamente a tomar o papel de experimentador e administrar choques ao aprendiz, mediante aos seus erros, resultando em uma administração de choque significativamente mais

elevada por parte do grupo experimental, em comparação com o grupo controle. Apesar de ter contribuído para a investigação do comportamento agressivo, Bushman e Anderson (2001) afirmam que a dicotomia adotada nesse modelo é prejudicial ao entendimento do comportamento agressivo, propondo o modelo geral da agressão.

#### **2.2.2.2. Teoria do processamento de informação**

Elaborada por Crick e Dodge (1994; 1996), a teoria do processamento de informação estabelece relações entre estímulos externos e respostas comportamentais mediada pela representação mental do significado de ambos. Inicialmente, o modelo de processamento de informação foi elaborado para explicar o ajustamento social de crianças, identificando quatro processos mentais, que determinariam o nível de ajustamento do indivíduo. Um processamento competente leva a um desempenho competente e um processamento deficiente leva a respostas sociais de tipo desviante, como a agressão (CRICK; DODGE, 1996). Tais processos mentais são: (a) a codificação de pistas (estímulos) situacionais; (b) representação e interpretação dessas pistas; (c) busca mental de respostas para a situação; e, (d) a seleção de uma resposta.

O déficit no processamento de informações do ambiente levaria a respostas erradas, nesse caso, a interpretação de uma informação ambígua (mediante a falha no processamento) por um indivíduo agressivo desencadearia intenções hostis, sendo mais provável a seleção de uma resposta agressiva (BERKOWITZ, 1989; PORNARI; WOOD, 2010). Além do déficit de má interpretação de informações no ambiente, a dificuldade em gerar alternativas de comportamento não agressivas, a previsão de benefícios ou a antecipação das consequências, poderia gerar manifestações agressivas (ALMEIDA, 2006; GUERRA; SLABY, 1990). Nesse sentido, para tal modelo o comportamento agressivo é o produto de um problema no nível de processamento da informação (FERREIRA, 2011).

Partindo da mesma perspectiva, Huesmann (1986) propõe um modelo de aprendizagem centrado na observação, introduzindo a noção de *script* – consiste em um conjunto de conceitos memorizados particularmente bem ensaiados e altamente associados, frequentemente envolvendo ligações causais, objetivos e planos de ação (HUESMANN, 1968). Desse modo, a aquisição dos *scripts* é composta pela interação de fatores biológicos e ambientais, surgindo nas primeiras experiências vivenciadas pelas crianças, internalizadas (uma vez internalizadas, tornam-se resistentes a mudança) e servindo de base para o processamento cognitivo e para o comportamento. Partindo da noção de *script*, Huesmann

sugere que quando crianças observam uma cena de violência aprendem *scripts* mentais agressivos que orientam para esse tipo de comportamento. Para o autor “uma criança habitualmente agressiva é aquela que regularmente recupera e emprega *scripts* para comportamentos sociais que enfatizam respostas agressivas” (HUESMANN, 1986, p. 131).

O modelo de processamento da informação abarca quatro processos, a saber: (1) percepção de hostilidade frente à situações ambíguas; (2) a aquisição, permanência e recuperação de *scripts* e esquemas mentais para o comportamento social; (3) a avaliação e seleção do *script*, o qual uma vez ativado, caso seja avaliado negativamente, poderá ou não ser utilizado; e, (4) a interpretação que o indivíduo faz das respostas oferecidas pelo ambiente às suas ações influenciará a permanência ou não desse *script*.

Em resumo, Huesmann postula que um comportamento social, como a agressão, é controlado por uma grande extensão de conceitos memorizados, que ele chama de *scripts*, aprendidos durante o desenvolvimento. Tais *scripts* são recuperados com o intuito de guiar os comportamentos, que por sua vez são reforçados, aumentando a probabilidade de ocorrência futura.

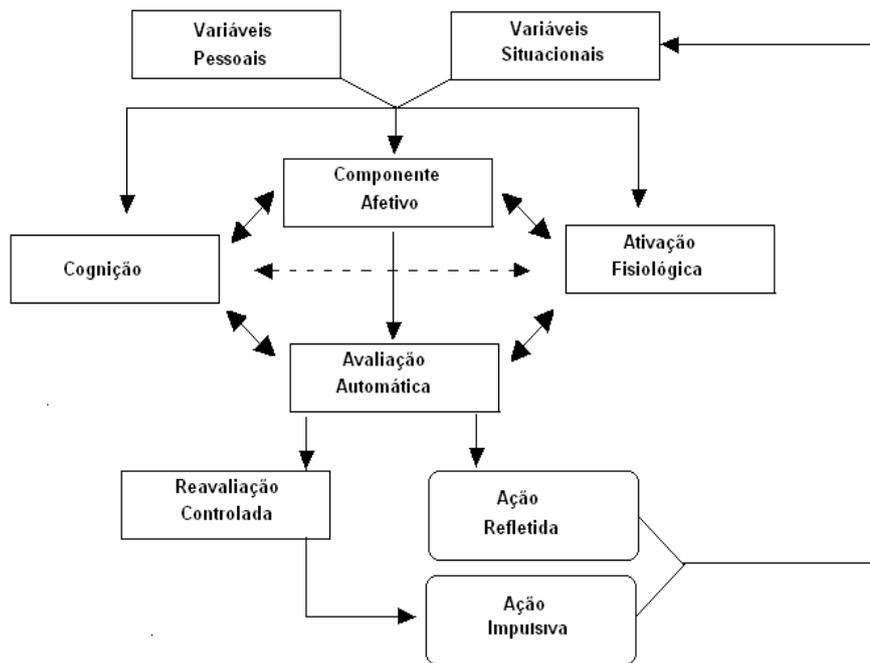
### **2.2.2.3. Modelo Geral da Agressão**

Apresentado como a mais recente tentativa de integração teórica no estudo da agressão humana, o Modelo Geral da Agressão (em inglês, *General Aggression Model - GAM*) unifica teorias existentes e supera a dicotomia da agressão reativa e hostil (BUSHMAN; ANDERSON, 2001, 2002). Bushman e Anderson (2001, 2002) definiram a agressão como o comportamento intencional de prejudicar outra pessoa, no qual o ato da agressão está motivado para evitar danos. A presença de um componente motivacional nessa definição exclui atos acidentais que levam a danos, tais como perda de controle de um automóvel, matando acidentalmente um pedestre, mas inclui comportamentos destinados a prejudicar mesmo se a tentativa falhar (errar um disparo de arma de fogo, por exemplo) (BUSHMAN; ANDERSON, 2001). Desse modo, este modelo considera que variáveis antecedentes podem ativar paralelamente componentes afetivos, cognitivos e fisiológicos, possibilitando uma avaliação primária rápida da situação sem recorrer a intervenções conscientes, após essa avaliação, uma avaliação secundária pode ocorrer, desta vez consciente, envolvendo a reapreciação da situação, a escolha de alternativas e a análise das consequências (BUSHMAN; ANDERSON, 2008; BUSHMAN; ANDERSON, 2001, 2002a, 2002b; ANDERSON; DILL, 2000).

Esse modelo suporta três subtipos de estruturas: os esquemas perceptuais, os esquemas pessoais e os *scripts* comportamentais. Desenvolvem-se a partir da experiência dos indivíduos e acabam influenciando as percepções em diferentes níveis, aumentando a probabilidade de serem automatizadas na medida em que são utilizadas, associando-se a estados efetivos e orientando a resposta comportamental do indivíduo frente às demandas ambientais (BUSHMAN; ANDERSON, 2002a). Tais estruturas podem ser utilizadas na compreensão de comportamentos agressivos que envolvam múltiplos motivos, servindo como uma tentativa de compreender todas as formas de agressão humana, por considerar as estruturas de conhecimento aprendidas como uma base comum (BUSHMAN; ANDERSON, 2001).

O modelo geral da agressão também considera que a interação de *inputs* (fatores pessoais como traços, sexo, crenças, atitudes, valores, objetivos e *scripts*) e fatores situacionais (tais como incentivos, frustração, provocação, drogas, dor), podem conduzir a estados internos hostis (tais como sentimentos agressivos, ativação fisiológica e excitação) e, dependendo dos resultados decorrentes dos processos de avaliação (primária ou secundária) o comportamento agressivo (BUSHMAN; ANDERSON, 2001; BUSHMAN; ANDERSON, 2008). No que tange a expressão comportamental da agressão, destinada a causar mal-estar físico ou psicológico, Buss e Perry (1992) reportam ao menos quatro formas: *agressão física* (bater, empurrar, chutar, esmurrar); *agressão verbal* (palavrões, insultos, palavras); *raiva* (reações de fúria, dificuldade de controlar o temperamento e fácil irritação); e, *hostilidade* (atitudes de inimizade, bem como uma predisposição para avaliar negativamente os outros, acompanhada, muitas vezes, do desejo de infligir ou de ter causados danos) (BUSS; PERRY, 1992; SMITH; GLAZER; RUIZ; GALLO, 2004).

De acordo com Anderson e Bushman (2002b), o modelo geral da agressão focaliza a “pessoa na situação, chamada de um episódio, consistindo em um ciclo de uma interação social continuada” (p.34). Tal afirmação, juntamente com o modelo, pode ser melhor visualizada na figura 1.



**Figura 1.** Modelo geral da agressão (Adaptado de Anderson e Bushman (2002a))

Diante do exposto, compreende-se que, apesar das divergências e lacunas teóricas a respeito dos fatores que influenciam o comportamento agressivo, o GAM é, atualmente, o modelo mais parcimonioso e integrador na compreensão deste comportamento, optando-se por adotá-lo como referencial teórico.

### 2.2.3. Comportamento Agressivo e Comportamento Antissocial

A proposição da agressividade como um preditor de diversos comportamento antissocial têm sido amplamente estudada. TÓTH et al. (2008) estudaram o isolamento social e o aumento da agressividade em animais de laboratório, reportando que o isolamento social e a agressividade resultaram em padrões de ataque anormais e déficits na comunicação social. Por fim, os autores sugerem que os modelos de agressão e os problemas sociais induzidos por privação são relacionados com agressões resultantes de negligência social em humanos. Outro estudo conduzido por Bing et al. (2007) investigou a relação entre agressividade e o comportamento contraproducente no local de trabalho, relatando que componentes explícitos e implícitos de agressão pode interagir na previsão de comportamentos contraproducentes e desviantes.

Nesse sentido, Stattin e Magnusson (1989), realizaram um estudo com 1.027 indivíduos em transição da infância para fase adulta visando investigar a relação entre o comportamento agressivo em idade escolar e os comportamentos desviantes. O estudo relata que a delinquência, como quebra de leis, foi predita pelos escores de agressividade. Com relação a delinquência adulta, para o sexo masculino, a reincidência foi correlacionada com os escores de agressividade, aparecendo como característico um elevado índices de agressão naqueles que mais tarde cometeram crimes violentos e danos à propriedade pública e, geralmente, em indivíduos com um padrão de ofensa diversificada. O estudo também ressalta que a agressividade não foi preditiva de crime para as meninas. Por fim, reporta-se que para ambos os sexos a relação entre agressividade e comportamento criminoso foi em grande medida independente da inteligência e da educação familiar.

Depreende-se que o comportamento agressivo configura-se como um fator de risco, de modo que a presente dissertação optou por avaliar sua relação com o comportamento antissocial, bem como sua influência em conjunto com outras variáveis, como a psicopatia que será melhor descrita no capítulo a seguir.

### 3 PSICOPATIA

Frequentemente encontra-se na literatura a utilização dos termos Transtorno da Personalidade Antissocial (TAS) e sociopatia como sinônimos da psicopatia. Entretanto, para que se compreenda a definição de psicopatia, se faz necessário distinguir estes conceitos. A sociopatia é uma nomenclatura atribuída por sociólogos e criminologistas que acreditam que a síndrome é causada por fatores sociais e experiências do início de vida (HARE, 2013). O termo sociopatia foi apresentado pela *American Psychiatric Association* (APA) na primeira versão do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), tendo como base os critérios de Cleckley (1941/1976), designado para caracterizar um padrão de comportamentos antissociais, diferente da psicopatia, que também compreende uma gama de aspectos interpessoais e afetivos (VAUGH; HOWARD, 2005). Essa nomenclatura também apareceu na segunda edição do DSM e foi substituída na terceira edição do DSM pelo termo Transtorno da Personalidade Antissocial (ARRIGO; SHIPLEY, 2001). O TAS corresponde a um conjunto de comportamentos criminosos e socialmente desviante. No entanto, não engloba aspectos como afetividade e os traços de personalidade. Essa é a principal diferença entre a psicopatia e o TAS, de acordo com Robert Hare. Desta forma, os indivíduos psicopatas podem preencher os critérios de TAS, estimando-se que 90% dos psicopatas sofrem de TAS enquanto que apenas 15% e 30% dos indivíduos com TAS atendem aos critérios de psicopatia (HUSS, 2013). Tal diferenciação se faz necessária pelo fato de que a maioria dos criminosos comuns atendem ao diagnóstico de TAS, mas não o de psicopatia.

Apesar da importância das diversas conceituações, o presente capítulo busca contemplar a psicopatia: (1) definir a psicopatia; e, (2) explicitar os principais autores e a evolução do conceito de psicopatia.

#### 3.1. Definição Constitutiva de Psicopatia

A psicopatia pode ser definida como um conjunto de traços disruptivos de personalidade envolvendo aspectos interpessoais (por exemplo, senso de grandiosidade e loquacidade), afetivos (por exemplo, ausência de remorso e afeto superficial) e comportamentais (por exemplo, comportamento impulsivo e antissocial) (HARE, 2013; SCHRAFT; KOSSON; MCBRIDE, 2013; PATRICK, 2001). No entanto, tal definição só foi

concebida graças a um amplo número de estudos realizados por diversos pesquisadores, que serão apresentados a seguir, bem como suas principais contribuições.

## **3.2. Principais Pesquisadores da Psicopatia**

### **3.2.1 A Mania sem Delírio**

Apresentando-se na literatura como o primeiro a realizar o registro de uma síndrome em 1809, o médico Frances Phillipe Pinel (1745 – 1826), designou o termo “*manie sans delire*” (mania sem delírio) para descrever um padrão comportamental de extrema violência de alguns pacientes, marcado por falta de remorso, completa ausência de contenção e completo entendimento de suas ações (ARRIGO; SHIPLEY, 2001; HARE, 2013). Segundo Pinel (1962; 1988), alguns de seus pacientes denominados como “loucos” não apresentavam nenhum prejuízo de entendimento e aparentavam serem dominados por uma espécie de instinto, caracterizados por uma má educação, traços perversos e apresentando a violência explosiva como a característica mais saliente.

### **3.2.2. A Loucura Moral**

Após os registros de Pinel, outro pesquisador que contribuiu significativamente com o tema foi o psiquiatra James Prichard ao publicar o livro “*Treatise on Insanity and Other Disorders Affecting the Mind*” (Tratado da Loucura e Outras Desordens que Afetam a Mente) introduzindo o termo “*moral insanity*” (loucura moral) para designar uma forma de alteração mental na qual as propriedades intelectuais não aparentavam ter sofrido dano e que a principal manifestação apresentava-se como um déficit no estado dos sentimentos, temperamento ou hábitos, bem como, um prejuízo nos princípios morais e no autocontrole (GOODWIN; GUZE, 1981; SHINE, 2000). Para Prichard, o termo *moral* poderia assumir três sentidos, moral como tratamento psicológico, como resposta emocional afetiva e como princípio ético de certo e errado (SHINE, 2000). Apesar de ter contribuído amplamente para o desenvolvimento de escolas educativas para jovens com comportamento desviante (SOEIRO; GONÇALVES, 2004), a “Loucura moral” proposta por Prichard incluía uma gama muito ampla de comportamentos, tais como mendicância e prostituição (ALMEIDA, 2007) de modo que sua sistematização era prejudicada.

### 3.2.3. A Personalidade Psicopática

A primeira tentativa de sistematização do conceito de psicopatia surgiu por volta de 1904, com o conceito de personalidade psicopática proposto por Emil Kraepelin (1856 - 1925). Formulado através de estudos de lesões e más-formações neurológicas (SHINE, 2000), a personalidade psicopática descrita por Kraepelin incluía casos de inibição no desenvolvimento do aspecto afetivo da personalidade aproximando-se da psicose, de modo que a personalidade psicopática seria uma etapa pré-psicótica (SHINE, 2000). Posteriormente, Kurt Schneider (1923/1955) com base no conceito de personalidade psicopática e seus estudos sobre personalidade, considerou errado caracterizar como doença mental um traço de personalidade desviante (CANTERO, 1993), afirmando que a psicopatia estava relacionada com desvios das características normais da personalidade (GONÇALVES, 1999a), definindo personalidade psicopática como personalidades que sofrem e fazem a sociedade sofrer por sua anomalia (SHINE, 2000). Schneider (1923/1955) também classificou as personalidades psicopáticas em dez categorias, a saber: (1) Hipertímicos; (2) Depressivos; (3) Inseguros; (4) Fanáticos; (5) Carentes de valor; (6) Lábeis de humor; (7) Explosivos; (8) Apáticos; (9) Abúlicos; (10) Asténicos. Apesar das tentativas de conceituação e esquematização, o conceito de psicopatia e o próprio uso da nomenclatura só se estabeleceram de fato a partir do trabalho de Hervey Milton Cleckley (1903-1984), intitulado *The Mask of Sanity* (A Máscara da Sanidade) (1941) (FILHO, 2009).

### 3.2.4. A Máscara da Sanidade

Cleckley (1941) baseou seus estudos em 15 casos clínicos, apresentando uma concepção definitiva e abrangente da psicopatia, considerada como a definição mais completa da psicopatia (SHINE, 2000; HUSS, 2013). Para Cleckley (1976), o psicopata (1) está livre de sinais ou sintomas típicos da psicose, neurose ou deficiência mental; (2) conhece as consequências do seu comportamento antissocial; (2) apresenta uma deficiência no reconhecimento de sentimentos, verbalizando-os de forma racional; (3) tem uma incapacidade de adaptação em relações sociais; (4) demonstra incapacidade de aprender com as experiências mesmo mediante a punição; (5) carece de motivação ou apresenta uma inadequação na motivação para prática do comportamento antissocial; e, (6) tem conhecimento das respostas afetivas socialmente esperadas, mas demonstra indiferença em relação aos outros.

Cleckley (1941) influenciou muitos pesquisadores nos últimos 25 anos de pesquisa científica sobre a psicopatia (HARE, 2013), essa grande influência deve-se ao fato de Cleckley fornecer um quadro clínico da psicopatia, identificando uma lista de 16 diferentes características que definem ou compõem o perfil do psicopata (HUSS, 2013; VAUGH; HOWARD, 2005). No entanto, vale ressaltar, que Cleckley não estabelece a necessidade da identificação de todas as características para identificação da psicopatia (FILHO, 2009). A lista de características elaborada por Cleckley (1941/ 1976) inclui: (1) Charme superficial e boa inteligência; (2) Ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional; (3) Ausência de nervosismo e/ou manifestações psiconeuróticas; (4) Não confiável; (5) Falsidade, tendência à mentira e falta de sinceridade; (6) Ausência de remorso ou vergonha; (7) Comportamento antissocial inadequadamente motivado; (8) Julgamento deficitário e falha em aprender com a experiência; (9) Egocentrismo patológico e incapacidade para amar; (10) Deficiência generalizada nas reações afetivas; (11) Perda específica de *insight*; (12) Falta de reciprocidade nas relações interpessoais; (13) Comportamento fantasioso e desagradável sob influência de álcool e às vezes sem; (14) Ameaças de suicídio raramente concretizado; (15) Vida sexual impessoal, trivial e mal integrada; e, (16) Falha em seguir um plano de vida.

O trabalho de Cleckley é considerado o mais abrangente, apresentando-se como a principal referência dentro da abordagem clínica (HARE; NEUMANN, 2008), por fornecer uma concepção da psicopatia em termos de traço de personalidade e enfatizando os aspectos interpessoais e afetivos (FILHO, 2009). Essa concepção serviu de base para os estudos de Robert Hare que desenvolveu o mais proeminente instrumento de avaliação da psicopatia, o *Psychopathy Checklist* (PCL) que, mais tarde, foi reformulado no *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R).

### **3.2.5. Robert Hare e a Psychopathy Checklist (PCL)**

Até a década de 1980 a falta de um método para a avaliação da psicopatia tornou-se um problema fundamental, impossibilitando a definição de critérios operacionais para definição da psicopatia, bem como, a comparação entre resultados dos estudos (HARE; NEUMANN, 2006; FILHO, 2009). Nesse sentido, com o objetivo de clarificar e sistematizar a avaliação de psicopatia, a partir da pesquisa empírica, Hare (1980), desenvolveu a versão inicial do *Psychopathy Checklist* (PCL) tendo como base a descrição de Cleckley (1976).

Após a criação do instrumento vários estudos suportaram sua validade, construindo um corpo de resultados consistentes e replicáveis (HARE, 1991).

O PCL-R (Psychopathy Checklist-Revised) apresenta-se como uma entrevista semi-estruturada composta por 20 itens (sintomas) avaliados em uma escala de três pontos que varia de 0 a 2, onde o avaliador atribui a pontuação de 0 para indicar a ausência do sintoma, 1 para possível presença do sintoma e 2 para presença definitiva do sintoma. A atribuição da pontuação é realizada além da entrevista semiestruturada, de modo que se faz necessário a avaliação por meio do exame de informações colaterais (ficha criminal e laudos técnicos). A pontuação atribuída a um indivíduo pode variar de 0 a 40 pontos. Desse modo, nos Estados Unidos, considera-se como ponto de corte para o diagnóstico da psicopatia uma pontuação superior a 30. Contudo, o valor exato do ponto de corte sofre variações segundo características culturais (HARE, 1991), no Brasil, por exemplo, adota-se o ponto de corte superior a 23.

Com relação a sua estrutura fatorial, os 20 itens do PCL-R são distribuídos em dois fatores, o fator 1 é composto de 8 itens, que correspondem aos itens de loquacidade/charme superficial, superestima, mentira patológica, vigarice/manipulação, ausência de remorso ou culpa, insensibilidade afetivo-emocional, indiferença/falta de empatia, e incapacidade em aceitar responsabilidade pelos próprios atos. O fator 1 geralmente é nomeado como fator interpessoal/afetivo por abranger questões que se relacionam com o comportamento interpessoal e a expressão emocional (HUSS, 2013). O fator 2 é composto 9 itens, que correspondem aos itens de necessidade de estimulação/ tendência ao tédio, estilo de vida parasitário, descontroles comportamentais, transtorno de conduta na infância, ausência de metas realistas a longo prazo, impulsividade, irresponsabilidade, delinquência juvenil, e revogação da liberdade condicional. O fator 2 geralmente é nomeado como fator do estilo de vida socialmente desviante/antissocial, pois consiste em itens que relacionam-se com esse tipo de comportamento. Três dos itens que compõem o PCL-R não se enquadram estatisticamente em nenhum dos fatores, mas são utilizados para pontuação.

As pontuações do fator 1 e do fator 2 tem demonstrado diferenças significativas em relação ao comprometimento do caráter no que refere-se ao comportamento antissocial (MORANA, 1999). Uma elevada pontuação no fator 1 pressupõe uma reabilitação problemática, visto que, o fator corresponde a traços dimensionais da personalidade relacionados com o comprometimento do caráter, enquanto uma elevada pontuação no fator 2

pressupõe um comportamento antissocial derivado de traços como instabilidade e impulsividade, sendo mais provável de sofrer alteração em função de intervenções medicamentosas (MORANA, 1999). Contudo, os fatores 1 e 2 não tipificam a psicopatia, comumente a psicopatia é diferenciada em psicopatia primária, que é caracterizada por atos antissociais, irresponsáveis, falta de empatia e charme superficial (HUSS, 2013), e psicopatia secundária que é caracterizada pela desvantagem social, baixa inteligência, ansiedade ou outra psicopatologia (HUSS, 2013).

Note que a psicopatia é uma variável contínua e não categórica, ou seja, deve-se entender a psicopatia como presente em todos os indivíduos que podem ser dispostos em menor ou maior grau. Desse modo, apesar de o PCL-R destacar-se como o instrumento mais proeminentes nos estudos de avaliação da psicopatia (HUSS, 2013; FILHO, 2009; PATRICK; FOWLES; KRUEGER, 2009), Levenson (1995) desenvolveu a *Self-report Psychopathy Scale* (SRPS) com base na necessidade de um instrumento de fácil manejo e aplicável a grandes amostras fora do contexto prisional (BRINKLEY et al., 2001).

### **3.2.5. Levenson's e a Self-report Psychopathy Scale**

Desenvolvida por Levenson (1995), a *Levenson Self-report Psychopathy* é uma medida de autorrelato com base nos critérios da PCL-R e projetado para uso em amostras de indivíduos não inseridos no contexto prisional. A escala compreende 26 itens divididos em dois fatores: (1) Psicopatia primária projetada para avaliar uma postura egoísta, insensível, e manipuladora para com os outros e; (2) Psicopatia secundária elaborada para avaliar a impulsividade e o estilo de vida inapropriado. Em vez de enfatizar a atividade criminosa, a SRPS foi projetado para obter informações sobre comportamentos mais típicos da vida social, como a integridade do indivíduo (Exemplo de item: "Mesmo se eu estivesse me esforçando para vender alguma coisa, eu não mentiria"). Diante do exposto e devido ao escasso tempo disponibilizado para o acesso aos detentos da unidade prisional Baldomero Cavalcanti optou-se, na presente dissertação, pela utilização da LSRPS.

## 4 PERSONALIDADE

Durante décadas o estudo da personalidade foi o tema central de diversas perspectivas teóricas distintas, tais como: a psicanálise, a biologia, o behaviorismo, a psicologia cognitiva, a psicologia humanista e interacionista, existindo uma grande diversidade de definições para personalidade (LUNDIN, 1977). Desse modo, embora seja um construto de grande importância, a diversidade de conceitos encontrados torna inexistente uma definição de personalidade que seja generalizada (HALL; LINDZEY, 1985), o que exige a aceitação de uma perspectiva teórica, por parte do autor, para tornar-se possível uma definição de personalidade (ANDRADE, 2008).

Nesse sentido, apesar das diversas concepções teóricas existentes na área, a presente dissertação adota a perspectiva proposta por Allport (1961) que considera a personalidade enquanto um conjunto de traços, avaliando a personalidade a partir da teoria dos cinco grandes fatores de personalidade (CGF) (COSTA; MCCRAE, 1992). Para tanto, o presente capítulo pretende: (1) Definir personalidade; (2) Apresentar as principais teorias acerca da personalidade como traço; e, (3) Evidenciar a relação entre personalidade e comportamento antissocial.

### 4.1. Definição Constitutiva de Personalidade

Como citado anteriormente, o estudo da personalidade despertou o interesse de grandes autores clássicos, tais como Albert Bandura, B. F. Skinner, Carl Jung, Carl Rogers, Eric Fromm, Henry Murray, John Dollard, Neal Miller e Sigmund Freud. No entanto, muitas das teorias propostas apresentaram caráter especulativo, além da carência de rigor científico, muitas vezes originaram-se com base na intuição, observação clínica e introspecção de pensadores (LUNDIN, 1977; FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). Nesse contexto, compreende-se que o estudo da personalidade só foi formalizado e sistematizado, tornando-se uma temática central para a psicologia, a partir da década de 1930 com a publicação do livro *“Personality: A psychological interpretation”* de Gordon Allport (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

Baseados na concepção da personalidade como um conjunto de traços, autores como Hans Eysenk e Raymond Cattell formularam teorias que compreendiam uma quantidade limitada de traços de personalidade, assim como o modelo dos cinco grandes fatores de personalidade (CGF) (COSTA; MCCRAE, 1992), que constitui-se como um dos modelos

mais difundidos para descrever a estrutura da personalidade dentro da teoria dos traços (SILVA; NAKANO, 2001). Diante do exposto, a presente dissertação adota a definição de personalidade proposta por Costa e McCrae (1992) que considera a personalidade como tendências básicas com fundamento biológico, que não são influenciadas diretamente pelo ambiente, admitindo cinco grandes traços de personalidade (Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo).

#### 4.2. Teorias Explicativas da Personalidade.

Como mencionado anteriormente, algumas das principais perspectivas teóricas no campo da personalidade serão elencadas, apresentando-se suas principais contribuições e aspectos centrais. No entanto, tendo em vista a quantidade de teorias e modelos presentes na literatura e por não ser o histórico da personalidade um dos objetivos da presente dissertação, optou-se aqui por apresentar de modo sucinto as perspectivas clássicas da personalidade e suas principais características no quadro 1 e logo após serão reportadas as principais teorias acerca dos traços de personalidade.

Quadro 1. Principais características das teorias e perspectivas da personalidade

Teorias/Perspectivas	Principal Característica
Psicanalítica	Observação das influências inconscientes; importância dos impulsos sexuais mesmo em esferas não sexuais.
Neo-analítica/ego	Ênfase no <i>self</i> em sua luta para lidar com emoções e impulsos no mundo interior e as exigências de outras pessoas no mundo exterior.
Biológica	Enfoque nas tendências e nos limites impostos pela herança biológica; pode ser facilmente associada com a maioria das outras abordagens.
Behaviorista	Análise mais científica das experiências de aprendizagem que modelam a personalidade.
Cognitiva	Captura a natureza ativa do pensamento humano; emprega o conhecimento da psicologia cognitiva
Humanista	Valoriza a natureza espiritual da pessoa; enfatiza a luta pela autossatisfação.

Interacionista	Reconhece a existência de diferentes personalidades ( <i>selves</i> ) em diferentes circunstâncias.
----------------	---

Fonte: Firedman; Schustack (2004, p.8).

#### 4.2.1. Teorias do Traço

##### 4.2.1.1. Gordon Allport e os Traços de Personalidade

Para Allport (1961) a personalidade apresenta-se como descontínua, de modo que o comportamento infantil é orientado pelas necessidades e reflexos biológicos primitivos, enquanto o comportamento adulto é guiado pelos traços de personalidade. Os traços de personalidade são as predisposições de um indivíduo a responder de forma consistente e duradoura a estímulos, caracterizados por: (1) serem reais e existirem em todos os indivíduos, não sendo constructos teóricos ou rótulos criados para explicar comportamentos; (2) determinar ou causar o comportamento, não surgindo apenas como respostas a certos estímulos, motivando a busca por estímulos adequados e interagindo com o meio ambiente para produzir comportamentos; (3) serem passíveis de demonstração empírica através da observação do comportamento ao longo do tempo; (4) estarem inter-relacionados podendo sobrepor-se embora representem características diferentes; e, (5) variarem de acordo com a situação (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

Dessa forma, Allport define a personalidade como uma “organização dinâmica, dentro do indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam o comportamento e o pensamento característico”, a qual os traços são características diferenciadoras que regem o comportamento; sofrendo as influências sociais, ambientais, culturais; e, apresentando-se como algo que pode ser empregado para resumir como as pessoas são ou comportam-se - fazendo referência a uma tendência determinante ou predisposição para agir de certa maneira (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011). Para tanto, os traços de personalidade poderiam ser divididos em três principais tipos: (1) Os traços cardinais, que seriam os traços mais difundidos e poderosos que influenciam nossas ações em quase todos os aspectos da vida, tais como agressividade e cinismo; (2) Os traços centrais, definidos como traços especiais que descrevem o comportamento de uma pessoa, porém menos influente que os traços cardinais, por exemplo: a preferência por um tipo de comida ou um tipo de música; e, (3) Os traços secundários, definidos como os traços menos aparentes, podendo se apresentar de forma tênue ou inconsistente (PERVIN; JOHN, 2004; SCHULTZ; SCHULTZ, 2011). Além disso, Allport

também contribuiu para o desenvolvimento do estudo da personalidade ao diferenciar os *hábitos* e as *atitudes* da personalidade, argumentando que *hábitos* são respostas específicas e inflexíveis a determinados estímulos que podem se combinar para formar um traço e as *atitudes*, assim como os traços, também influenciariam o comportamento, porém o objetivo das atitudes envolve avaliações positivas e negativas. A teoria de Gordon Allport constituiu um marco no estudo da personalidade influenciando outros teóricos tais como Cattell, Eysenck e Costa e McCrae, que se tornaram precursores da teoria dos traços.

#### **4.2.1.2. Raymond Cattell e os 16 traços básicos de personalidade**

Raymond Cattell demonstrou grande interesse pela influência da hereditariedade e do ambiente no desenvolvimento da personalidade, investigando a importância dos fatores hereditários e ambientais na modelagem da personalidade e, de modo estatístico. Cattell comparou as semelhanças entre gêmeos e não-gêmeos reportando que a hereditariedade teria papel essencial em traços como a inteligência e timidez, admitindo até 80% da influência genética (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011). Para Cattell (1965) cerca de um terço dos traços de personalidade é constituído geneticamente, definindo os traços como “uma tendência de reação relativamente permanente e ampla” (CATTELL, 1965, p.28).

A busca por diferenciar-se de teorias que especularam ou careciam de rigor científico, levou Cattell (1965) a utilizar métodos estatísticos, especificamente, a análise fatorial, para estruturar dimensões, propondo 16 fatores ou traços de personalidade. Os 16 traços encontrados por Cattell foram: expansivo - reservado; mais - menos inteligente; estável - sentimental; assertivo - humilde; despreocupado - moderado; consciencioso - evasivo; ousado - tímido; compassivo - determinado; desconfiado - confiante; imaginativo - prático; astuto - franco; apreensivo - plácido; inovador - conservador; autossuficiente - dependente do grupo; controlado – descontrolado; e, tenso – calmo. A partir desses traços originou-se o *Questionário dos 16 fatores de personalidade (16-PF)* (CATTELL; CATTELL, 1995), que foi considerado um instrumento útil entre os pesquisadores da personalidade, utilizado também para aplicação na psicologia clínica, organizacional e educacional (FABRICATORE; AZEN; SCHOENTGEN; SNIBBE, 1978; FOX; HABOUCHA; YOSSEI, 1981; LORD, 1996; SEISDEDOS, 1996). Todavia, na época em que Cattell realizou a análise fatorial para elaborar o seu modelo, a técnica era bastante limitada e o modelo, bastante complexo, o que

propiciou várias críticas, como observa Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Anton e Wieczorek (1998), abrindo caminho para novos modelos acerca das dimensões da personalidade.

#### 4.2.1.3. Hans Eysenck e as três dimensões da personalidade

Com base na concepção de Cattell quanto à personalidade composta por traços ou fatores, Eysenck (1953) define a personalidade como uma organização estável e duradoura do caráter, temperamento, intelecto e físico de uma pessoa, determinando seus ajustamentos ao ambiente. Dessa forma, para Eysenck (1953, p.9) “um traço pode ser definido como um conjunto covariante de comportamentos aparecendo assim como um princípio organizador, o qual é deduzido da generalidade do comportamento humano”.

Ao conduzir seus estudos envolvendo comparação entre gêmeos idênticos e fraternos (monozigóticos e dizigóticos), Eysenck reportou que os gêmeos idênticos são mais parecidos em personalidade do que os gêmeos fraternos, mesmo quando criados em ambientes diferentes durante a infância (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011). Concluiu-se que os traços são determinados primordialmente pela hereditariedade, mesmo ponderando a existência da influência ambiental e situacional sobre a personalidade (EYSENCK, 1990).

Para Eysenck, a personalidade era composta por três dimensões:

- (1) *Introversão – Extroversão*: A extroversão é caracterizada por indivíduos voltados para o mundo exterior, preferindo a companhia de seus iguais e com tendência a socialização. A introversão possui características opostas à extroversão.
- (2) *Neuroticismo – Estabilidade Emocional*: O neuroticismo é caracterizado pela tendência a demonstração de um grau maior de ansiedade e depressão, sendo mais tensas e emotivas do que as demais. A estabilidade emocional possui características opostas ao neuroticismo.
- (3) *Psicoticismo – Controle de Impulso*: O psicoticismo é caracterizado por condutas antissociais, agressivas, obstinadas, frias e egocêntricas. No entanto, também caracteriza indivíduos mais criativos. O controle de impulso possui características opostas ao psicoticismo.

As dimensões proposta por Eysenck foram constatadas através de pesquisas interculturais, obtendo resultados consistentes em mais de 35 países (ver EAVES; EYSENCK; MARTIN, 1989; FLODERUS-MYRHES; PEDERSEN; RASMUSON, 1980; MARTIN; JARDINE, 1986). Entretanto, alguns pesquisadores argumentaram que a teoria de Eysenck possui poucas dimensões, enquanto a teoria de Cattell possui demissões em demasia, faltando uma proposição teórica parcimoniosa em relação à quantidade de dimensões da

personalidade (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011). Desse modo, utilizando-se da análise fatorial e obtendo variações dos traços de personalidade descritos por Cattell e Eysenck, Costa e McCrae (1992) formularam a teoria dos Cinco Grandes Fatores (CGF).

#### 4.2.1.4. Teoria dos Cinco Grandes Fatores (CGF)

Proposta originalmente no início dos anos de 1960, por Ernest Tupes e Raymond Cristal, os CGF não tiveram muito impacto no meio acadêmico, passando a ser mais difundido nos anos de 1990. Sem uma perspectiva teórica particular, o modelo dos CGF deriva da análise de termos da linguagem utilizados por indivíduos em seus ambientes naturais para descrever uns aos outros (JOHN; SRIVASTAVA, 1999).

Costa e McCrae (1992) e Goldberg (1981), provavelmente, os nomes mais reconhecidos como proponentes do modelo dos CGF, basearam-se na análises de questionários sobre personalidade e na hipótese lexical. Para Goldberg (1981), se uma característica de personalidade for saliente, ou seja, capaz de gerar diferenças individuais socialmente relevantes, as pessoas vão notar esta característica e falar sobre ela. Como consequência, uma palavra ou expressão possivelmente será criada para descrever essa característica ou traço. Diante disso, Costa e McCrae identificaram os chamados cinco grandes fatores e desenvolveram o *Inventário de personalidade NEO* (COSTA; MCCRAE, 1985, 1987), pressupondo a existência de cinco dimensões básicas da personalidade, considerando-as como tendências básicas com fundamento biológico, que não são influenciadas diretamente pelo ambiente (PERVIN; JOHN, 2004). Os CGF referem-se às dimensões de *abertura à mudança (Openess to experience)*, *conscienciosidade (Conscientiousness)*, *extroversão (Extraversion)*, *amabilidade (Agreeableness)* e *neuroticismo (Neuroticism)*. Embora existam algumas divergências quanto à tradução de cada um destes fatores a presente dissertação adota as seguintes definições:

*Abertura à mudança (Openess to experience)*: Também nomeada como “cultura”, “imaginação” ou “intelecto”; refere-se a comportamentos exploratórios e reconhecimento da importância de ter variedade de experiências. Indivíduos com alta pontuação nesta dimensão são caracterizados como criativos, inventivos, curiosos e que se divertem com ideias inovadoras, enquanto indivíduos com baixa pontuação nesse fator são caracterizados como conservadores, convencionais em suas crenças e por serem menos responsivos quanto ao fator emocional (BENET-MARTINEZ; JOHN, 1998; COSTA; WIDIGER, 1993).

Conscienciosidade (*Conscientiousness*): Também nomeada como “falta de impulsividade (ou vontade)” ou “Realização”; refere-se ao controle de impulsos e comportamentos direcionados a um objetivo específico. Indivíduos que pontuam alto nesta dimensão são caracterizados por serem organizados, persistentes, confiáveis e trabalhadores, enquanto indivíduos com baixa pontuação nesta dimensão são caracterizados por não ter objetivos claros, serem menos confiáveis, geralmente descritos como preguiçosos, negligentes e hedonistas (BENET-MARTINEZ; JOHN, 1998; COSTA; WIDIGER, 1993).

Extroversão (*Extraversion*): Também chamada de “expansão”; refere-se à quantidade e intensidade das relações interpessoais. Indivíduos com pontuação alta nessa dimensão são caracterizados por serem sociáveis, ativos, falantes, otimistas e afetuosos. De modo oposto, indivíduos com baixa pontuação, são caracterizados por serem quietos, reservados, sóbrios, independentes e indiferentes (BENET-MARTINEZ; JOHN, 1998; COSTA; WIDIGER, 1993).

Amabilidade (*Agreeableness*): Também podendo ser apresentada como “agradabilidade” ou “sociabilidade”, referindo-se a um contínuo que se estende da compaixão ao antagonismo. Indivíduos com alta pontuação nessa dimensão tendem a ser descritos como generosos, bondosos, afáveis, prestativos e altruístas. Diferentemente, indivíduos que tem baixa pontuação nesse fator tendem a ser descritos como pouco cooperativos, cínicos e facilmente irritáveis, podendo chegar a serem manipuladores, vingativos e implicantes.

Neuroticismo (*Neuroticism*): Também denominado por “instabilidade emocional”, esta dimensão identifica indivíduos propensos a sofrimento psicológico e que podem apresentar níveis elevados de ansiedade, depressão e hostilidade. Indivíduos que pontuam alto nesse fator são descritos como pessoas que apresentam ideias irrealistas, tem baixa tolerância à frustração e respostas de enfrentamento não adaptativas, experimentando com maior frequência irritação, melancolia e vergonha. De maneira diferente, indivíduos que pontuam baixo nessa dimensão tendem a ser mais equilibrados emocionalmente e independentes (BENET-MARTINEZ; JOHN, 1998; COSTA; WIDIGER, 1993; MCCRAE, 2006).

A descrição dos CGF pode ser resumida no Quadro 2 apresentado por Pervin & John (2004).

**Quadro 2.** Descrição resumida dos CGF.

Características do indivíduo que apresenta alta pontuação	Dimensões	Características do indivíduo que apresenta baixa pontuação
---	-----------	--

Preocupado, nervoso, emotivo, inseguro, inadequado, hipocondríaco.	<b>NEUROTICISMO (N)</b> Avalia ajustamento <i>versus</i> instabilidade emocional. Identifica indivíduos propensos a perturbações.	Calmo, descontraído, não emotivo, forte, seguro, auto-satisfeito.
Sociável, ativo, falante, orientado para as pessoas otimistas, divertido, afetuoso.	<b>EXTROVERSÃO (E)</b> Avalia a quantidade e intensidade de interações interpessoais; nível de atividade; necessidade de estimulação; e capacidade de se alegrar.	Reservado, sóbrio, contraído, orientado para tarefas, desinteressado, quieto.
Curioso, interesses amplos, criativo, original, imaginativo, não-tradicional.	<b>ABERTURA (O)</b> Avalia a atividade proativa e a apreciação da experiência por si só; tolerância e exploração do que não é familiar.	Convencional, sensato, interesses limitado, não-artístico, não-analítico.
Generoso, bondoso, confiante, prestativo, clemente, crédulo, honesto.	<b>AGRADABILIDADE (A)</b> Avalia a qualidade de orientação interpessoal do indivíduo ao longo de um contínuo da compaixão ao antagonismo em pensamentos, sentimentos e ações.	Cínico, rude, desconfiado, não-cooperador, vingativo, inescrupuloso, irritável, manipulador.
Organizado, confiável, trabalhador, autodisciplinado, pontual, escrupuloso, asseado, ambicioso, perseverante.	<b>CONSCIENCIOSIDADE (C)</b> Avalia o grau de organização persistência e motivação do indivíduo no comportamento dirigido para os objetivos. Compara pessoas confiáveis e obstinadas com aquelas que são apáticas e descuidadas	Sem objetivos, não-confiável, preguiçoso, descuidado, negligente, relaxado, fraco, hedonístico.

Fonte: PERVIN; JOHN (2004, p. 213)

Atualmente a teoria dos CGF compreende o modelo entendido como a base para uma representação adequada para personalidade (PERVIN; JOHN, 2004; PERUGINI; GALLUCII; LIVI 2000), reunindo um conjunto de evidências a respeito da existência de cinco dimensões principais da personalidade. Costa e McCrae (1992) destacam quatro fundamentos essenciais em que pautam essas evidências: (1) A demonstração, por meio de estudos longitudinais e observações cruzadas, que os cinco grandes fatores são disposições duradouras que se manifestam nos padrões comportamentais; (2) A existência, em outros modelos teóricos, dos traços relatados pelo presente modelo; (3) A existência dos cinco fatores em diferentes idades, sexos, etnias e nacionalidades, embora possam variar de acordo com a cultura; e (4) Os indícios da existência de uma base genética por meio dos achados em relação aos traços de fatores hereditários.

O modelo dos CGF possibilita a existência de uma linguagem comum para psicólogos de diferentes abordagens, uma estrutura natural para organizar pesquisas e um guia para a

avaliação do comportamento humano, fundamental, inclusive, para psicólogos educacionais, industriais, organizacionais e clínicos (MCCRAE; JOHN, 1992). Nesse sentido, o modelo dos CGF tem evidenciado a relação entre as cinco dimensões da personalidade e uma série de construtos, tais como condutas delitivas, valores humanos, relacionamentos íntimos e bem-estar subjetivo (BARELDS, 2005; QUEIROGA, 2009; ROS, 2006; VASCONCELOS; GOUVEIA; PIMENTEL; PESSOA, 2008; DENEVE; COOPER, 1998). Além disso, o modelo ainda tem se apresentado de forma consistente em diversas culturas, orientais e ocidentais (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, SCHMITT; ALLIK; MCCRAE; BENET-MARTÍNEZ, 2007). Diante do exposto, optou-se por adotar o modelo dos CGF como referencial teórico para avaliação do poder explicativo da personalidade em relação aos comportamentos antissociais.

#### **4.2.1.5. Traços de Personalidade e o Comportamento antissocial**

Diante dos resultados alcançados em várias culturas, o modelo dos CGF tem sido amplamente utilizado em vários estudos para explicação de diversos comportamentos (HEZBERG; HOYER, 2008). Miller, Lynam, Widiger e Leukefeld (2001) realizaram uma meta-análise que considerou a relações entre os vários modelos estruturais da personalidade e o comportamento antissocial. Evidenciou-se que as dimensões amabilidade e psicoticismo explicam mais fortemente o comportamento antissocial.

Com relação ao modelo dos CGF, Gullone e Moore (2000) afirmaram que a correlação dos traços de personalidade com as condutas antissociais depende dos fatores de risco considerados. Constatou-se que os traços de personalidade foram mais eficazes para prever os comportamentos de *rebeldia* e menos os de *busca de emoção*. No caso das condutas antissociais, o fator *neuroticismo* foi o único a explicá-las satisfatoriamente ( $\beta = -0,15, p < 0,01$ ); o fator de *extroversão* explicou a *busca de emoção* ( $\beta = 0,23, p < 0,001$ ). Os resultados a respeito do fator *abertura à mudança*, presente no modelo dos CGF, não tem aparecido como relevante nos estudos. Os autores relataram ainda algumas correlações com comportamentos socialmente desviantes, como *rebeldia* ( $r = -0,11, p < 0,05$ ) e *imprudência* ( $r = -0,15, p < 0,05$ ). Conclui-se que os traços de personalidade apresentam-se como um importante construto na explicação do comportamento antissocial e de condutas delitivas (ver MILLER, 1997; HEAVEN, 1996; HEAVEN; CAPUTI; TRIVELLION-SCOTT; SWINTON, 2000).

## PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO

### 5 MÉTODO

#### 5.1. Delineamento e Hipóteses

O presente estudo se pauta em um delineamento do tipo correlacional, de natureza *ex post facto*, em que foram consideradas as variáveis antecedentes (agressividade e personalidade) e critério (psicopatia). Foram formuladas as seguintes hipóteses:

- (1) As pontuações na agressividade física se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária.
- (2) As pontuações na agressividade verbal se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária.
- (3) As pontuações no fator raiva se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária.
- (4) As pontuações no fator hostilidade se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária.
- (5) As pontuações na agressividade verbal se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.
- (6) As pontuações na agressividade física se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.
- (7) As pontuações no fator raiva se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.
- (8) As pontuações no fator hostilidade se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.
- (9) As pontuações na dimensão Abertura à mudança se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária.
- (10) As pontuações na dimensão Neuroticismo se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária.

- (11) As pontuações na dimensão Extroversão se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária.
- (12) As pontuações na dimensão Conscienciosidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia primária.
- (13) As pontuações na dimensão Amabilidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia primária.
- (14) As pontuações na dimensão Abertura à mudança se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.
- (15) As pontuações na dimensão Neuroticismo se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.
- (16) As pontuações na dimensão Extroversão se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.
- (17) As pontuações na dimensão Conscienciosidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia secundária.
- (18) As pontuações na dimensão Amabilidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia secundária.

## 5.2. Participantes

Participaram 48 detentos, inseridos em atividades de ressocialização, do presídio Baldomero Cavalcanti de Oliveira, localizado na cidade de Maceió (AL), com idade média de 34,6 anos (DP = 8,68). Esta amostra foi de conveniência (não-probabilística); participaram os indivíduos que estavam presentes e sendo solicitados a colaborar, concordaram em fazer parte da pesquisa. A Tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes.

**Tabela 1.** Caracterização da amostra – Dados sociodemográficos

<b>Dados sociodemográficos</b>	<b>Distribuição</b>
<b>Sexo</b>	
Masculino	48 (100%)
<b>Cor</b>	

Branco	11 (22,9%)
Preto	23 (47,9%)
Pardo	14 (29,2%)
<b><u>Estado Civil</u></b>	
Solteiro	16 (33,3%)
Casado	25 (52,1%)
Separado	3 (6,3%)
Outro	4 (8,3%)
<b><u>Escolaridade</u></b>	
Analfabeto	20 (41,7%)
Fundamental Incompleto	14 (29,2%)
Fundamental Completo	3 (6,3%)
Médio Incompleto	6 (12,5%)
Médio Completo	4 (8,3%)
Superior Completo	1 (2,1%)
<b><u>Atividade de Ressocialização</u></b>	
Sim	45 (93,8%)
Não	3 (6,2%)
<b><u>Tempo de Sentença*</u></b>	6,6 a 67 (M= 23,46; DP= 14,04)
<b><u>Tempo de sentença cumprido*</u></b>	1 a 8 (M= 4,36; DP= 1,8)
<b><u>Tempo em Atividade de Ressocialização*</u></b>	0,25 a 15 (M= 2,42; DP= 2,74)

**Nota:** \*Variáveis calculadas em Anos

### 5.3. Instrumentos

Os participantes foram requeridos a responder os seguintes instrumentos:

(1) *Questionário de Agressão de Buss-Perry* (Anexo A): Elaborado por Buss e Perry (1992) e validado para o contexto brasileiro por Gouveia, Chaves, Peregrino, Branco e Gonçalves (2008). O questionário é composto por 26 itens que avaliam a agressão, em quatro dimensões, a saber: Agressão Física ( $\alpha = 0,65$ ) composto por 7 itens (“Se alguém me bater, eu bato nele de volta”); Agressão Verbal ( $\alpha = 0,52$ ) composto por 3 itens (“Não consigo ficar calado(a) quando as pessoas discordam de mim”); Raiva ( $\alpha = 0,71$ ) que apresenta 6 itens (“Alguns amigos dizem que sou cabeça quente”); e, Hostilidade ( $\alpha = 0,62$ ) composto de 11 itens (“Quando as pessoas são muito gentis, duvido de suas intenções”). Os itens são respondidos em uma escala de cinco pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: 1 = Discordo totalmente e 5 = Concordo totalmente.

(2) *Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – IGFP - 5* (Anexo B) (versão curta): Elaborado por John, Donahue e Kentle (1991) e adaptado e validado para o contexto brasileiro por Andrade (2008). Formado por 32 itens estruturados em sentenças curtas, distribuídos entre cinco fatores: Abertura ( $\alpha = 0,65$ ) composto por 9 itens (“É original, tem sempre novas ideias”); Conscienciosidade ( $\alpha = 0,65$ ) composto por 6 itens (“Faz as coisas com eficiência”); Extroversão ( $\alpha = 0,75$ ) composto 8 itens (“Tende a ser quieto, calado”);

Amabilidade ( $\alpha= 0,69$ ) composto por 3 itens (“Gosta de cooperar com os outros”); e, Neuroticismo ( $\alpha= 0,75$ ) composto por 6 itens (“Fica nervoso facilmente”). Os itens são respondidos em uma escala de cinco pontos, variando de 1 = Discordo totalmente até 5 = Concordo totalmente.

(3) *Levenson Self-Report Psychopathy scale - LSRS* (Anexo C): Elaborado por Levenson, Kiehl e Fitzpatrick (1995) e adaptado e validado para o contexto brasileiro por Hauck (*no prelo*). Composta por 26 itens distribuídos em dois fatores: Psicopatia primária composto por 17 itens e psicopatia secundária composto por 9 itens. Os itens são respondidos em uma escala de cinco pontos, variando de 1 = Discordo totalmente a 5 = Concordo totalmente.

(4) *Questionário Demográfico* (Anexo D): Com perguntas como: idade, sexo, estado civil, escolaridade etc.

#### **5.4. Procedimento**

Inicialmente o projeto foi submetido ao comitê de ética, tendo sido aprovado (nº: 17568314.4.0000.5013), a aplicação destes instrumentos foi realizada por meio de entrevista cara-a-cara em sala com condições ótimas e seguindo o *modus operandi* do sistema prisional. Utilizou-se um procedimento padrão, procurando garantir o mínimo de respostas enviesadas. Portanto, o aplicador, com treinamento prévio, ficou responsável por dar a instrução ao participante sobre como responder. O aplicador interferiu o mínimo possível no processo de aplicação, dando apenas explicações, quando solicitadas, evitando emitir comentários ou dar respostas que tenham significados ou conotações diferentes das atribuídas pelos participantes. Ao final de cada entrevista o pesquisador realizava anotações no diário de campo, tais como: suas impressões, comentários e relatos dos entrevistados e relatos dos funcionários (agentes penitenciários e integrantes dos setores de saúde) da unidade prisional. Além disso, os participantes foram esclarecidos sobre o anonimato e sigilo de suas respostas e obteve-se o consentimento livre e esclarecido de todos os participantes por meio da assinatura de um termo (Anexo E). Foi garantido o caráter voluntário da participação, bem como o respeito às diretrizes éticas que regem a pesquisa com seres humanos.

#### **5.5. Análise de dados**

Utilizaram-se estatísticas descritivas (média, desvio padrão, mínimo e máximo, erro padrão e intervalo de confiança de 95%) para descrição dos resultados em particular de cada uma das escalas e seus respectivos fatores. Também foram realizadas análises de correlação  $r$  de *Pearson* e *Regressão Linear Múltipla*, para verificar o nível de relação e em que medida as variáveis antecedentes explicam as variáveis consequentes.

## 6 RESULTADOS

### 6.1. Índices de Agressividade, Psicopatia e Personalidade frente a tipificação criminal

Inicialmente procederam-se análises descritivas de cada uma das escalas utilizadas e de seus respectivos fatores. Nas tabelas a seguir, descreve-se dados como média, desvio-padrão, os valores máximos e mínimos, erro-padrão e o intervalo de confiança.

**Tabela 2.** Média, desvio padrão, mínimo e máximo, erro padrão e intervalo de confiança de 95% para os Fatores do Questionário de Agressão de Buss-Perry (n= 48).

Variáveis	Média	Desvio padrão	Mínimo-máximo	Erro-padrão	IC 95%
Agressividade Geral	2,47	0,63	1,19 – 3,88	0,09	2,28 – 2,65
Agressividade Física	1,75	0,74	1 – 3,43	0,10	1,53 – 1,97
Agressividade Verbal	2,64	1,16	1 – 5	0,16	2,30 – 2,98
Raiva	2,47	0,91	1 – 4,17	0,13	2,20 – 2,74
Hostilidade	2,92	0,73	1,30 – 4,40	0,10	2,70 – 3,13

Observou-se uma média de 2,47 (DP= 0,63) para agressividades geral, de 2,92 (DP= 0,73) para hostilidade, seguida pelas agressividades do tipo verbal (M= 2,64; DP= 1,16), raiva (M= 2,47; DP= 0,91) e, por fim, a agressividade física (M= 1,75; DP= 0,74). Tais resultados são semelhantes aos encontrados por Diamond e Magaletta (2006), em uma amostra de 603 detentos, ao reportar: uma média de 2,24 (DP= 0,42) para o escore de agressividade geral; de 2,43 (DP= 0,49) para agressividade física; de 2,08 (DP= 0,31) para agressividade verbal; de 1,85 (DP= 0,42) para o fator raiva; e, de 2,61 (DP= 0,47) para o fator hostilidade. Observa-se que os escores médios aqui apresentados estão abaixo dos encontrados por Formiga, Cavalcante, Araújo, Lima e Santana (2007), em uma amostra de 504 estudantes, a saber: média de 2,75 (DP= 0,91 para o escore de agressividade geral; de 2,53 (DP= 0,80) para agressividade física; de 2,87 (DP= 0,98) para agressividade verbal; de 2,61 (DP= 0,97) para o fator raiva; e, de 2,99 (DP= 0,90) para o fator hostilidade.

Diante disso, buscou-se compreender se os escores de agressividade estariam relacionados com tempo de ressocialização. Procedeu-se uma análise de correlação de Pearson, em que constatou-se a não existência de relação entre os escores de agressividade física ( $r = -0,20$ ;  $p = 0,102$ ), agressividade verbal ( $r = -0,05$ ;  $p = 0,381$ ) e agressividade hostil ( $r = -0,08$ ;  $p = 0,295$ ) com o tempo em atividade de ressocialização. Entretanto, o fator raiva ( $r = -0,26$ ;  $p = 0,049$ ) mostrou-se negativamente relacionado ao tempo em atividade de ressocialização; quanto maior o tempo de inserção em atividade de ressocialização menor o escore do detento no fator raiva.

**Tabela 3.** Média, desvio padrão, mínimo e máximo, erro padrão e intervalo de confiança de 95% para as dimensões do Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – IGFP-5 (n= 48).

Variáveis	Média	Desvio padrão	Mínimo-máximo	Erro-padrão	IC 95%
Abertura	4,16	0,60	2,56 – 5,00	0,08	3,98 – 4,34
Neuroticismo	2,40	0,87	1 – 3,83	0,12	2,15 – 2,66
Extroversão	3,37	0,55	2,13 – 4,5	0,08	3,21 – 3,53
Conscienciosidade	4,07	0,63	2,25 – 5	0,09	3,88 – 4,25
Amabilidade	4,63	0,65	2,67 – 5	0,09	4,44 – 4,83

Como relação aos traços de personalidade pode-se observar na Tabela 3, que na amostra estudada, a amabilidade (M= 4,63; DP= 0,65) apresenta-se como o traço mais característico, seguido por uma elevada abertura à mudança (M= 4,16; DP= 0,60), conscienciosidade (M= 4,07; DP= 0,63) e extroversão (M= 3,37; DP= 0,55) e um baixo neuroticismo (M= 2,40; DP= 0,87).

**Tabela 4.** Média, desvio padrão, mínimo e máximo, erro padrão e intervalo de confiança de 95% para os Fatores da Self-Report Psychopathy scale (n= 48).

Variáveis	Média	Desvio padrão	Mínimo-máximo	Erro-padrão	IC 95%
Psicopatia Primária	2,02	0,57	1 – 3,41	0,08	1,86 – 2,19
Psicopatia Secundária	1,90	0,45	1 – 2,89	0,06	1,77 – 2,03
Psicopatia Geral	1,89	0,48	1 – 3,15	0,06	1,84 – 2,12

No tocante a psicopatia, pode-se observar na Tabela 4, que o escore médio em psicopatia geral (M= 1,89; DP= 0,48), do mesmo modo que seus respectivos fatores, a psicopatia primária (M= 2,02; DP= 0,57) e a psicopatia secundária (M= 1,90; DP= 0,45), são próximos dos relatados por Brinkley et al. (2001) em uma amostra de 549 detentos no estado do Wisconsin, a saber: de 2,10 (DP= 0,44) para o escore total de psicopatia; de 1,94 (DP= 0,51) para o escore de psicopatia primária; e, de 2,40 (DP= 0,56) para psicopatia secundária. Esse escores são inferiores aos obtidos por Coelho, Paixão e Silva (2010) em uma amostra de 271 universitários portugueses, a saber: de 2,16 (DP= 0,44) para o escore geral de psicopatia; de 2,07 (DP= 0,38) para o escore de psicopatia primária; e, de 2,34 (DP= 0,56) para psicopatia secundária.

Buscou-se avaliar a existência de relação entre os escores médios de psicopatia com o tempo de inserção em atividade de ressocialização. Constatou-se que a psicopatia primária ( $r = 0,11$ ;  $p = 0,238$ ), a psicopatia secundária ( $r = 0,23$ ;  $p = 0,444$ ) e o escore total de

psicopatia ( $r = -0,07$ ;  $p = 0,134$ ) não apresentaram relação com o tempo de inserção em atividade de ressocialização, estatisticamente significativa.

Buscou-se ainda analisar os escores médios frente a tipificação criminal auto-reportada. Para tanto, optou-se por dividir a amostra estudada em três grupos de acordo com as características dos crimes reportados:

(1) *Crimes com Vítima Fatal ou Características Cruéis (CVF)*: Crimes que de fato resultaram na morte ou apresentam características cruéis como tortura, sequestro, latrocínio e homicídio;

(2) *Crimes de Cunho Sexual (CCS)*: Crimes com objetivo ou conotação sexual como estupro, atentado violento ao pudor, estupro de vulnerável e exploração sexual de criança, adolescente ou vulnerável;

(3) *Crimes de Menor Potencial (CMP)*: Crimes que de fato não resultaram em morte ou não apresentam características de crueldade e sem conotação sexual, como tráfico, roubo, formação de quadrilha e porte de arma.

**Tabela 5.** Média e desvio da agressividade padrão frente a tipificação criminal.

Tipificação	Agressividade Física	Agressividade Verbal	Raiva	Hostilidade
C.V.F.*	1,80 (0,75)	2,73 (1,10)	2,61 (0,77)	3,01 (0,65)
C.C.S.**	1,55 (0,57)	2,19 (1,30)	1,64 (0,77)	2,45 (0,91)
C.M.P.***	1,84 (0,84)	2,75 (1,25)	2,54 (1,03)	2,98 (0,79)

**NOTA:** \* Crimes com Vítima Fatal (n =24); \*\* Crimes de Cunho Sexual (n =7); \*\*\* Crimes de Menor Potencial (n = 15)

Como explicitado na Tabela 5, os indivíduos que cometeram crimes que resultaram em vítima fatal ou com características cruéis, apresentaram um padrão de agressividade caracterizado pela elevada hostilidade (M= 3,01; DP= 0,65), agressividade verbal (M= 2,73; DP= 1,10) e raiva (M= 2,61; DP= 0,77), e baixa agressividade física (M= 1,80; DP= 0,75). Com relação aos indivíduos que cometeram crimes de cunho sexual o padrão de agressividade apresenta elevada hostilidade (M= 2,45; DP= 0,91) e agressividade verbal (M= 2,19; DP= 1,30), e baixa agressividade física (M= 1,55; DP= 0,57) e raiva (M= 1,64; DP= 0,77). Para os indivíduos que cometeram crimes de menor potencial, o padrão de agressividade encontrado demonstra uma elevada hostilidade (M= 2,98; DP= 0,79), agressividade verbal (M= 2,75; DP= 1,25) e raiva (M= 2,54; DP= 1,03), e baixa agressividade física (M= 1,84; DP= 0,84).

**Tabela 6.** Média e desvio para as dimensões do Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – IGFP-5

Tipificação	Abertura	Neuroticismo	Extroversão	Conscienciosidade	Amabilidade
C.V.F.*	4,18 (0,56)	2,47 (0,85)	3,18 (0,41)	4,14 (0,60)	4,72 (0,55)
C.C.S.**	3,93 (0,81)	2,78 (0,73)	3,19 (0,64)	3,80 (0,68)	3,90 (1,01)
C.M.P.***	4,25 (0,61)	2,15 (0,91)	3,67 (0,57)	4,04 (0,68)	4,82 (0,43)

**NOTA:** \* Crimes com Vítima Fatal (n =24); \*\* Crimes de Cunho Sexual (n =7); \*\*\* Crimes de Menor Potencial (n = 15)

Com relação à personalidade, na amostra estudada, a amabilidade apresentou-se como a dimensão com os maiores escores médios para as três categorias de tipificação criminal, enquanto o neuroticismo aparece com os menores escores médios para as três tipificações.

**Tabela 7.** Média e desvio para os Fatores da *Self-Report Psychopathy Scale*.

Tipificação	Psicopatia Primária	Psicopatia Secundária	Psicopatia
C.V.F.*	2,37 (0,51)	2,19 (0,49)	2,25 (0,41)
C.C.S.**	2,27 (0,61)	1,98 (0,58)	2,12 (0,64)
C.M.P.***	2,35 (0,61)	2,25 (0,54)	2,27 (0,48)

**NOTA:** \* Crimes com Vítima Fatal (n =24); \*\* Crimes de Cunho Sexual (n =7); \*\*\* Crimes de Menor Potencial (n = 15)

No tocante a psicopatia, a maior média foi para a psicopatia primária, independente da tipificação criminal. Com relação ao escore total de psicopatia, indivíduos que cometeram crimes de menor potencial apresentaram os escores mais elevados (M= 2,27; DP= 0,48), seguidos daqueles que cometeram crimes que resultaram em vítima fatal ou com características cruéis (M= 2,25; DP= 0,41) e por aqueles que cometeram crimes sexuais (M= 2,12; DP= 0,64).

### 6.1.1. Discussão

Os resultados destas análises descreveram os escores da amostra estudada nos construtos elencados, bem como frente a tipificação criminal, observando a relação destes escores com o tempo de inserção em atividade de ressocialização.

Evidenciou-se que a amostra estudada apresenta um baixo índice de agressividade, psicopatia e caracteriza-se pelo alto índice de amabilidade. Chama a atenção tais características e levanta a possibilidade de especulações, no sentido da acurácia de testes psicológicos em população carcerária, que em geral apresenta o hábito de calcular o que o

entrevistador objetiva (HARE, 2013). Ao aplicar testes psicológico, Hare (2013), reporta que os detentos:

Em geral, não viam motivo para revelar coisas realmente importantes a funcionários da prisão, mas sim algo que pudesse ajudá-los em um pedido de liberdade condicional, mudança de oficina de trabalho, admissão em algum programa específico, etc. Além disso, os psicopatas que haviam ali eram especialistas em distorcer e moldar a verdade de acordo com seus propósitos. O controle das próprias impressões era definitivamente um de seus pontos fortes. (Hare, 2013, pp. 40)

Desse modo, argumenta-se aqui, que os padrões de resposta observados, na amostra estudada, devem ser discutidos a partir de dois pontos: (1) os índices de agressividade e psicopatia apresentados pela amostra apresentam-se em consonância apenas com aqueles estudos realizados em amostras de detentos (DIAMOND; MAGALETTA, 2006; SHAMAY-TSOORY; HARARI; AHARON-PERETZ; LEVKOVITZ, 2010); e, (2) Quando os escores aqui encontrados são comparados com os de estudos realizados com amostras de universitários, apresentam índices inferiores (FORMIGA et al., 2007; FORMIGA; OMAR; AGUIAR, 2010; COELHO et al, 2007, BRINKLEY et al., 2001). De fato, a proposição de que universitários apresentam um traço de psicopatia e agressividade mais elevado em relação a detentos apresenta-se questionável. Argumenta-se aqui que a avaliação de detentos por meio de medidas de autorrelato apresenta-se como insuficientes, de modo que se faz necessário a utilização de informações paralelas, por exemplo: ficha criminal, informações de parentes e informações sobre o comportamento do detento no sistema prisional (HARE, 2013; HART; HARE, 1994). Na presente dissertação, optou-se por discutir os índices levando-se em conta os diários de campo, em específico os relatos dos detentos e as informações obtidas com agentes penitenciários e integrantes do setor de saúde sobre o seu comportamento.

No tocante a personalidade, estudos que têm utilizado o modelo dos CGF de personalidade têm argumentado que a psicopatia pode ser entendida como uma mistura de baixos escores nas dimensões de amabilidade e conscienciosidade, combinado com altos escores nas dimensões de extroversão e uma combinação de baixo ou alto neuroticismo (LYNAM, 2002; MILLER; LYNAM; WIDIGER; LEUKEFELD, 2001; WIDIGER; LYNAM, 1998). Entretanto, na maioria desses estudos tem-se utilizado amostras de universitários, população que, em geral, não possuem traços de personalidade patológica e condutas antissociais.

Na amostra estudada, o padrão de personalidade encontrado descreve indivíduos generosos, bondosos, prestativos e honestos (características de indivíduos amáveis), assim como indivíduos organizados, confiáveis, trabalhadores e perseverantes (características de indivíduos conscienciosos) (PERVIN; JOHN, 2004). Em outras palavras, o padrão de personalidade apresentado na amostra pode ser entendido, não como o padrão comportamental do detendo, mas como resultado do padrão de uma personalidade patológica (HART; HARE, 1994). Sobre tal fato, Hare (2013), reporta que ao realizar uma avaliação com detentos a partir de testes psicológicos deve-se tomar cuidado na análise das respostas, de modo que algumas vezes os registros prisionais podem ser preenchidos indicando perfis de personalidade que divergem drasticamente daqueles que todos na prisão sabem sobre os detentos em questão, como na amostra estudada, o detento L.S.N., 36 anos, sexo masculino, separado e com ensino médio incompleto, sentenciado a 16 anos e 6 meses pelos crimes de tortura e formação de quadrilha, com 4 anos e 6 meses de detenção, encontrando-se a 1 ano e 6 meses em atividade de ressocialização. Reportou-se no diário de campo que tendo sido inicialmente instruído quanto aos objetivos da pesquisa e o caráter ético, o detento L.S.N., foi solicitado a colaborar com a pesquisa, respondendo “O que eu vou ganhar respondendo suas perguntas?”; insistindo mais duas vezes, com a mesma pergunta, antes de aceitar colaborar. O pesquisador reporta ainda a necessidade do detento L.S.N. de estar sempre “citando” e baseando suas respostas em sua religiosidade, proferindo frases como “porque Deus quer assim (...)” e “Deus mandou a gente seguir no caminho certo (...)”. Observa-se ainda que o detento L.S.M. apresenta um escore baixo no fator agressividade física (1,29), psicopatia primária (1,59) e psicopatia secundária (1,56), bem como um escore elevado nas dimensões de amabilidade (5,00), conscienciosidade (4,50) e abertura (4,33). Diante do exposto, levando-se em conta o padrão de agressividade, psicopatia e personalidade encontrado nos instrumentos, a definição dos construtos elencados, as características da tipificação criminal e as informações contidas no diário de campo, argumenta-se que as avaliações por meio de medidas de autorrelato, em detentos, devem levar em conta informações paralelas pela característica de manipulação apresentada na psicopatia.

Por fim, compreende-se que avaliação do comportamento antissocial em detentos por meio de testes de autorrelato é uma alternativa que apesar de representar um grande avanço, demonstram-se ainda suscetíveis a manipulações e distorções por parte do detento (HARE, 20013). Sugere-se aqui, a adoção de medidas de reações fisiológicas, que são menos propensas a apresentar vieses e erros de medida (KLOPF; KOFLER-WESTERGREN;

MITTERAUER, 2012), para avaliação do comportamento antissocial, como o rastreamento ocular, em específico os movimentos de *saccade* e *anti-saccade* (DUCHOWSKI, 2003).

## 6.2. Relações entre Psicopatia e Agressividade

Considerando-se a amostra total de 48 participantes buscou-se testar as hipóteses, a saber: (1) As pontuações na agressividade física se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária; (2) As pontuações na agressividade verbal se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária; (3) As pontuações no fator raiva se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária; (4) As pontuações no fator hostilidade se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária; (5) As pontuações na agressividade verbal se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária; (6) As pontuações na agressividade física se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária; (7) As pontuações no fator raiva se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária; (8) As pontuações no fator hostilidade se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária.

As hipóteses foram testadas por meio de análises de correlação e regressão linear. Os resultados são apresentados nas Tabelas 8 e 9.

**Tabela 8.** Modelo de regressão predizendo a Psicopatia Primária a partir da Agressividade

Tipo de Agressividade	R	B	Se	$\beta$	t	p
Constante		1,53	0,28			
Agressividade Física	0,53*	0,40	0,10	<b>0,55</b>	<b>3,75</b>	<b>0,001</b>
Agressividade Verbal	0,22	0,01	0,06	0,03	0,23	0,814
Hostil	0,37	0,16	0,10	0,21	1,47	0,147
Raiva	0,09	-0,16	0,08	-0,27	-1,86	0,069
					R = 0,36	
					R <sup>2</sup> = 0,30	
					F(4,43) = 6,1;	p = 0,001

**Nota.** \* =  $p < 0,05$ ;  $r$  = correlação  $r$  de Pearson; B (*Unstandardized Coefficients*) = inclinação da reta de regressão;  $se$  = erro padrão (*Std. error*);  $\beta$  (*Standardized Coefficients*) = indicador da relação entre VD e VI;  $r^2$  = Proporção de variância explicada; Razão F = Probabilidade associada ao  $r^2$ . O valor estatisticamente significativo do Beta é apresentado em negrito.

De acordo com a hipótese 1, era esperado que a agressividade física se correlacionasse positivamente e explicasse a psicopatia primária. De acordo com a Tabela 8, esta hipótese foi confirmada ( $\beta = 0,55$ ,  $p = 0,001$ ). Nesse sentido, quanto mais o indivíduo pontua em

agressividade física, mais ele pontua em psicopatia primária. A hipótese 2, a hipótese 4 e a hipótese 3, não se confirmaram como pode ser observado na Tabela 8.

**Tabela 9.** Modelo de regressão predizendo a Psicopatia Secundária a partir da Agressividade

<b>Tipo de Agressividade</b>	<i>R</i>	<i>B</i>	<i>Se</i>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
Constante		1,08	0,26			
Agressividade Física	0,43	0,15	0,10	0,23	1,55	0,128
Agressividade Verbal	0,44	0,10	0,06	0,24	1,67	0,102
Hostil	0,51*	0,23	0,10	<b>0,33</b>	<b>2,25</b>	<b>0,029</b>
Raiva	0,25	-0,05	0,08	-0,10	-0,69	0,494
					<i>R</i> = 0,59	
					<i>R</i> <sup>2</sup> = 0,35	
					F(4,43) = 5,89;	<i>p</i> = 0,001

**Nota.** \* =  $p < 0,05$ ; *r* = correlação *r* de Pearson; *B* (*Unstandardized Coefficients*) = inclinação da reta de regressão; *se* = erro padrão (*Std. error*);  $\beta$  (*Standardized Coefficients*) = indicador da relação entre VD e VI; *r*<sup>2</sup> = Proporção de variância explicada; Razão F = Probabilidade associada ao *r*<sup>2</sup>. O valor estatisticamente significativo do Beta é apresentado em negrito.

A hipótese 5, a hipótese 6, a hipótese 7, também não foram corroboradas, como observado na Tabela 9. A hipótese 8, em que as pontuações na agressividade do tipo hostil se correlacionam positivamente e explicam as pontuações na psicopatia secundária, foi confirmada ( $\beta = 0,33$   $p = 0,029$ ) como pode ser observado na Tabela 9.

### 6.2.1. Discussão

De fato as análises de correlação e regressão apresentadas nas Tabelas 8 e 9, apresentam, em parte, um padrão divergente daquele presente na literatura, de modo que a agressividade verbal e a hostilidade, apresentam-se como relacionados a psicopatia (HARE, 1981; PATRICK; ZEMPOLICH, 1998; STANFORD; HOUSTON; PITTMAN; GRAVE, 2003).

Argumenta-se, novamente, sobre a falta de coerência entre os escores apresentados nos instrumentos, ressaltando a importância da utilização de informações paralelas, como o comportamento do detendo no sistema prisional, tipificação criminal e informações da ficha criminal, a exemplo, na amostra estudada, o detento E.P.S., 50 anos, sexo masculino, casado com ensino médio completo, sentenciado a 33 anos por vários crimes de homicídios, já havia cumprido 4 anos e 8 meses e encontrava-se a 2 ano e 8 meses em atividade de ressocialização. O pesquisador, reporta, no diário de campo, que o detento E.P.S. relatou ser

“matador de aluguel”, recebendo “missões”, entretanto havia “voltado a se aproximar de deus” e ao sair da prisão pretendia “dedicar-se a família e abrir uma oficina com seu filho em São Paulo”. O pesquisador reporta ainda que, ao finalizar as entrevistas, foi solicitado a comparecer na sala da psicóloga responsável, onde um funcionário do setor médico perguntou suas impressões sobre o detento E.P.S., revelando que este ainda “mandava matar” de dentro da própria unidade prisional. Observa-se ainda que detento E.P.S. apresenta baixa agressividade física (M= 1,57), raiva (M= 1,00), agressão verbal (M= 1,00) psicopatia primária (M= 1,88) e psicopatia secundária (M= 1,67), bem como apresenta um padrão de personalidade amável (M= 5,00), consciencioso (M= 4,38) e aberto à mudanças (M= 4,11). Diante do exposto, pode-se notar que as respostas do detento E.P.S. apresentam-se como divergentes com as informações quanto aos crimes praticados, definições dos construtos elencados e as informações relatadas sobre seu comportamento dentro do sistema prisional.

Finalmente, é necessário salientar, a importância da avaliação do comportamento antissocial por meio de medidas de reações fisiológicas, que apresentam maior precisão por serem pouco suscetíveis a manipulações e distorções (KLOPF; MITTERAUER, 2012) como o rastreamento ocular, em específico os movimentos de *saccade* e *anti-saccade* (DUCHOWSKI, 2003).

## **6.2. Relação entre Psicopatia e Personalidade**

Considerando-se a amostra total de 48 participantes buscou-se relacionar psicopatia com os fatores de personalidade, por meio de análises de correlação e regressão linear. Testou-se as hipóteses: (9) As pontuações na dimensão Abertura à mudança se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária; (10) As pontuações na dimensão Neuroticismo se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária; (11) As pontuações na dimensão Extroversão se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia primária; (12) As pontuações na dimensão Conscienciosidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia primária; (13) As pontuações na dimensão Amabilidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia primária; (14) As pontuações na dimensão Abertura à mudança se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária; (15) As pontuações na dimensão Neuroticismo se correlacionarão positivamente e explicarão a psicopatia secundária; (16) As pontuações na dimensão Extroversão se correlacionarão positivamente e explicarão a

psicopatia secundária; (17) As pontuações na dimensão Conscienciosidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia secundária; (18) As pontuações na dimensão Amabilidade se correlacionarão negativamente e explicarão inversamente a psicopatia secundária. Os resultados são apresentados nas Tabelas 10 e 11.

**Tabela 10.** Modelo de regressão predizendo a Psicopatia Primária a partir das Cinco Grandes Dimensões da personalidade

Dimensões	<i>r</i>	<i>B</i>	<i>Se</i>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
Constante		4,11	1			
Abertura	-0,11	0,09	0,16	0,10	0,59	0,557
Neuroticismo	0,21	-0,10	0,10	-0,01	-0,09	0,925
Extroversão	-0,28	-0,20	0,14	-0,21	-1,40	0,169
Conscienciosidade	-0,32	-0,21	0,16	-0,25	-1,32	0,193
Amabilidade	-0,26	-0,12	0,16	-0,14	-0,74	0,463
					<i>R</i> = 0,40	
					<i>R</i> <sup>2</sup> = 0,16	
					F(5,42) = 1,65;	<i>p</i> = 0,166

**Nota.** \* =  $p < 0,05$ ; *r* = correlação *r* de Pearson; *B* (*Unstandardized Coefficients*) = inclinação da reta de regressão; *se* = erro padrão (*Std. error*);  $\beta$  (*Standardized Coefficients*) = indicador da relação entre VD e VI; *r*<sup>2</sup> = Proporção de variância explicada; Razão F = Probabilidade associada ao *r*<sup>2</sup>. O valor estatisticamente significativo do Beta é apresentado em negrito.

De acordo com a hipótese 9, era esperado que as pontuações na dimensão Abertura se correlacionasse positivamente e explicasse a psicopatia primária, entretanto esta hipótese não foi confirmada. Do mesmo modo as hipóteses 10, 11, 12 e 13 não se confirmaram, como observado na Tabela 10.

**Tabela 11.** Modelo de regressão predizendo a Psicopatia Secundária a partir das Cinco Grandes Dimensões da personalidade

Dimensões	<i>r</i>	<i>B</i>	<i>Se</i>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
Constante		1,37	0,87			
Abertura	0,36*	0,31	0,14	<b>0,37</b>	<b>2,21</b>	<b>0,032</b>
Neuroticismo	0,11	0,03	0,09	0,05	0,33	0,742
Extroversão	-0,06	-0,07	0,13	-0,08	-0,58	0,559
Conscienciosidade	-0,15*	-0,33	0,14	<b>-0,41</b>	<b>-2,33</b>	<b>0,024</b>
Amabilidade	0,26	0,22	0,14	0,29	1,59	0,118
					<i>R</i> = 0,53	
					<i>R</i> <sup>2</sup> = 0,28	
					F(5,42) = 3,37;	<i>p</i> = 0,012

**Nota.** \* =  $p < 0,05$ ; *r* = correlação *r* de Pearson; *B* (*Unstandardized Coefficients*) = inclinação da reta de regressão; *se* = erro padrão (*Std. error*);  $\beta$  (*Standardized Coefficients*) = indicador da relação entre VD e VI; *r*<sup>2</sup> = Proporção de variância explicada; Razão F = Probabilidade associada ao *r*<sup>2</sup>. O valor estatisticamente significativo do Beta é apresentado em negrito.

No tocante a correlação e predição da psicopatia secundária, de acordo com a hipótese 14, era esperado que as pontuações na dimensão Abertura se correlacionasse positivamente e

explicasse a psicopatia secundária. Esta hipótese foi confirmada ( $\beta = 0,37, p = 0,032$ ). Nesse sentido, quanto mais o indivíduo pontua na dimensão Abertura, mais ele pontua em psicopatia secundária. Do mesmo modo a hipóteses 17, em que esperava-se que as pontuações na dimensão conscienciosidade se correlacionasse negativamente e explicasse inversamente a psicopatia secundária, também foi confirmada ( $\beta = - 0,41, p = 0,024$ ). Assim, quanto mais o indivíduo pontua na dimensão conscienciosidade, menos ele pontua em psicopatia secundária. No entanto, as hipóteses 15, 16 e 18 não foram corroboradas.

### 6.3.1. Discussão

Estudos que têm relacionado a psicopatia com a personalidade e utilizado o modelo dos cinco grandes fatores, descrevem um padrão de relacionamento positivo com extroversão e abertura, e negativo com conscienciosidade e amabilidade, bem como com o neuroticismo (LYNAM; WIDIGER, 2007; LYNAM, 2002; MILLER et al., 2001). Vale ressaltar que os estudos mais proeminentes que obtiveram o padrão de relacionamento esperado entre psicopatia e personalidade utilizam amostras de universitários, estratégias como a descrição da personalidade por especialistas, baseados nos CGF ou informações paralelas, como relatos sobre o comportamento do detento no sistema prisional, ficha criminal e relato de familiares (LYNAM; WIDIGER, 2007; MILLER; LYNAM, 2003).

Na amostra estudada, o padrão de relacionamento da personalidade com a psicopatia só apresenta suporte para as dimensões de abertura à mudança ( $\beta = 0,37, p = 0,032$ ) e conscienciosidade ( $\beta = - 0,41, p = 0,024$ ). Hart e Hare (1994) encontraram um padrão de personalidade diferente daquele mais frequentemente apresentado em universitários ao avaliar os traços de personalidade e sua relação com a psicopatia em uma amostra de 24 homens, 12 universitários e 12 detentos, reportando que as dimensões de conscienciosidade ( $r = 0,83$ ), abertura à mudança ( $r = 0,76$ ) e extroversão ( $r = 0,66$ ) se relacionaram positivamente com o escore da PCL-R, ou seja, quanto mais conscienciosos, abertos à mudança e extrovertidos, mais elevado encontrava-se o traço de psicopatia, enquanto que as dimensões de amabilidade ( $r = -0,82$ ) e neuroticismo ( $r = -0,46$ ) se correlacionaram negativamente, isto é, quanto menos amável e menos neurótico, maior o traço de psicopatia. Hart e Hare (1994) sugerem que esses padrões de relacionamento apresentam-se como um complemento na investigação de patologias da personalidade, de modo que estes padrões obtidos apresentam-se pela utilização

de medidas de autorrelato em amostras que apresentam algum tipo de personalidades patológica.

Por fim, é necessário salientar, mais uma vez, a importância da avaliação do comportamento antissocial por meio de medidas de reações fisiológicas, pouco suscetíveis a manipulações e distorções, por exemplo, o rastreamento ocular, em específico os movimentos de *saccade* e *anti-saccade* (DUCHOWSKI, 2003), que podem apresentar maior precisão nesse tipo de avaliação (KLOPF; MITTERAUER, 2012).

## **7 DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES**

### **7.1. Resultados Principais**

Como resultado principal, destaca-se que com o encerramento desta dissertação, é possível contar com uma avaliação do comportamento antissocial, com base nos construtos elencados, em uma amostra carcerária, bem como apresentar indícios de que testes psicológicos baseados no autorrelato, neste tipo de população, podem ter suas respostas enviesadas, de modo que se faz necessária a utilização de informações como o comportamento do detento no sistema prisional, a ficha criminal e informações da família e pares. Neste sentido, pesquisadores nesta área podem contar com índices e a descrição de um padrão de relacionamento da agressividade, personalidade e psicopatia, por meio de medidas de autorrelato, em uma população de detentos, contribuindo para literatura da área no Brasil e apontando indícios que poderão ser empregados em estudos futuros que visem avaliar os antecedentes e consequentes do comportamento antissocial por meio de medidas de autorrelato. Além deste aspecto, vale ressaltar que o padrão de personalidade apresentado pela amostra estudada apresentou um padrão destoante daquele encontrado na literatura que se relaciona as condutas antissociais e que pode auxiliar na explicação de padrões de personalidade que correspondem aos desvios de personalidade.

### **7.2. Limitações da Pesquisa**

Mesmo admitindo as contribuições teóricas e empíricas desta dissertação sobre o comportamento antissocial é necessário reconhecer potenciais limitações. Ainda que generalização dos resultados não seja o objetivo dessa dissertação, destaca-se o aspecto do tamanho amostral, bem como ser composta unicamente por homens e estarem inseridos em atividade de ressocialização. Tal aspecto, possivelmente, pode ter gerado um perfil de agressividade, personalidade e psicopatia diferenciado de outros estratos da população carcerária. Sendo assim, os resultados aqui encontrados descrevem uma amostra de detentos, e não da população carcerária brasileira e, neste caso, a amostra de detentos caracteriza-se por serem homens, inseridos em atividade de ressocialização. Destaca-se, também, o aspecto relacionado aos vieses das respostas aos instrumentos utilizados que, mesmo ponderados anteriormente, é importante ressaltar e levar em conta sua presença no tocante aos estudos relacionados a detentos e o comportamento antissocial que utilizem medidas de autorrelato. Entretanto, os aspectos teóricos e empíricos descritos anteriormente apresentam-se relevantes

e, mesmo diante destas ponderações, não deixam de ser importantes e esclarecedores no que concerne à explicação do comportamento antissocial.

### **7.3. Conclusões e Direções Futuras**

Objetivou-se, com esta dissertação, avaliar o comportamento antissocial com base na agressividade, personalidade e psicopatia, bem como conhecer a relação entre a psicopatia, agressividade e personalidade. Para tanto, procederam-se análises descritivas, correlações e regressões, e compreende-se que os objetivos foram alcançados. Neste particular, admite-se que os padrões de respostas encontrados, na amostra estudada, compreendem respostas típicas de indivíduos com personalidades patológicas. Nesse contexto, devido a características da amostra, pode-se supor um índice de psicopatia mais elevado do que aquele apresentado no instrumento de psicopatia (autorrelato). Para tanto, discutiu-se os padrões encontrados com base nas informações obtidas sobre o comportamento do detento, na tipificação criminal e em estudos que apresentam resultados semelhantes (HART; HARE, 1994; HARE, 2013), relatando uma grande divergência entre as informações obtidas e as respostas aos testes, configurando-se como característica manipulação das respostas dadas.

Nesse sentido, a utilização de instrumentos de autorrelato como o Minnesota Multiphasic Personality Inventory – MMPI (Inventário Multifásico da Personalidade de Minnesota), apesar de apresentar-se de grande utilidade na avaliação de detentos (GROVER, 2011), tem sido questionada, Hare (2013), por exemplo, reporta ser relutante em confiar nesse tipo de avaliação, argumentando que indivíduos com alta psicopatia são “especialistas” e apresentam a capacidade de “distorcer e moldar a verdade de acordo com seus propósitos” nesse tipo de instrumento. Desse modo, compreende-se que a avaliação no contexto prisional deve levar em conta informações sobre a vida pregressa, comportamento no contexto prisional, tipificação criminal e informações que possam ser obtidas em paralelo. Com estas características, Instrumentos como o PCL-R (HARE, 1991), que levam em conta muitas das informações elencadas, têm ganhado notoriedade nesse tipo de avaliação (HUSS, 2013, FILHO, 2009, PATRICK; FOWLES; KRUEGER, 2009). Contudo, o instrumento ainda depende, em parte, da percepção do avaliador. O que parece ser um alerta para a prática da avaliação psicológica e a psicologia forense. Não por acaso, encontra-se relatos na mídia falada ou escrita de casos de laudos favoráveis a reinserção social, e, ao contrário, consta-se a reincidência do comportamento antissocial, logo após a liberdade concedida. Notadamente,

prejuízo para credibilidade da psicologia, para o processo de ressocialização e demais desdobramentos que poderiam ser evitados caso os procedimentos de avaliação pudessem ser aplicados a luz do que aqui foi reportado e do que já foi destacado por autores como Huss (2011) e Hare (2013).

Muito embora as bases biológicas para a externalização da expressão do comportamento antissocial e da psicopatia não apresentem-se tão claras, psicopatas têm demonstrado características atípicas em respostas fisiológicas mediante tarefas, como antecipação de estímulos desagradáveis ou dolorosos, atenção, memória e estímulos estressantes (HUSS, 2011; HART, 1998; BLAIR; JONES; CLARK; SMITH, 1997). De tal modo, inserir estes construtos em pesquisas futuras parece ser de grande valor e importância para o entendimento do comportamento antissocial.

Ainda como ponto de uma agenda de pesquisa, seria importante levar em conta o desenvolvimento de estratégias de avaliação para respostas fisiológicas como o movimento ocular, especificamente, os movimentos de *saccade* e *anti-saccade* (DUCHOWSKI, 2003), frente a estímulos emocionais, por exemplo: uso das tarefas de Stroop verbal-emocional e cores e Stroop facial-emocional. Também poder-se-ia utilizar as respostas fisiológicas frente a indicadores como reincidência criminal e tipificação criminal para caracterizar e diferenciar criminosos, como realizar avaliação falométrica em agressores sexuais (MARSHALL; FERNANDEZ, 2000).

## **REFERÊNCIAS <sup>1</sup>**

AGNEW, R.; WHITE, H. R. **An Empirical Test of General Strain Theory**. Criminology, 1992, 475p.

ALLPORT, G. W. **Pattern and growth in personality**. New York: Holt, 1961.

ALMEIDA, A. M. T. **Para além das tendências normativas: o que aprendemos com o estudo dos maus-tratos entre pares**. N: Psychologica, 2006, p. 79.

ANDERSON, C. A.; ANDERSON, K. B. **Men who target women: Specificity of target, generality of aggressive behavior**. Aggressive Behavior, 2008, p. 605.

ANDERSON, C.A.; BUSHMAN, B. **Effects of violent video games on aggressive behavior, aggressive cognition, aggressive affect, physiological arousal, and pro- social behavior: A meta-analytic review of the scientific literature**. Psychological Science, 2001, p. 353.

ANDERSON, C.A.; BUSHMAN, B. **Human aggression**. Annual Review of Psychology, 2002a, p. 27.

ANDERSON, C.A.; BUSHMAN, B. **Violent video games and hostile expectations: A test of the General Aggression Model**. Personality and Social Psychology Bulletin, 2002b, p. 16.

ANDERSON, C.A.; DILL, K.E. **Video games and aggressive thoughts, feelings, and behavior in the laboratory and in life**. Journal of Personality and Social Psychology, 2000, p. 772.

---

1. de acordo com a norma ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

ANDRADE, P. R. **Correlatos valorativos da preferência por desenhos animados: compreendendo a justificção da agressão.** (Dissertação de Mestrado em psicologia social) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2003.

ANDRADE, J. M. **Evidências de Validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil.** (Tese de doutorado não publicada) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

ARRIGO, B.A.; SHIPLEY, S. **The confusion over psychopathy (I): historical considerations.** International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 2001, p. 325.

BANDURA, A.; WALTERS, R. H. **Adolescent aggression.** New York: Ronald Press, 1959.

BANDURA, A. **Aggression: A social learning analysis.** New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

BANDURA, A. **Social Learning Theory.** New York: General Learning Press, 1977.

BANDURA, A. **The social learning perspective: Mechanisms of aggression.** In: **Touch, H.** Psychology of Crime and Criminal Justice, New Jersey: Waveland Press, 1979.

BANDURA, A. **Psychological mechanisms of aggression.** In: Human Aggression. R.G. Geen (Editor) & E.Donnerstein (Editor). San Diego: Academic Press, 1983.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action.** New Jersey: Englewood Cliffs, NJ, 1986.

BANDURA, A. **Social cognitive theory: An agentic perspective**. Annual review of psychology, 2004.

BANDURA, A.; WALTERS, R. H. **Social learning and personality development**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1963.

BARELDS, D. P. H. **Self and partner personality in intimate relationships**. European Journal of Personality, 2005, p.501.

BARON, R.A.; RICHARDSON, D.C. **Human aggression (2nd Edition)**. New York: Plenum, 1994.

BARR, R.; HAYNE, H. **It's not what you know, it's who you know: Older siblings facilitate imitation during infancy**. International Journal of Early Years Education, 2003, p. 7.

BENET-MARTINEZ, V.; JOHN, O. P. **Los cinco grandes across cultures and ethnic groups: multitrait multimethod analyses of the big Five in Spain and English**. Journal of personality and social psychology, 1998, p. 729.

BERKOWITZ, L. **Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation**. Psychological Bulletin, 1989, p. 59.

BERKOWITZ, L. **Aggression: its causes, consequences, and control**. Nova York: McGraw-Hill, 1993.

BERKOWITZ, L. **Affective aggression: the role of stress, pain, and negative affect.** In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), *Human aggression: Theories, research, and implications for social policy* (pp. 49-72). San Diego: Academic Press, 1998.

BERKOWITZ, L.; GEEN, R.G. **Film violence and the cue properties of available targets.** *Journal of Personality and Social Psychology*, 1966, p.525.

BERNBURG, J., G. **Anomie, Social change and crime.** *Brit. Journal Criminal.* 2002, p.42.

BINDER, A.; GEIS, G.; BRUCE JR, D. D. **Juvenile Delinquency: Historical, Cultural & Legal Perspectives.** Anderson Publishing, Cincinnati, OH, 2001.

BING, M. N.; STEWART, S. M.; DAVISON, H. K.; GREEN, P. D.; MCINTYRE, M. D.; JAMES, L. R. **An Integrative Typology of Personality Assessment for Aggression: Implications for Predicting Counterproductive Workplace Behavior.** *Journal of Applied Psychology*, 2007,p. 722.

BLAIR, E. B.; JONES, L.; CLARK, F.; SMITH, M. **The psychopathy individual: A lack of responsiveness to distress cues?.** *Psychophysiology*, 1997, p.192

BOWMAN, M. A.; PRELOW, H. M.; WEAVER, S. R. **Parenting behaviors, association with deviant peers, and delinquency in African American adolescents: A mediated-moderation model.** *Journal of Youth and Adolescence*, 2007, p. 517.

BRASIL, Ministério da Justiça. **Sistema Penitenciário Nacional do Brasil. População carcerária sintética.** Departamento Penitenciário Nacional. Brasília, 2009.

BRASIL, Ministério da Justiça. **Sistema Penitenciário Nacional do Brasil. População carcerária sintética.** Departamento Penitenciário Nacional. Brasília, 2012.

BRINKLEY, C. A.; SCHIMITT, W. A.; SMITH, S. S.; NEWMAN, J. P. **Construct validation of a self-report psychopathy scale: does Levenson's self-report psychopathy scale measure the same constructs as Hare's psychopathy checklist-revised?**. Personality and individual differences, 2001,p. 1021.

BURTON, J. M.; MARSHALL, L. A. **Protective factors for youth considered at risk of criminal behaviour: Does participation in extracurricular activities help?**. Criminal Behaviour and Mental Health, 2005, p. 46.

BUSHMAN, B. J.; ANDERSON, C. A. **Is it time to pull on the plug on the hostile versus instrumental, aggression dichotomy?**. In: Psychological Rewiew, 2001, p. 273.

BUSHMAN B. J.; ANDERSON, C. A. **Violent Video games and Hostility expectations: A Test of General Aggression Model.** Personality and Social Psychology Bulletin, 2002, p.1679.

BUSS, A.H. **The Psychology of Aggression.** Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons Inc, 1961.

BUSS, A. H.; PERRY, M. **The aggression questionnaire.** Journal of Personality and Social Psychology. 1992, p.452.

CÂMARA, S. G. **Comportamentos de risco entre jovens.** Psico, 2005, p.89.

CANTERO, F. **?Quién es el psicópata? In: V. Garrido Genovés (Org.), Psicópata: Perfil psicológico y reeducación del deliciente más peligroso.** Valência: Tirant lo Blanch, 1993, p. 16.

CATALANO, R. F.; HAWKINS, J. D. **The social development model: A theory of antisocial behavior.** In: **HAWKINS, J. D. (Ed.)**. Delinquency and crime: Current theories. Nova York: Cambridge University Press, 1996.

CATALANO, R.; NOVACO, R.W.; MCCONNEL, W. **Layoffs and violence revisited.** Aggressive Behavior, 2002, p. 233.

CATTELL, R. B. **The scientific analysis of personality.** Baltimore: Penguin Books, 1965.

CATTELL, R. B.; CATTELL, H. E. P. **Personality structure and the new fifth edition of the 16PF.** Educational and Psychological Measurement, 1995, p. 926.

CERQUEIRA, D.; LOBÃO, W. **Determinantes da criminalidade: uma resenha dos modelos teóricos e resultados empíricos.** Rio de Janeiro: Ipea, 2003.

CLECKLEY, H.M. **The Mask of Sanity. 5th ed.** Versão digital acessada em 14 de fevereiro de 2014, de [www.cassiopaea.org/cass/sanity\\_1.PdF](http://www.cassiopaea.org/cass/sanity_1.PdF)

CLEMENTE, M. **Marcos explicativos del delito.** Em **M. Clemente (Org.)**, Fundamentos de la psicología jurídica, Madri: Pirámide, 1995, pp. 297.

CLOWARD, R. A. **Illegitimate means, anomie, and deviant behavior.** American Sociological Review, 1959, p.164.

COELHO, L.; PAIXÃO, R.; SILVA, J. T. **O Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRP).** Psychologica, 2010, p. 413.

CORDELLA, P.; SIEGEL, L. **Readings in contemporary criminological theory**. Boston, MA: Northeastern University Press, 1996.

COSTA, P. T.; MCCRAE, R. R. **The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders**. *Journal of Personality Disorders*, 1992, p. 343.

COSTA, P. T.; WIDIGER, T. A. **Introduction**. In: **P. T. Costa & T. A. Widiger (Orgs.), *Personality Disorders and the five-factor model of personality***. Washington, DC: American Psychological Association, 1993, p. 1.

COSTELLO, B. J. **Cultural relativism and the study of deviance**. *Sociological Spectrum*, 2006, p. 581.

COTE, S. **Criminological Theories: Bridging the Past to the Future**. California: Sage, 2002.

CRICK, N. R.; DODGE, K. A. **A review and reformulation of social information processing mechanisms in children's social adjustment**. *Psychological Bulletin*, 1994, p. 74.

CRICK, N. R.; DODGE, K. A. **Social information-processing mechanisms in reactive and proactive aggression**. *Child Development*, 1996, p. 993.

DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and animals (3a ed., organizada por Paul Ekman)**. Londres: Oxford University Press. (trabalho originalmente publicado em 1872), 1998.

DEKOVIC, M. **Risk and protective factors in the development of problem behavior during adolescence.** Journal of Youth and Adolescence, 1999, p. 667.

DENEVE, K. M.; COOPER, H. **The happy personality: a meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being.** Psychological Bulletin, 1998, p. 197.

DER VELDEN, F. V.; BURGMAN, D.; BOOM, J.; KOOPS, W. **Moral cognitive processes explaining antisocial behavior in young adolescents.** International Journal of behavioral development, 2010.

DIAMOND, P. M.; MAGALETTA, P.R. **The Short-Form Buss-Perry Aggression Questionnaire (BPAQ-SF) A Validation Study With Federal Offenders.** Assessment, 2006.

DISHION, T. J.; PATTERSON, G. R. **The timing and severity of anti-social behavior: Three hypotheses within n ecological framework.** Em D. M. Stoff, J. Breiling & J. D. Maser (Orgs.), *Handbook of antisocial behavior.* Nova York: Wiley, 1997, p. 205.

DODGE, K. A. **A social information processing model of social competence in children.** In M. Perlmutter (Org.), Minnesota Symposium in: *Child Psychology.* Cognitive perspectives in children's social and behavioral development. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1986, p. 77.

DOLJANAC, R. F; ZIMMERMAN, M., A. **Fatores psicossociais e de Alto Risco Comportamento Sexual: Diferenças Raciais entre os adolescentes urbanos.** Journal of Behavioral Medicine, 1998, p. 451.

DOLLARD, L. W.; DOOB, N. E.; MILLER, O. H.,; MOWRER, J.; SEARS, R. R.. **Frustration and aggression.** New Haven: Yale University Freer, 1939.

DONOVAN, J. E. **Problem-behavior theory and the explanation of adolescent marijuana use.** Journal of drug issues, 1996, p. 379.

DUCHOWSKI, A. T. **Eye Tracking Methodology: Theory and Practice.** Springer. United Kingdom: Open University Press, 2003.

DUERDEN, M. D.; WITT, P. A. **The impact of socialization on youth program outcomes: A social development model perspective.** Leisure Sciences, 2010, p. 299.

DURKHEIM, E. **O suicídio: Estudo de sociologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1897/2000.

EAVES, L. J.; EYSENCK, H. J.; MARTIN, N. G.. **Genes, cultura, and personality: An empirical approach.** New York: Academic Press, 1989.

ELLIOTT, D. S.; AGETON, S. S.; CANTER, R. J. **An integrated theoretical perspective on delinquent behavior.** Journal of research in crime and delinquency, 1979, p. 3.

ELLIOTT, D. S.; HUIZINGA, D.; AGETON, S. S. **Explaining delinquency and drug use.** United States of America: Behavioral Research Institute, 1985.

ERICKSON, K. G.; CROSNOE, R.; DORNBUSCH, S. M.. **A social process model of adolescent deviance: Combining social control and differential association perspectives.** Journal of youth and adolescence, 2000, p. 395.

ESPINOSA, P. **Razonamiento moral y conducta social en el menor.** (Tese de Doutorado) - Departamento de Psicologia Social, Universidade de La Coruña, Espanha, 2000.

EYSENCK, H. J. **The Structure of Human Personality**. New York: Methuen & Co. Ltda, 1953.

EYSENCK, H. J. **Genetic and environmental contributions to individual differences: The three major dimensions of personality**. Journal of Personality, 1990, P. 245.

FABRICATORE, J.; AZEN, S. P.; SCHOENTGEN, S.; SNIBBE, H. **Predicting performance of police officers using the Sixteen Personality Factors Questionnaire**. American Journal of Community Psychology, 1978, p. 63.

FAGAN, A. A.; LINDSEY, A. M. **Gender differences in the effectiveness, of delinquency prevention programs, what can be learned from experimental research?**. Criminal justice and Behavior, 2014.

FELSON, R.B. **A theory of instrumental aggression**. In Violence and gender reexamined.

FERREIRA, A. S. M. A. **O Papel da personalidade no comportamento agressivo: da teoria à avaliação**. (Dissertação de Mestrado em psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2011.

FILHO, N. H.; TEXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. **Psicopatia: o construto e sua avaliação**. Avaliação Psicológica, 2009, p.337.

FIREDMAN, H. S.; SCHUSTACK, M. W. **Teorias da personalidade. Da teoria clássica à moderna**, 2ªed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FISCHER, P.; GREITEMEYER, T.; FREY, D. **Unemployment and aggression: The moderating role of self-awareness on the effect of unemployment on aggression.** Aggressive Behavior, 2008, p. 34.

FLODERUS-MYRHES, B.; PEDERSEN, N.; RASMUSON, I. **Assessment of heritability for personality, based on a short form of the Eysenck Personality Inventory: A study of 12,898 twin pairs.** Behavior Genetics, 1980, p.153.

FORMIGA, N. S. **Condutas anti-sociais e delitivas: Uma explicação baseada nos valores humanos.** (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

FORMIGA, S. N.; CAVALCANTE, C. P.; ARAÚJO T. T. V.; LIMA, S.; SANTANA, R. **Comportamento Agressivo e Busca de Sensação em Jovens.** Psicologia e Argumentação, 2007.

FORMIGA, N. S.; OMAR, A. C.; AGUIAR, M. **Busca de sensação e uso potencial de drogas em universitários brasileiros.** Psic. Rev, 2010, p. 97.

FORMIGA, N. S.; SOUZA, M. A. **Escala de sentimento anônimo: Verificação de sua estrutural fatorial em brasileiros.** Revista de psicologia da Gepu, 2011, p. 80.

FORD, J. A. **Substance Use, the Social Bond, and Delinquency.** Sociological inquiry, 2005, p. 109.

FOX, S. ; HABOUCHA, S. ; YOSSI, D. **The predictive validity of the Sixteen Personality Factors Questionnaire relative to three independent criterion measures of military performance.** Educational and Psychological Measurement, 1981, p.515.

GALOVSKI, T.E.; MALTA, L. S.; BLANCHARD, E. B. **Theories of aggressive driving. In: Road rage: Assessment and treatment of the angry, aggressive driver.** Galovski, Tara E.(Editor),Malta, Loretta S. (Editor), Blanchard, Edward B. (Editor). Washington, DC: American Psychological Association, 2006.

GEEN, R.G. **Human aggression**, 2nd Edition. United Kingdom: Open University Press, 2001.

GEEN, R.G. **Aggression and anti-social behavior.** In: The Handbook of Social Psychology, 4th Edition. Daniel T. Gilbert (Editor), Susan T. Fiske (Editor) & Gardner Lindzey (Editor). Boston: The McGraw & Hill Companies Inc, 1998.

GOLDBERG, L. R. **Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons.** Em L. Wheeler (Ed.), Review of Personality and Social Psychology, 1981, p.141.

GOLDSTEIN, A. M. **Overview of Forensic Psychology.** Em A. M. GOLDSTEIN, & I. B. WEINER, (Eds.). Handbook of Psychology, v. 11, Forensic Psychology. Sons, Inc.: Hoboken, New Jersey, 2003, p. 3.

GOODWIN, D.W.; GUZE,S.B. **Diagnóstico da Doença Mental.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

GPI. Global Peace Index. (2013). **Intitute for Economics e Peace.** Acessado em 10 de Julho de 2013, do [http://www.visionofhumanity.org/pdf/gpi/2013\\_Global\\_Peace\\_Index\\_Report.pdf](http://www.visionofhumanity.org/pdf/gpi/2013_Global_Peace_Index_Report.pdf).

GROVER, B. L. **The Utility of MMPI-2 Scores with a Correctional Population & Convicted Sex Offenders.** Psychology, 2011, pp. 638.

GUERRA, N.G.; SLABY, R.G. **Cognitive mediators of aggression in adolescent offenders.** Developmental Psychology, 1990, p. 269.

GUDJONSSON, G. H. **Accusations by adults of childhood sexual abuse: A survey of the members of the British False Memory Society (BFMS).** Applied Cognitive Psychology, 1997, p. 3.

GULLONE, E.; MOORE, S. **Adolescent risk-taking and the five-factor model of personality.** Journal of Adolescent, 2000, p. 393.

HALFPAP, D. M. **Alguns fatores de deterioração social no processo produtivo num ambiente de violência urbana.** (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Florianópolis, SC, 1999.

HALL, C. S.; LINDZEY, G. **Teorias da personalidade, 1ed.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1985.

HARE, R. D. **A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations.** Personality and Individual Differences, 1980, p. 111.

HARE, R.D. **The Hare Psychopathy Checklist Revised.** Toronto, Canadá: Multi-Health Systems, 1991.

HARE, R. D. **Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

HARE, R. D.; NEUMANN, C. S. **The PCL-SV assessment of Psychopathy: Development, structural properties, and new directions.** In: C.J. Patrick (Org.). Handbook of Psychopathy. New York: Guildford, 2006, p. 58.

HARE, R.D.; NEUMANN, C.S. **Psychopathy as a clinical and empirical construct.** Annual Review of Clinical Psychology, 2008, p. 217.

HART, S. F. **The role of psychopathy in assessing risk for violence: Conceptual and methodological issues.** Legal and Criminological Psychology, 1998, p. 121.

HART, R. D.; COX, D. N.; HARE, R.D. **HarePsychopathy Ckecklist: Screening Version(PCL:SV).** Toronto, ON, Canada: Multi-Health Systems, 1995.

HART, S. D.; HARE, R. D. **Psychopathy and The Big 5: Correlations Between Observers' Ratings of Normal and Pathological Personality.** Journal of Personality Disorders, 1994, p. 32.

HAY, C.; MELDRUM, R. C.; PIQUERO, A. R. **Negative Cases in the Nexus Between Self-Control, Social Bonds, and Delinquency.** Youth Violence and Juvenile Justice, 2013, p. 3.

HAWKINS, D.; WEIS, J. G. **The social development model: An integrated approach to delinquency prevention.** Journal of Primary Prevention, 1985, p.73.

HEAVEN, P. C. L. **Personality and self-reported delinquency: Analysis of the “big five” personality dimensions.** Personality and Individual Differences, 1996, p. 47.

HEAVEN, P. C. L.; CAPUTI, P.; TRIVELLION-SCOTT, D.; SWINTON, T. **Personality and group influences on self-reported delinquent behavior.** Personality and Individual Differences, 2000, p. 1143.

HERENKOHL, T. I.; LEE, J.; HAWKINS, J. D. **Risk versus direct protective factors and youth violence: Seattle Social Development Project.** American journal of preventive medicine, 2010, p. S41.

HERSHCOVIS, M. S.; TURNR, N.; BARLING, J.; ARNOLD, K. A.; DUPRÉ, K. E.; INNESS, M.; LEBLANC, M. M.; SIVANATHAN, N. **Predicting Workplace Aggression: A Meta-Analysis.** Journal of Applied Psychology. 2007, p. 228.

HIRSCHI, T. **Causes of delinquency.** Berkeley, CA: University of California Press, 1969.

HUEBNER, A. J.; BETTS, S. C. **Exploring the utility of social control theory for youth development: Issues of attachment, involvement, and gender.** Youth & Society, 2002, p. 123.

HOGAN, T. P. **Introdução à prática de testes psicológicos.** Rio de Janeiro: LTC, 2006.

HOWELL, J. C.; EGGLEY, JR., A. **Moving Risk Factors into Developmental Theories of Gang Membership.** Youth Violence and Juvenile justice, 2005.

HUEBNER, A. J.; BETTS, S. C. **Exploring the utility of social control theory for youth development: Issues of attachment, involvement, and gender.** Youth & Society, 2002, p. 123.

HUESMANN, L.R. **Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer.** Journal of Social Issues, 1986, p. 125.

HUESMANN, L. R.. **The role of social information processing and cognitiveschema** in: the acquisition and maintenance of habitual aggressive behavior. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), Human aggression: theories, research, and implications for social policy. San Diego, California: Academic, 1998, p. 73.

HUSS, M. T. **Psicologia Forense: pesquisa, prática clínica e aplicações.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

HULTZ, C. S.; NUNES, C. H.; SILVEIRA, A. D.; SERRA, J.; ANTON, M.; WIECZOREK, L. S. **O desenvolvimento de marcadores para avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 1998, p. 395.

IPEA. SIPS. **Sistema de Indicadores de Percepção Social.** (2011). Segurança Pública. Brasília. Acessado em 30 de março de 2011, do [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/120705\\_sips\\_segurancapublica.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/120705_sips_segurancapublica.pdf).

JENSEN, G. F. **Parents, Peers, and Delinquent Action: A test of the Differential Association Perspective.** American journal of sociology, 1972.

JESSOR, R.; JESSOR. S. **A social-psychological framework for studying drug use.** research monograph, 1980, p. 102.

JOHNSON, M. C.; KERCHER, G. A. **ADHD, strain, and criminal behavior: A test of general strain theory.** Deviant Behavior, 2007, p. 131.

JOHN, O. P.; SRIVASTAVA, S. **The big-five trait taxonomy: history, measurement, and theoretical perspectives.** In: L. Pervin & O. P. John (Orgs.), *Handbook of personality: theory and research*, (2ªed). Nova York: Guilford Press, 1999, p. 102.

KAPLAN, H. B. **Increase in self-rejection as an antecedent of deviant responses.** *Journal of Youth and Adolescence*, 1975, p. 281.

KAPLAN, H. B.; JOHNSON, R. J.; BAILEY, C. A. **Self-rejection and the explanation of deviance: Refinement and elaboration of a latent structure.** *Social Psychology Quarterly*, 1989, p. 110.

KAPLAN, H. B.; LIN, C. H. **Deviant identity, negative self-feelings, and decreases in deviant behavior: The moderating influence of conventional social bonding.** *Psychology, Crime & Law*, 2005, p. 289.

KAPLAN, H. B.; MARTIN, S. S.; JOHNSON, R. J. **Self-rejection and the explanation of deviance: Specification of the structure among latent constructs.** *American Journal of Sociology*, 1986, p. 384.

KAPLAN, H. B.; PECK, B. M. **Self-rejection, coping style, and mode of deviant response.** *Social science quarterly*, 1992, p. 903.

KAWAGUTI, L. **Brasil tem 4ª maior população carcerária do mundo e deficit de 200 mil vagas.** *BBC Brasil* (2012). Recuperado em 08 de setembro de 2013, de [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/05/120529\\_presos\\_onu\\_lk.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/05/120529_presos_onu_lk.shtml).

KEMP, D. E.; CENTER, D. B. **An investigation of Eysenck's Antisocial Behavior Hypothesis in general education students and students with behavior disorder.** Personality and Individual Differences, 2003, p. 1.

KLOPF, J.; KOFLER-WESTERGREN, B.; MITTERAUER, B. **Towards Action-oriented Criteria in Risk Assessment.** International Journal of Forensic Mental Health, 2012, p. 47.

KRISTENSEN, C. H.; LIMA J. S.; FERLIN, M.; FLORES, R. Z.; HACKMANN, P. H. **Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica.** Estudos de Psicologia, 2003, p. 175.

KROHN, M., D.; MASSEY, J., L. **Social Control and Delinquent Behavior: An examination of the Elements of the Social Bond.** The sociological Quarterly, 1980, p. 21.

LEMOS, I. T. **Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinvente.** Análise Psicológica, 2010, p. 117.

LETTIERI, D.; SAYERS, M.; PEARSON, H. W. **Theories on drug abuse.** Rockville, UT: National Institute on Drug Abuse, 1980.

Loeber, R. & Farrington, D. P. **Young children who commit crime: Epidemiology, developmental origins, risk factors, early interventions, and policy implications.** Development and Psychopathology, 2000, p. 737-762

LORD, W. **Use of the 16PF in UK: applications in the work place.** European Review of Applied Psychology, 1996, p. 67.

LORENZ, K. **On aggression**. Nova York: Hartcourt, Brace & World, 1966.

LORESNZ, K. **Os Fundamentos da Etologia** (Cruz, P. M. & Alberts, C. C., tradução). São Paulo: Universidade Estadual Paulista. (Trabalho original publicado em 1903), 1995.

LUNDIN, R. W. **Personalidade: uma análise do comportamento**. São Paulo: E.P.U. – Editora Pedagógica e universitária, 1977.

LYNAM, D. R. **Psychopathy from the perspective of the five-factor model of personality**. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Personality disorders and the Five-factor model of personality* p. 325–348). Wash- ington, DC: American Psychological Association, 2002

MARTIN, N.; JARDINE, R. **Eysenck's contributions to behaviour genetics**. In: S. Modgill, L. Modgill, *Sexism and stereotypes in modern society* (45-73). Washington, DC: American Psychological Association, 1986.

MARSHALL, W. L.; FERNANDEZ, Y. M. **Phallometric testing with sexual offenders: Limits to it value**. *Clinical Psychology Review*, 2000, p. 807-822.

MASON, W. A.; WINDLE, M. **Family, religious, school and peer influences on adolescent alcohol use: A longitudinal study**. *Journal of Studies on Alcohol*, 2001, p. 44-53.

MATSUEDA, R. L. **Testing control theory and differential association: A causal modeling approach**. *American Sociological Review*, 1982, p. 489-504.

MATSUEDA, R. **The current state of differential Association theory**. *Crime & Delinquency*, 1988, p. 3.

MATSUEDA, R. L.; HEIMER, K. **Race, Family Structure, and delinquency: a test of differential Association and social Control Theories.** American Sociological review, 1987, p. 6.

MCCRAE, R. R. **O que é personalidade?.** In: C. Flores-Mendonza & R. Colom (Orgs.), Introdução à psicologia das diferenças individuais (203-218). Porto Alegre: Artmed, 2006.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. Jr. **Openness to experience.** In: R. Hogan W. H. Jones, Perspectives in personality, 1985, p. 145-172.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. Jr. **Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers.** Journal of Personality and Social Psychology, 1987, p. 81-90.

MERTON, R. K. **Sociologia: Teoria e estrutura.** São Paulo: Mestre Journal, 1938/2002.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. **Psicologia Social.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MILLER, J.D.; LYNAM,D.R.; WIDIGER,T.A.; LEUKEFELD. **Person- ality disorders as extreme variants of common personality dimensions.** Can the Five-factor model of personality adequately represent psychopa- thy?. Journal of Personality, 2001, p. 253–276.

MILLER, J. D.; LYNAM, D.; LEUKEFELD, C. **Examining antisocial behavior through the lens of the five factor model of personality.** Aggressive Behavior, 2003, p. 497-514.

MILLER, J. D.; LYNAM, D. R. **Psychopathy and the Five-Factor Model of Personality: A Replication and Extension.** Journal of Personality Assessment, 2003, p. 168–178

MILLER, P. **Family structure, personality, drinking, smoking and illicit drug use: A study of UK teenagers.** Drug and Alcohol Dependence, 1997, p. 121-129.

MILLER, N.E.; DOLLAR, J.; DOOB, L.W.; MOWRER, O.H.; SEARS, R.R. **The Frustration- aggression hypothesis.** Psychological Review, 1941, p. 337-342.

MOFFITT, T. E. **Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy.** Psychological review, 1993, p. 674-701.

MOFFITT, T. E. **Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy.** Psychological review, 1993, p. 674-701.

MORANA, H. **Subtypes of antisocial personality disorder and the implications for forensic research: issues in personality disorder assessment.** Int.Med, 1999, p. 33-43

MORIZOT, J.; LE BLANC, M. **Searching for a developmental typology of personality and its relations to antisocial behavior: A longitudinal study of a representative sample of men.** Journal of Personality, 2005, p. 139-182.

MIÑOZ, C. ; F.; Hassemer, W. **Introdução à Criminologia.** Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2008.

MYERS, D. G. **Psicologia social.** 6a ed., Rio de Janeiro: LTC, 2014.

NAVAS-COLLADO, E.; MUNOZ-GARCIA, J. J. **Teorías explicativas y modelos preventivos de la conducta antisocial en adolescentes.** Cuadernos de Medicina Psicosomática y Psiquiatría de Enlace, 2005, p. 22-39.

NEWCOMB, M. D.; MCGEE, L. **Influence of sensation seeking on general deviance and specific problem behaviors from adolescence to young adulthood.** Journal of Personality and Social Psychology, 1991, p. 614-628.

ONU. **The Millennium Development Goals Report 2013**, New York: UN, 2013.

OTERO-LOPEZ, J. M. **Droga y delincuencia: Concepto, medida y estado actual del conocimiento.** Madri: Pirámide, 1996.

ÖZBAY, Ö.; ÖZCAN, Y. Z. **A Test of Hirschi's Social Bonding Theory Juvenile Delinquency in the High Schools of Ankara, Turkey.** International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 2006, p. 711-726.

PACHECO, BARBOSA J. T.; HUTZ, C. S. **Variáveis familiares predictoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2009, p. 213-219.

PAJARES, F.; OLAZ, F. **Teoria social cognitiva e auto-eficácia: Uma visão geral,** Em A. Bandura, R. G. Azzi & S. Polydoro (Eds.), Teoria cognitiva: Conceitos básicos (pp. 97-114). Porto Alegre: Artmed, 2008.

PANICHI, R. M. D.; WAGNER, A. **Comportamento de risco no trânsito: revisando a literatura sobre as variáveis predictoras da condução perigosa na população juvenil.** Interamerican Journal of Psychology, 2006, p. 159-166.

PAREDES, D. H.; CÓRDOVA, H. M. **Comportamiento antisocial durante la adolescencia: teoría, investigación y programas de prevención.** Revista de Psicología, 2012, p. 202-247.

**PATRICK, C. J. Operationalizing the Triarchic Conceptualization of Psychopathy: Preliminary Description of Brief Scales for Assessment of Boldness, Meanness, and Disinhibition.** Manual não publicado. Florida State University, Flórida, 2001.

**PATRICK, C. J.; FOWLES, D. C.; KRUEGER, R. F. Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness.** Development and Psychopathology, 2009, p. 913–938.

**PATRICK, C.J.; ZEMPOLICH, K.A. Emotion and aggression in the psychopathic personality - criminal psychopaths and their victims.** Aggression and Violent Behavior. 1998, pp. 303-338.

**PATTERSON, G. R.; SHAW, D. S.; SNYDER, J. J.; YOERGER, K.. Changes in maternal ratings of children's overt and covert antisocial behavior.** Aggressive Behavior, 2005, 473-484.

**PAUMONEN, S. V.; ASHTON, M. C. Big five and facets the prediction of behavior.** Journal of Personality and Social Psychology, 2001, 538-556.

**PENNEY, S. R.; MORETTI, M. M. The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys.** Behavioral Sciences and the Law, 2007, p. 21-41.

**PERUGINI, M.; GALLUCII, M.; LIVI, S. Looking for a simple Big Five factorial structure in the domain of Adjectives.** European Journal of Psychological assessment, 2000, p. 87-97.

**PERVIN, L. A.; JOHN, O. P. Personalidade: teoria e pesquisa, 8ªed.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

PETRAITIS, J.; FLAY, B. R.; MILLER, T. Q. **Reviewing theories of adolescent substance abuse: Organizing pieces in the puzzle.** Psychological Bulletin, 1995, p. 67-86.

PINEL, P. **Tratado médico filosófico sobre a alienação mental ou a mania.** Porto Alegre: Editora da UFRGS. (Trabalho original publicado em 1801).Paris: Brosson, 2007.

PRIMI, R. **Desmistificando bolas de cristal.** Psicologia: Ciência e Profissão, 2005, p. 19-22.

PORNARI, C.D.; WOOD, J. **Peer and cyber aggression in secondary school students: The role of moral disengagement, hostile attribution bias, and outcome expectancies.** Aggressive Behavior, 2010, p. 81–9.

QUEIROGA, F. **Seleção de pessoas e desempenho no trabalho: Um estudo sobre a validade preditiva dos testes de conhecimento.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2009.

REID, J. B.; EDDY, M. **The prevention of antisocial behavior: Some considerations in the search for effective interventions.** Em D. M. Stoff, J. Breiling & J. D. Maser (Orgs.), Handbook of antisocial behavior (pp. 343-356). Nova York: Wiley, 1997.

ROMERO, E. **Teorías sobre delincuencia en los 90.** Anuario de Psicología Jurídica, 1998, p. 95-107.

ROMERO, E. **La predicción de la conducta antisocial: Un análisis de las variables de personalidad.** Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Clínica e Psicobiologia, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, 1996.

Romero, E.; Luengo, M. A.; Sobral, J. **Personality and antisocial behavior: Study of temperamental dimensions**. *Personality and Individual Differences*, 2001, p. 329-348.

ROSENSTOCK, I.,M. **Social Learning theory and the Health Belief Model**. *Health educ.Behavior*, 1988.

ROS, M. **Psicologia social dos valores humanos: Uma perspectiva histórica**. In M. Ros & V. V. Gouveia (Eds.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 23-53), São Paulo: Editora Senac São Paulo. Silva & Nakano, 2001

SÁ, A. A. **Criminologia Clínica e Psicologia Criminal, 2º edição**. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 2010.

SANTOS; W. S. **Explicando Comportamentos Socialmente Desviantes Uma Análise Do Compromisso Convencional E Afiliação Social**. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SCARAMELLA, L.V.; CONGER, R.D.; SPOTH, R.; SIMONS, R.L. **Evaluation of a social contextual model of delinquency: A cross-study replication**. *Child Development*, 2002, p. 175-195.

SCHMITT, D. P.; ALLIK, J.; MCCRAE, R. R.; BENET-MARTÍNEZ. **The geographic distribution of Big Five personality traits: patterns and profiles of human self-description across 56 nations**. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 2007, p. 173-211.

SCHNEIDER, K.. **Les personnalités psychopathiques**. Paris: Presses Universitaires de France, 1923/1955.

SCHAFT, C. V.; KOSSON, D. S.; MCBRIDE, C. K.. **Exposure to violence within home and community environments and psychopathic tendencies in detained adolescents.** Criminal justice and behavior. 2013, p. 1027-1043.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**, 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Thompson Learning Edições, 2011.

SHAMAY-TSOORY, S. G.; HARARI, H.; AHARON-PERETZ, J.; LEVKOVITZ, Y. **The role of the orbitofrontal cortex in affective theory of mind deficits in criminal offenders with psychopathic tendencies.** Cortex, 2010, p. 668-77.

SHINE, S.K.. **Psicopatia**, 3<sup>a</sup> Ed.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Simons, R. L.; Conger, R. D.; Whitbeck, L. B. **A multistage social learning model of the influences of family and peers upon adolescent substance abuse.** Journal of Drug Issues, 1988, p. 293-315.

SMITH, T.W.; GLAZER, K.; RUIZ, J. M.; GALLO, L. C. **Hostility, anger, aggressiveness, and coronary heart disease: An interpersonal perspective on personality, emotion, and health.** Journal of Personality, 2004, p. 1217-1270.

STANFORD, M. S.; HOUSTON, R. J.; VILLEMARETTE-PITTMAN, N. R.; GREVE, K. W. **Premeditated aggression: clinical assessment and cognitive psychophysiology.** Personality and Individual Differences, 2003, p. 773–781

SOBRAL, J.; ROMERO, E.; LUENGO, A.; MARZOA, J. **Personalidad y conducta antisocial: Amplificadores individuales de los efectos contextuales**. *Psicothema*, 2000, p. 661-670.

SOEIRO, C.; GONÇALVES, R. A. **O estado de arte do conceito de psicopatia**. *Análise Psicológica*, 2004, p. 227-240.

SORIA, M. A. **La psicología criminal: Desarrollo conceptual y ámbitos de aplicación**. Em M. A. Soria & D. Sáiz (Orgs.), *Psicología criminal* (pp. 25-57). Madrid: Pearson. Scaramella & cols, 2005.

STATTIN, H.; MAGNUSSON, D. **The Role of Early Aggressive Behavior in the Frequency, Seriousness, and Types of Later Crime**. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1989, p. 710-71.

SUTHERLAND, E. H. **Principles of criminology**. Filadelfia: Lippincott, 1939/1947.

SUTHERLAND, E. H. **White-collar criminality**. *American Sociological Review*, 1940, p. 1-12.

SUTHERLAND, E. H. **Is “white collar crime” crime?** *American Sociological Review*, 1945, p. 132-139.

SUTHERLAND, E. H.; CRESSEY, D. R. **Criminology**. Nova York: Lippincott, 1974/1978.

TAM, F.; TAKI, M. **Bullying among girls in Japan and Hong Kong: An examination of the frustration-aggression model**. *Educational Research and Evaluation*, 2007, p. 373 – 399.

TEDESCHI, J.T.; FELSON, R.B. **Frustration, aversiveness and aggression.** In: *Violence, aggression, and coercive actions*. Tedeschi, James T. (Editor) & Felson, Richard B. (Editor). Washington, DC, US: American Psychological Association, 1994.

THAU, S.; CROSSLEY, C.; BENNETT, R. J.; SCZESNY, S. **the relationship between trust, attachment, and antisocial work behaviors.** *Human relations*, 2007.

THORBERRY, T. P. **Toward an interactional theory of delinquency.** *Criminology*, 1987, p. 863-891.

THORBERRY, T. P. **Empirical support for interactional theory: A review of the literature.** Em J. D. Hawkins (Org.), *Delinquency and crime: Current theories* (pp. 198-235). Nova York: Cambridge University Press, 1996.

THORBERRY, T. P.; LIZOTTE, A. J.; KROHN, M. D.; FARNWORTH. **Testing interactional theory: An examination of reciprocal causal relationship among family, school, and delinquency.** *Crimin Law Criminol*, 1992, p. 3-35.

TÓTH, M.; HALÁZ, J.; MIKICS, É.; BARSY, B.; HALLE, J. **Early Social Deprivation Induces Disturbed Social Communication and Violent Aggression in Adulthood.** *Behavioral Neuroscience*, 2008, p. 849 -854.

TREMBLAY, R. E. **The development of aggressive behavior childhood: What have we learned in the past century?** *International journal of behavioral development*. 2000, p. 129-141.

VACHON, D. D.; LYNAM, D. R.; WIDIGER, T. A.; MILLER, J. D.; MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. **Basic traits predict the prevalence of personality disorder across the life span: the example of psychopathy.** *Psychol Sci*, 2013, p. 698-705.

VASCONCELOS, C.; PRAIA, J. F.; ALMEIDA, L. S. **Teorias de Aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução à aprendizagem.** *Psicologia Escolar e Educacional*, 2003.

VANDENBOS, G. R. **Dicionário de Psicologia (American Psychological Association - APA).** Porto Alegre: Artmed, 2010.

VASCONCELLOS, J. *Aprovado relatório final do Mutirão Carcerário em Alagoas.* **Agência CNJ de Notícias** (2013). Recuperado em 19 Dezembro de 2013. De <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/27215-aprovado-relatorio-final-do-mutirao-carcerario-em-alagoas>.

VASCONCELOS, T. C.; GOUVEIA, V. V.; PIMENTEL, C. E.; PESSOA, V. S. **Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal.** *Estudos de Psicologia*, 2008, p. 55-65.

VAUGH, M.G.; HOWARD, M.O. **The construct of psychopathy and its potential contribution to the study of serious, violent, and chronic youth offending.** *Youth Violence and Juvenile Justice*, 2005, p. 235-252.

VIRGOLINI, J. E. **Crímenes excelentes: delitos de cuello blanco, crimen organizado y corrupción.** Editores del Puerto, 2004.

VIEIRA, T. M.; MENDES, F.; GUIMARÃES, L. C. **Aprendizagem social e comportamentos agressivo e lúdico de meninos pré-escolares**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2010, p. 544-553.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2012: Os Novos Padrões de Violência Homicida no Brasil, 1ªed.** São Paulo: Instituto Sangari, 2012.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2013: Mortes Matadas por Armas de Fogo, 1ªed.** São Paulo: Flacso Brasil, 2013.

WALNSLEY, R. **World Prison Population List. International Center for Prison Studies, 10ed.** Victoria Charity, 2013.

WEAVER, S. R.; PRELOW, H. M. **A mediated-moderation model of maternal parenting style, association with deviant peers, and problem behaviors in urban African American and European American adolescents**. Journal of Child and Family Studies, 2005, p. 343-356.

WHITE, H. R.; BATES, M. E.; BUYSKE, S. **Adolescence-limited versus persistent delinquency: Extending Moffitt's hypothesis into adulthood**. Journal of Abnormal Psychology, 2001, p. 600-609.

WIDIGER, T. A.; LYNAM, D. R. **Psychopathy and the five-factor model of personality**. In: T. Millon,; E. Simonsen,; M. Birket-Smith, & R.D. Davis (Eds.), Psychopathy: Antisocial, criminal, and violent behaviors (pp.171–187). New York: Guilford, 1998.

## ANEXO A

### Questionário de Agressão de Buss-Perry

**INSTRUÇÕES** – Por favor, leia atentamente as frases abaixo e pensando em você mesmo, indique o quanto concorda ou discorda de cada uma delas. Para isso utilize a escala de resposta abaixo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

- 01.\_\_\_\_ Se alguém me bater, eu bato de volta.
- 02.\_\_\_\_ Quando me provocam o suficiente, é possível que eu bata em outra pessoa.
- 03.\_\_\_\_ Alguns amigos dizem que sou cabeça quente.
- 04.\_\_\_\_ Algumas vezes gostaria de saber por que sou tão exigente com as coisas.
- 05.\_\_\_\_ Eu tenho ameaçado algumas pessoas que conheço.
- 06.\_\_\_\_ Eu entro em brigas um pouco mais que outras pessoas.
- 07.\_\_\_\_ Eu desconfio de pessoas estranhas que são amigáveis demais.
- 08.\_\_\_\_ Quando decepcionado, deixo minha irritação aparecer.
- 09.\_\_\_\_ Sei que “amigos” falam de mim pelas costas.
- 10.\_\_\_\_ Meus amigos dizem que sou bastante discutidor (cabeça quente, esquentado), sempre tenho algo a debater.
- 11.\_\_\_\_ Algumas vezes me sinto como uma bomba prestes a explodir.
- 12.\_\_\_\_ Fico furioso (a) facilmente, mas também me acalmo rapidamente.
- 13.\_\_\_\_ Às vezes fico nervoso (a) sem nenhuma boa razão e não consigo me controlar.
- 14.\_\_\_\_ Existem pessoas que me provocam tanto que nós acabamos brigando.
- 15.\_\_\_\_ Eu tenho ficado tão nervoso (a) e irritado(a) que quebro coisas.
- 16.\_\_\_\_ Quando as pessoas me aborrecem, é possível que eu fale o que realmente penso delas.
- 17.\_\_\_\_ Tenho dificuldade em controlar meu temperamento.
- 18.\_\_\_\_ Algumas vezes o ciúme me corrói por dentro.
- 19.\_\_\_\_ Algumas vezes eu sinto que as pessoas estão rindo de mim pelas costas.
- 20.\_\_\_\_ Constantemente me vejo discordando das pessoas.
- 21.\_\_\_\_ Se eu tiver que partir para violência para garantir os meus direitos, eu parto.
- 22.\_\_\_\_ Uma vez ou outra não consigo controlar a vontade de bater em outra pessoa.

23. \_\_\_\_ Às vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo.
24. \_\_\_\_ Quando as pessoas são muito gentis, duvido de suas intenções.
25. \_\_\_\_ Outras pessoas parecem sempre se controlar para não desrespeitar as leis.
26. \_\_\_\_ Eu não consigo ficar calado (a) quando as pessoas discordam de mim.

## ANEXO B

### Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – IGFP

**INSTRUÇÕES.** A seguir encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números na escala abaixo que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo e anote no espaço ao lado de cada afirmação. Vale ressaltar que não existem respostas certas ou erradas. Utilize a seguinte escala de resposta:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

#### Eu me vejo como alguém que ...

- \_\_\_ 01. É conversador, comunicativo.
- \_\_\_ 02. Às vezes é frio e distante.
- \_\_\_ 03. Tende a ser crítico com os outros.
- \_\_\_ 04. É minucioso (cuidadoso), detalhista no trabalho.
- \_\_\_ 05. É assertivo (Afirma aquilo de que tem certeza), não teme expressar o que sente.
- \_\_\_ 06. Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.
- \_\_\_ 07. É depressivo, triste.
- \_\_\_ 08. Gosta de cooperar com os outros.
- \_\_\_ 09. É original, tem sempre novas ideias.
- \_\_\_ 10. É temperamental (facilmente excitável), muda de humor facilmente.
- \_\_\_ 11. É inventivo (tem talento em inventar), criativo.
- \_\_\_ 12. É reservado (discreto, pouco comunicativo).
- \_\_\_ 13. Valoriza o artístico, o estético.
- \_\_\_ 14. É emocionalmente estável, não se altera facilmente.
- \_\_\_ 15. É prestativo e ajuda os outros.
- \_\_\_ 16. É, às vezes, tímido, inibido.
- \_\_\_ 17. Pode ser um tanto descuidado.
- \_\_\_ 18. É amável, tem consideração pelos outros.
- \_\_\_ 19. Tende a ser preguiçoso.
- \_\_\_ 20. Faz as coisas com eficiência.
- \_\_\_ 21. É relaxado, controla bem o estresse.
- \_\_\_ 22. É facilmente distraído.
- \_\_\_ 23. Mantém-se calmo nas situações tensas.
- \_\_\_ 24. Prefere trabalho rotineiro.
- \_\_\_ 25. É curioso sobre muitas coisas diferentes.
- \_\_\_ 26. É sociável (se relaciona bem em sociedade), extrovertido (se comunica com facilidade, expansível).
- \_\_\_ 27. É geralmente confiável.
- \_\_\_ 28. É, às vezes, rude (grosseiro) com os outros.
- \_\_\_ 29. É cheio de energia.
- \_\_\_ 30. Começa discussões, disputas com os outros.
- \_\_\_ 31. É um trabalhador de confiança.
- \_\_\_ 32. Faz planos e os segue a risca (como planejado).
- \_\_\_ 33. Tem uma imaginação fértil.
- \_\_\_ 34. Fica tenso com frequência.
- \_\_\_ 35. É engenhoso, alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.
- \_\_\_ 36. Fica nervoso facilmente.
- \_\_\_ 37. Gera muito entusiasmo (empolgação).
- \_\_\_ 38. Tende a ser desorganizado.

- \_\_\_ 39. Gosta de refletir, brincar com as idéias.
- \_\_\_ 40. Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.
- \_\_\_ 41. Preocupa-se muito com tudo.
- \_\_\_ 42. Tende a ser quieto, calado.
- \_\_\_ 43. Tem poucos interesses artísticos.
- \_\_\_ 44. É sofisticado (refinado, exigente) em artes, música ou literatura.

## ANEXO C

### Levenson Self-Report Psychopathy scale - LSRS

Por gentileza, assinale o quanto você concorda com cada uma das seguintes afirmativas. Quanto mais você concorda, maior o número que deve ser assinalado e vice-versa.

Discordo totalmente	1 ----- 2 ----- 3 ----- 4	Concordo totalmente
---------------------	---------------------------	---------------------

	1	2	3	4
1. Eu não me importo com os fracassados				
2. Para mim, o que importa é eu “levar a melhor”				
3. No mundo de hoje, sinto que é certo fazer qualquer coisa para me dar bem				
4. Meu principal objetivo na vida é acumular o maior número de bens que eu puder				
5. Fazer dinheiro é a minha meta mais importante				
6. Eu não me importo com os valores morais, mas apenas com os custos e os benefícios.				
7. As pessoas que são burras o suficiente para serem enganadas geralmente merecem isso				
8. Cuidar de mim mesmo é a minha maior prioridade				
9. Digo às outras pessoas o que elas querem ouvir para que elas façam o que eu quero				
10. Eu ficaria chateado se meu sucesso viesse à custa de outras pessoas				
11. Eu geralmente admiro um golpista inteligente				
12. Eu tento cuidar para não magoar outras pessoas para atingir minhas metas				
13. Eu gosto de me aproveitar dos sentimentos das pessoas				
14. Eu me sinto arrependido se falo ou se faço coisas que causam sofrimento a outras pessoas				
15. Mesmo se eu estivesse me esforçando para vender alguma coisa, eu não mentiria				
16. Trapacear não é correto porque é injusto com as outras pessoas				
17. Eu me meto nos mesmos problemas repetidamente				
18. Eu me entedio com frequência				

19. Não tenho problemas para perseguir um objetivo de longo prazo				
20. Eu não planejo nada com muita antecedência				
21. Eu rapidamente perco o interesse por tarefas que inicio				
22. A maioria dos meus problemas se deve ao fato de que as pessoas não me entendem				
23. Antes de fazer qualquer coisa, eu penso com cuidado nas possíveis consequências				
24. Eu tenho me envolvido em muitas discussões com outras pessoas				
25. Quando eu fico frustrado, eu descarrego minha raiva de alguma forma				
26. As pessoas dão valor demais ao amor				

## ANEXO D

### QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

01. Você é:  Homem  Mulher

02. Por favor, indique sua idade: \_\_\_\_\_ anos.

04. Cor da pele:  Branco  Pardo  Preto  Amarelo  Indígena

05. Estado Civil:  Solteiro  Casado  Separado  Outro

06. \_\_\_\_\_ Tipificação  
criminal: \_\_\_\_\_

07. \_\_\_\_\_ Tempo \_\_\_\_\_ de  
sentença: \_\_\_\_\_

08. \_\_\_\_\_ Tempo \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ sentença  
cumprida: \_\_\_\_\_

09. Tempo em atividade de ressocialização (caso se  
aplique): \_\_\_\_\_

10. \_\_\_\_\_ Atividade \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ ressocialização  
desenvolvida: \_\_\_\_\_

11. Escolaridade: \_\_\_\_\_

## ANEXO E



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**PROJETO DE PESQUISA:** Comportamento antissocial: uma avaliação a partir da agressividade, personalidade e psicopatia.

**OBJETIVO DA PESQUISA:** Avaliar o comportamento antissocial com base na agressividade, personalidade e a psicopatia.

**PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA PESQUISA:** Serão aplicados questionários individuais sobre agressividade, personalidade e psicopatia. O tempo médio de resposta é de 20 minutos.

**COORDENADOR DA PESQUISA:** Germano Gabriel Lima Esteves

#### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A partir do presente documento, declaro ter conhecimento dos objetivos da pesquisa, que me foram apresentados pelo responsável pela aplicação do questionário.

Estou informado (a) de que, se houver qualquer dúvida a respeito dos procedimentos adotados durante a condução da pesquisa, terei total liberdade para questionar ou mesmo me recusar a continuar participando da investigação.

Meu consentimento está condicionado aos seguintes critérios:

1. Não serei obrigado (a) a realizar nenhuma atividade em que não me sinta disposto (a) e capaz;
2. Não participarei de qualquer atividade que possa vir a trazer qualquer prejuízo;
3. O meu nome e dos demais participantes da pesquisa não serão divulgados;
4. Todas as informações individuais terão o caráter estritamente confidencial;
5. Os pesquisadores estão obrigados a me fornecer, quando solicitados, as informações coletadas;
6. Posso, a qualquer momento, solicitar que os meus dados sejam excluídos da pesquisa;
7. A pesquisa será suspensa imediatamente caso venha a gerar conflitos ou qualquer mal-estar dentro do local onde ocorre.

Ao assinar este termo, passo a concordar com a utilização das informações para os fins a que se destina, salvaguardando as diretrizes das Resoluções 196/96 e 304/2000 do Conselho Nacional de Saúde, desde que sejam respeitados os critérios acima enumerados.

Nome do responsável na Instituição pela coleta:

\_\_\_\_\_

Concordo em participar: ( ) Sim ( ) Não

Pode rubricar aqui, por favor \_\_\_\_\_

Local:.....

Data: .....



Destaque aqui

---

-----  
Contatos da pesquisadora responsável pela pesquisa:

Email: [gabriell\\_lima@hotmail.com](mailto:gabriell_lima@hotmail.com)

Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro dos Martins - Maceió - AL,

CEP:57072-900

Caso tenha interesse em receber os resultados, entre em contato.